

ANO IV - N.º 164

Oferta
- 0. NOV. 1998

6
FOLHETO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

A HISTÓRICA RENDIÇÃO ALEMÃ EM CHERBURGO

(Leia, neste número, uma descrição inédita deste memorável feito de guerra).



As coristas do Avenida, que são treze, fizeram a sua festa artística. Quiseram ficar nesta foto com Tereza Gomes, a sua madrinha e grande amiga de sempre, como elas dizem. (Ver reportagem na página de Teatro)

**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Quando o sol aparece...

O Lisboa tem saudades da sua velha cidade. Tudo na vida evolue. O progresso, na sua marcha vertiginosa, derruba — e constrói. Onde estava a palhota, ergueu o palácio; onde havia a estrada, levantou o macadame; e, do silêncio calmo, renasceu o febril ruído da multidão que se agita. A velha Lisboa está mudada. As antigas casinhas de trepedeiras e as ruas estreitas de bico de gás ficaram nos domínios dos amarelecidos rotetos — hoje são grandes avenidas, debruadas de verdura, com prédios altos, de cinco andares. A cidade, como os homens, vive a sua hora. Foram-se as pilecas, as feiras — a de Alcântara e de Algeús — os velhos restaurantes típicos fora de portas e, no centro da cidade, as portas esplendorosas dos «dancings», dos «bars», abraçados de luz, continuamente tentam o Lisboa para o seu reinado efêmero de orgia.

A velha Lisboa, de cem anos atrás, tinha ainda o curioso aspecto duma capital de província. O passeio público agonizava — já com a avenida, aquele grandioso projecto de Rosa Araújo, a rasgar-se por ali acima para depois estacar, no meio do cascalho, como reparou Eça de Queiroz, numa das suas vindas a Portugal.

Na Madalena, em S. Roque e nos altos de S. Vicente, ainda os sinos gemiam, pesados, o toque das Avé-Marias. Na cidade pacata e ordeira de bons costumes fazia-se longo silêncio.

Os bicos de gás tremiam pondo uma claridade baça nas ruas mortas; na velha Mouraria, de faixas e alquiladores, dum tascos, o queixume dorido do faduncho vinha ainda mais encher de tristeza o casario acachapado e sem luz; e, nas casas burguesas, um sonolento serão, repisador, de piano e «crochets», começava deliciosamente. Meninas românticas, maclentadas e tristes, espreitavam, das vidraças ovaladas, o mancho dos seus sonhos. Hoje a cidade é outra. Na Mouraria já não há fado — e dança-se o «swing» — enquanto os faixas de lenço vermelho, calça apertada na canela e gingar atrevido, vestem cheviote acatitudo, dizem V. Ex. e discutem futebol. A própria Alfama — um ninho de poesia, que é um relictório saudável da cidade dos mouros — tem já estabelecimentos com parte francófila, desprezou a chinela e pede, encarecidamente, que o camaroteo amarrado lhe faça a derradeira limpeza para ser como as avenidas novas. Os bairros populares vão, assim, desaparecendo. Qualquer dia não temos uma casa típica, genuinamente portuguesa, tudo enzertado no estilo ecuitoteano de cimento armado e varandas com grades de ferro. E pena. Lisboa vai-se tornando uma cidade detestavelmente formosa. Se tem a sorte de possuir um lindo sol, uma longa perspectiva, um fundo de cenário que os arquitectos por mais que pensem não serão capazes de «camuflar» — a verdade é que as suas ruas são todas iguais, como aquêles monstros de grossos varões, onde os senhorios benemeritamente fecham os inquilinos a um conto e tal por mês. A cidade desenvolveu-se extraordinariamente. Quem passar pelas avenidas novas tem a noção que está dentro de outra cidade. Ruas bem tratadas, largos ajardinados, esplendidos prédios. Uma coisa, porém, ressalta logo: aquilo é uma cidade de silêncio. Nunca por lá se vêem crianças a brincar ou duas pessoas à janela. Se tem alguma vida é nas trazeiras. Enquanto nos bairros pobres toda a agitação cotidiana se faz de porta enrostada e de janela aberta — ali, pelo contrário, é com o ferrolho corrido, a tranca — e o telefone ligado para a polícia. Essas grandes artérias infundem tristeza. Aquêles bulício, aquêles ruídos dos pregões, aquêles azáfamas que dão o colorido pitoresco à cidade e enchem os bairros de vida, têm temor daquela longa perspectiva. Nem as varinas, nem os vendilhões, nem das carroçadas dos saloteiros, nem os ambulantes dos sorvetes se aproximam das avenidas. Apenas o polícia, sonolento, repisa o passeio e namora a cozinheira dum pacato andar. O resto é silêncio — silêncio pesado, denso, epologista até de quem se fecha em onze divisões e não quer espreitar o mundo, que é a rua que lhe fica mais abaixo. Por isso a cidade é mais vivida nestes pequenos labirintos onde a multidão vibra; é mais da chinela e da ganga, dos que sofrem e lutam.

E por isso, também, o sol, que é a candeiola dos pobres, brilha mais nos bairros da gente humilde. Contente e feliz, entra pelas casas dentro — encruça a roupa, aquece as almas e o corpo dos que não têm agasalhos. E, de manhã, muito cedo, é o sol que rompe como uma alvorada. Abrem-se janelas e postigos — enche-se a rua de ruído e de trabalho. As crianças, de ventre nu, rebelam-se no meio das imundícies e, quando nas Avenidas, a primeira varanda, pachorrenta, gemendo nos gonças de ferro, se abre, pela mão da criada para espreitar o dia, já uma multidão, fremente de entusiasmo, nessas oficinas e docas, ergue o malho e bate o rebite, ganhando o pão de cada dia...

E por isso que o sol aparece mais cedo na casa dos pobres...

MANUEL MARTINHO

PESCADORES DE AMANHÃ...



Já viu a Basílica da Estrela?

LISBOA tem muitos monumentos. Por preces e votos de reis se construíram algumas das nossas melhores jóias arquitectónicas. Se não temos faustosas igrejas, como existem espalhadas por toda a Espanha, é certo que muitos conventos, com as suas capelas, constituem motivo de admiração pelo relevo artístico dos seus estilos. No Largo onde existia o convento de Nossa Senhora da Estrela, de frades bentos, — e onde hoje existe o Hospital Principal Militar, que é a mesma casa religiosa adaptada — mandou a rainha D. Maria I erigir a Basílica da Estrela, que o vulgo conhece como convento da Estrela. Foi um voto piedoso a causa da sua fundação. Aquela rainha não tendo filhos, de seu marido e tio D. Pedro III, andava desgostosa. Um trono sem descendentes era, na realidade, uma das maiores preocupações dos reinantes. E D. Maria I orou, consecutivamente, pedindo a graça de ser mãe, que, se o viesse a ser, havia de mandar construir um templo formoso para adoração de Deus.

O filho apareceu — e D. Maria I, cheia de alegria, de mãos postas, agradeceu e mandou, imediatamente, cumprir a sua promessa. Onze anos trabalharam na construção da igreja. De 24 de Outubro de 1779 a 15 de Novembro de 1790.

A incumbência do desenho do edifício deram-na ao major Mateus Vicente. Logo começaram a chover protestos, que o arquitecto não tinha pulso para uma obra daquelas. E tantos defeitos encontraram no seu risco que Mateus Vicente, desatento, veio a morrer, quatro anos antes de acabados os trabalhos. Mateus Vicente, discípulo da escola de Mafra, trabalhador e estudioso, não conseguiu ver o seu nome ligado à história da Basílica, porque lhe sucedeu o major Realdo Manuel.

O acesso à formosa igreja é dado por três portas. A melhor peça deste edifício é o célebre Zimbório. Duma grande altura está logo visível mal se entra a barra do Tejo.

As torres, no mesmo género das de Mafra, são servidas por onze sinos. Também aqui, nesta construção, houve o fausto e a grandeza, que existiu em Mafra. Só o sino das horas pesa 4.124 quilos.

No vestíbulo podem ainda admirar-se duas formosíssimas estátuas: a de Nossa Senhora e de S. José. Outra maravilha são os mármorees que garantem os pavimentos e as paredes, todos em diversas cores, produzindo um efeito surpreendente. A capela-mór, tem duas esculturas primorosas: dois serafins, guardando o trono.

Quando D. Maria I morreu no Brasil, com 82 anos, ela que concebera o voto de mandar construir aquela igreja, devia, decerto, ter outro desejo: repousar eternamente no meio daquele templo que lhe deu a maior alegria da sua vida: ter um filho. E, no mauoléu, ao lado da epístola D. Maria I dorme o sono dos justos. Mais peças de arte possui a

igreja da Estrela. Todos os aiteares são adornados de quadros. Um deles foi pintado por D. Maria Benedita, princesa do Brasil — e é o que representa o coração de Maria. Outro grande artista trabalhou na construção daquele templo: Joaquim Machado de Castro, o discutido autor da estátua: equestre de D. José I. São dêle os baixos-relevos da frontaria e todas as esculturas do interior da igreja.

Esta obra custou, naquele tempo a soma fabulosa de 6.400 contos ou seja 16 milhões de cruzados. Por aqui se vê, que o voto duma rainha não era assim uma coisa para desprezar. Durante onze anos centenas de operários trabalharam, esforçadamente, para que a igreja ficasse pronta, no mais curto espaço de tempo.

Grandes carregamentos de pedras e mármorees, vindos das nossas mais famosas pedreiras, formaram no largo uma extensa oficina.

Só um homem, no meio daquela enorme tarefa, não conseguiu ver a sua obra: Mateus Vicente.

Esse que, durante sete anos, viveu só para o seu trabalho, desgostoso com os arremédos dos críticos, veio a succumbir, quando, quatro anos depois a igreja abria as suas portas.

UMA REPORTAGEM EM CINCO MINUTOS

Quando o combóio chega à estação...

JÁ vai distante o tempo em que os «parólios», desembarcados na estação do Rossio, mal «prantavam» os pés na cidade, abriam a boca em basbaquês e quasi se benziam da grande balbúrdia cidadina. Hoje nada oferece novidade. Se os prédios altos, as luzes, o ruído dos automóveis produzem estontamento — o certo é que, em dois minutos, o provinciano familiariza-se com a cidade e julga até que está na sua «aldeia». A «gare» do Rossio, à chegada dos combóios têm um grande movimento. Entra-se nela, comprando um bilhete, porque, na cidade, desde a água, tudo é pago em metal sonante. Ai é uma algariviada, uma mistura de vozes, e uma impaciência atroz — pois os horários marcam, mais ou menos a chegada dos combóios. Os carregadores, de ganga e boné de pala, andam de um lado para o outro, agitados, levando sobre os ombros grandes carregos. O factor, de galão dourado, vai apontando num papel, a carga que há-de seguir. São dez e dez — e o combóio ainda não chegou.

— Estava marcado para as dez! — diz um homenzinho com voz untuosa de lamúria. Mais gente chega.

— Naturalmente vem atrasado — esclarece um senhor respeitável, que tem fumado imenso. E, na realidade, deve vir bem atrasado. São quasi dez e meia — e já se passou meia hora do tempo marcado pelo horário.

Nisto um silvo agudo faz-se ouvir. — Já vem no túnel! Grita-se por todo o lado.

Mas passou mais um quarto de hora e o combóio não chegou. Então, desesperada, toda aquela gente faz roda em volta do factor. Este encolhe os ombros, diz que não sabe. O silvo de há momentos — era um combóio em manobras. Tudo refila, tudo se insurge.

Outro silvo se faz ouvir. Desta vez é que é certo. A máquina, a resfolgar, cansada, estaca. Cada um daquela multidão começa a gritar pelos parentes e conhecidos.

— António! Ó José! Maria! Ninguém responde!

Salem os passageiros apressados! — Mas este não é o Norte, o rápido do Porto?

E o factor, cheio de paciência, vai informando:

— Não senhor! Este é o de Sintra! Senta-se outra vez toda aquela multidão. E, por fim, quando muitos já faziam tenção de se ir embora, porque têm a vida a estragar-se, chega o combóio.

Há abraços, risos, beijos. Grande satisfação. Vieram do Porto — e parece, pela ternura, que chegaram dos Balcans. Os carregadores pegam nas malas e vem tudo, entre abraços, pelas longas escadas abaixo. Lisboa, ruidosa, barulhenta, abraçada de luz nem dá pela chegada de mais um combóio. Não admira; a multidão é egoísta e indiferente.

Mas quem se apercebe do caso são os basbaques do Rossio, aquêles que fizeram das esquinas verdadeiras esplanadas de recreio. Vêem bandos de trabalhadores, os que deixam a aldeia e, cheios de esperanças, tentam a vida da cidade.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Entre tantas reclamações que tenho visto formular, por intermédio da secção «Está de acordo com isto?», ainda não li uma, sequer, que aludisse a um facto que suponho de capital importância para uma parte da população, especialmente para aquela que tem de atravessar a cidade, por motivo dos seus afazeres.

Refiro-me às medidas de asseio (?) manifestado, não só pelos empregados da Câmara Municipal, mas também — num excesso de zelo, aliás incompreensível — pelos empregados dum grande número de estabelecimentos comerciais.

Tôdas as manhãs saio de casa às oito e três quartos, fazendo caminho, umas vezes pela rua da Palma, outras pela rua do Arco do Marquês do Algrete e Rua do Amparo, para atravessar o Rossio e subir depois o Chiado. E assisto sempre a esta coisa singular: ao abrir da porta de muitos estabelecimentos, os respectivos empregados, por seu motu-próprio ou recomendados por seus patrões, vêm para a rua varrer o lixo dos passeios, sem respeito algum por quem passa. À mesma hora, os varredores da Câmara procedem a idênticas medidas de limpeza, sem que a via pública esteja previamente regada. Em face disso, acontece naturalmente levantarem-se nuvens de poeira, tanto provocadas por uns como por outros.

Ainda hoje de manhã — eram 9,30 — assisti a dois casos: na rua do Carmo, um pouco adiante do Hotel Universo, um moço varria do passeio a lama que uma rega demasiado abundante casara; e ao voltar da rua do Carmo para a rua Garrett, outro moço fazia quasi a mesma coisa.

Não acha, sr. director, que a Câmara Municipal deve tornar proibitiva aos estabelecimentos comerciais aquela medida (ou pelo menos só permiti-la a hora de menos movimento) e que determinasse que os empregados da limpeza terminassem o seu serviço ai por volta das oito horas, quando o movimento ainda é muito pouco? Está de acordo com isto?

JOSE ANTONIO DA COSTA

Que se passa, sr. director? Então, para onde vão as moedas miúdas? Para onde vão os trocos? Que é feito das moedas de cinquenta centavos?

Nos carros eléctricos, o embaraço é permanente: toda a gente tem apenas moedas de dois mil e quinhentos para dar ao condutor. Estaremos, então, todos tão ricos que não temos dinheiro mais miúdo?

Deus sabe de todos, cada um sabe de si...

O que eu acho estranho é que as moedas de cinco e dez tostões tenham levado um encanto de desencantar e que não haja forma de se apanhar a jeito cada um dos açambarcadores de moedas pequenas.

Por outro lado, sr. director, permita que faça uma pergunta: as autoridades tomaram algumas providências no sentido de dar caça aos coleccionadores de moedas de dez escudos? Há por aí meninos — comerciantes, principalmente — que têm as gavetas cheias dessas moedas, na esperança de que cada uma delas valerá vinte escudos, pelo menos, depois da guerra...

E uma vez que estão com a mão na «massa» — perdoe o calemburgo — ainda quero chamar a atenção para estas duas circunstâncias: acabou-se com o meio tostão no carro eléctrico mas as companhias dos fósforos obrigam-nos a comprar as caixas aos pares...

Estará certo? Ao menos, ainda se aumentassem as caixas para três tostões...

JEREMIAS DIAS COSTA — Lisboa.

DESILUSÃO...



«Lulu» é guloso. Quando D. Rosa chega a casa, tem o costume de meter o narizinho na rede, sempre à espera do bolinho habitual...



Desta vez, «Lulu» acha que teve sorte. Nada, não é um simple-bóio — mas um grande pacote. Desta vez é que vai ser fartote!



Oh! que horror! «Lulu» — como as crianças — não gosta de óleo de fígado de bacalhau, e D. Rosa insiste em que ele «prove»...

Fase decisiva

A batalha que se travou nos confins do Pacífico, entre as ilhas Marianas e as ilhas Filipinas, além das baixas que envolveu — um dos comunicados do almirante Nimitz falou da perda de 747 aviões nipônicos, ali e nas ilhas Bonin — deu ao a certa polémica nos Estados Unidos. A batalha é decisiva — tinha começado por dizer a rádio americana. Na verdade, desde os grandes recontros de Midway e de Coral, a esquadra japonesa parecia poupar-se ao combate, pelo que o seu aparecimento tornara corrente a conjectura de que se talvez empenhara-se luta com carácter irremediável. As primeiras impressões tinham, efectivamente, carácter catastrófico para a frota de guerra nipônica. A pouco e pouco, porém, entre alternativas de confiança e de ansiedade, a verdade estabeleceu-se: a esquadra do Mikado, se bem que tendo sofrido apreciável volume de baixas, não fora aniquilada. Simplesmente, retirara. Do ponto de vista estratégico, o comando americano podia, de facto, anunciar uma vitória, por sinal de amplas perspectivas, a primeira das quais pode ser, justamente, a de deixar livre o caminho para o arquipélago das Filipinas, que os japoneses ocuparam logo no ímpeto inicial da sua ofensiva, tanto mais que, logo dias depois, se anunciou que a esquadra americana do Pacífico recebera o reforço de importantes unidades pesadas. Mas a opinião americana, apesar disso tudo, não escondia certa decepção. Como se assistisse a um gigantesco encontro de «base-balls», reclamava apaixonadamente um resultado espectacular, em vez de um aparente «match» nulo. A verdade é que, deste empate, um dos adversários, o japonês, saíra em condições de não poder voltar, talvez, a almejar o triunfo.

Esta linguagem desportiva pode parecer muito afastada da boa razão do comentário, mas é a que, em melhor medida, reflecte o modo de ser e de sentir da população do jovem continente que se ergue entre o Atlântico e o Pacífico. E não deixa de ser importante fazer entrar em linha de conta essa mentalidade, para não termos que nos mostrar surpreendidos, alguma vez, com interpretações que do curso da guerra nos possam chegar do hemisfério ocidental. Essa batalha naval ao largo das Marianas, por exemplo, prendeu por um momento a atenção do povo «yankees», muito mais que as próprias operações de invasão da Europa, já então em curso e com larga participação das armas americanas, que iam, por sinal, ilustrar-se no feito que levou à conquista da praça-forte de Cherburgo. Em boa verdade, o americano sentiu-se lançado na guerra pelo súbito golpe japonês contra Pearl-Harbour. O japonês é o seu concorrente, o seu rival directo, o que lhe pode disputar a hegemonia nos mares do Pacífico, que são o logradouro natural da expansão das suas actividades, ao passo que a campanha da Europa lhe aparece, por assim dizer, como episódio secundário, espécie de operação de polícia para meter na ordem um continente velho e tonto, que parece não saber viver sem o luzo daninho de quatro guerras por século...

Em vésperas de se decidir, pela contenda das urnas, o rumo que levará a política norte-americana, a presença destas verdades facilita a compreensão dos acontecimentos. Pela quarta vez consecutiva — facto sem precedentes na história da política dos Estados Unidos — o democrata Franklin Roosevelt se propõe candidato à presidência. As circunstâncias da guerra, entretanto, diluíram e esbateram muito os contornos entre os programas governativos dos dois partidos que têm por emblemas o asno e o elefante. O republicano Wilkie, por exemplo, está muito mais perto de Roosevelt do que alguns «leaders» democráticos do Senado. De modo que, em boa verdade, se o sufrágio decidisse que a Casa Branca passaria a ser ocupada pelo republicano Thomas Dewey, é de presumir que seriam praticamente nulas as consequências desse facto sobre as directrices gerais da política externa americana.

Tudo isto, no entanto, aparece como fundamental para o justo cálculo de quanto possa vir a acontecer, numa altura em que começam a revelar-se indícios de que pode a guerra ter chegado às proximidades da sua fase final. O primeiro rebate partiu do cauteloso Churchill — o que litera a coragem de não oferecer ao seu povo mais perspectivas que «sangue, lágrimas e suor» — ao anunciar agora que tudo se pode resolver este Verão. Excesso de optimismo?... Talvez, tanto mais que não tardou que, do lado alemão, surgisse a palavra de um informador oficial da Wilhelmstrasse transmitida aos jornalistas suecos: «A situação é muito grave... A decisão será obtida rapidamente. Aproximase a hora de saber se chegou o fim à Alemanha ou se esta conquistou a sua grande vitória». Mas logo, outro membro do gabinete britânico, o subsecretário Balfour, contrapõe: «Devo dizer ser minha opinião pessoal que o inimigo está ainda muito forte e será preciso ainda muito tempo para o derrotar». Doze horas depois, de Bertin, como que replicam: «A segunda guerra mundial entrou na sua fase decisiva. A ofensiva geral, resolvida em Teherão, não visava apenas a neutralizar a Alemanha, mas ao esmagamento do exército e do povo alemão».

Simple aspecto novo da guerra de nervos? Em boa verdade, a nova «arma» tem-se mostrado tão prodigiosa de imprevisão — que tudo se pode prever... Mas, assim como a ofensiva psicológica pretuiu as hostilidades em 1940, também a veremos abrir caminho para a paz de 1944?

J. R. S.

ALEMANHA

Casas para os sinistrados

NA Alemanha, à medida que reabentam as casas sob o péso da metralha — outras vão surgindo, erigindo-se como cogumelos para receber milhares de sinistrados, sem abrigo.

Essas casas são construídas de um modo simples e rápido, pois a área que ocupam não pode ir além de 23 metros quadrados, sendo desmontáveis e de transporte fácil.

Nas fábricas, fundem-se placas de uma textura especial que depois de cobertas com uma pequena camada de cimento, formam as paredes e os tetos das casas que, aliás, serão depois instaladas em terrenos que formam a pequena habitação, terreno para jardim ou horta capaz de produzir algo de útil à vida do Reich.

Actualmente, 40 mil casas foram já montadas e habitadas, enquanto em vias de acabamento outras 60 mil aguardarão novo destino errante.

Cada uma destas casas compõe-se de um vestíbulo, cozinha que serve

ao mesmo tempo de sala de refeições, e quarto de dormir. As instalações sanitárias, com quarto de banho, ficam num anexo. Todos os lotes em que as casas são instaladas ficam ligados aos condutores de água e muniões de bombas, para os casos de incêndio. A electricidade, naturalmente, não faz parte dos benefícios da organização Todt, de modo que é necessário recorrer ao petróleo ou a acção elétrica, quando a noite desce e cobre a Terra de luto.

Estes lares, naturalmente, não oferecem o conforto que os sinistrados tinham nas suas casas. Mas, livres da perigosidade, os alemães podem assim esperar, com certa tranquilidade, para um futuro melhor. Claro que se as exigências da guerra fossem menores e as fábricas mobilizadas não se vissem na necessidade de fabricar, cada vez mais, material para os campos de combate, certamente os alemães disporiam já hoje,

(Continua na pág. 28)



As crianças de Oslo é distribuído, diáriamente, caldo de aveia, com açúcar e leite, tudo oferecido pelos suecos. Actualmente, 90 mil crianças recebem, assim, meio litro de leite por dia.

NORUEGA

Um país ocupado que luta contra o destino

VAI para cinco anos que a Noruega está ocupada. E, não se diga que com isso os noruegueses se sentem já menos preocupados com o dia sempre esperado, de uma libertação mais ou menos distante. A sua luta contra o ocupante é permanente, sistemática, tudo fazendo para o oprimir e lhe complicar a existência. Ao lado dos homens — as mulheres seguem-lhes o exemplo. São elas, mesmo, que incitam os maridos e os filhos à resistência — colhem estas informações no «Illustré» de Lausana — e às centenas, para castigar o seu espírito combativo, são lançadas nos grandes centros de concentração.

A guerra dos noruegueses, porém, reveste-se, ainda, de outros aspectos que, nem por ser de «carácter heróico» — nem por isso se reveste de menos importância: é o dia-a-dia, a vida corrente, o vencer de energias e de necessidades, para que seja dominada a fome. Todos têm que trabalhar, tanto quanto possível, só para si e para os seus; os doentes têm que ser tratados, as crianças têm que ser educadas e instruídas nas doutrinas do povo, na consciência da Noruega — e quase tudo isto tem que ser planeado e realizado pelas mulheres, muito afoitas e decididas a fazer tódas as frentes ao ocupante.

Como passa, portanto, um dia para uma norueguesa?

A sua grande tragédia é a angariação — e por isso ela começa e acaba o dia pelas lojas, porque, não obstante haver racionamento, nenhuma lei existe a proibir a aquisição de géneros, fora do rateio e pelo preço que possam comprar-se.

Para conseguir um peixe congelado, a dona de casa tem que se levantar ao romper do dia — na certeza de que, nove vezes sobre dez, regressará a casa de mãos vazias.

E carne? Como se consegue obter carne, neste país essencialmente de pescadores?

Nos sete primeiros meses do ano passado, por duas vezes foram distribuídas, duzentas gramas de carne por pessoa. Leite, raras vezes há, e para o arranjar, é preciso ir para a «bicha», porque nas leiteiras não

há empregados que levem dois decilitros e meio a cada casa...

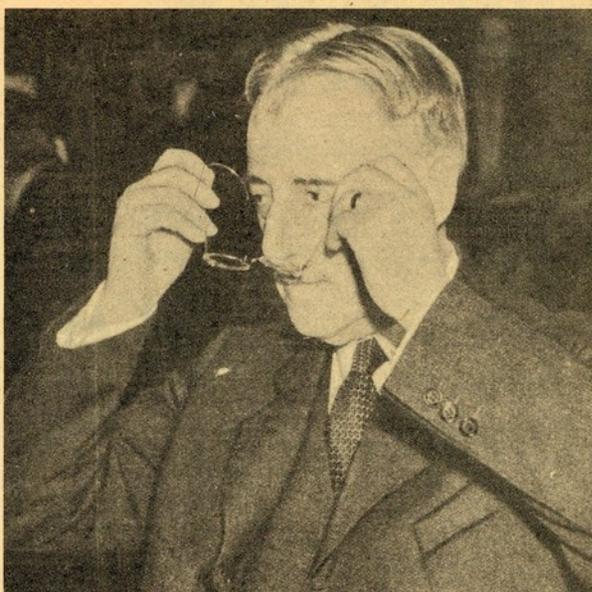
O problema do pessoal auxiliar é também penoso, porque o não há senão nos campos de concentração. Quanto a gorduras... Basta dizer que se esgotaram as reservas de sardinhas conservadas em óleo, que eram as melhores reservas dos noruegueses. Por seu lado, os legumes são tão raros que o seu aparecimento causa sempre sensação e curiosidade. Quanto às batatas, base actual da alimentação na Noruega, começam por sua vez a rarar.

Com tódas estas dificuldades, todavia, a mulher norueguesa não fraqueja. Estão cansadas, terrivelmente cansadas desta pequena grande luta quotidiana — mas anda de cabeça erguida. E põem a imaginação a trabalhar, para conseguir «derivados». Assim, conseguem fazer «café» de raízes de samúculo e «chá» de folhas das árvores dos pomares...

Mas as crianças sofrem de escorbuto e raquitismo. Vestem-se mal e calçam-se à custa do engenho materno, que consegue fazer «sapatos» sem serem sapateiros.

E a educação? E a formação moral das crianças? Elas são já educadas no sofrimento: sabem distinguir «amigos» de «inimigos». A juventude toma parte efectiva na guerra muda contra o ocupante. As suas famílias sabem que estão todos sujeitos às mais duras sanções se impedirem a entrada das crianças na «Juventude Nacional-Socialista» — mas não há perigos que todos não afrontem, nem irritação que de bom grado não provoquem. Assim, a guerra entre os «Quislings» e os «Jösslings» é terrível — os «Jösslings» são os patriotas e usam bóina vermelha com pompom ou a bandeira norueguesa na lapela...

Estes são apenas alguns aspectos da luta tremenda do dia-a-dia. Mas há muitos outros, terríveis, ignorados, silenciosos, vividos quanta vez na alma de um povo que ama a sua liberdade e quer provar de todos os modos, que não capitulou, que não abdicou e que não há-de morrer...



AMÉRICA

Na última quinzena de Abril registou-se em Washington um movimento desusado. Os Secretários de Estado para a Guerra e para a Marinha que eram respectivamente os srs. Stimson e o coronel Knox, este último falecido pouco tempo depois, fizeram declarações públicas sensacionais. Em seguimento dessas declarações, os chefes militares dos dois serviços que são o general Herbert Marshall e o almirante King, fizeram também discursos explosivos, coisa que não estava muito nos seus hábitos. Por último inesperadamente anunciou-se uma viagem à China do vice-presidente sr. Wallace, precisamente numa altura em que a campanha eleitoral vai entrar numa fase decisiva.

O Presidente dos Estados Unidos sabe que, para o seu povo, tudo o que se refere à guerra no Extremo Oriente e no Pacífico constitui um motivo não apenas de interesse legítimo mas de paixão veemente. E as declarações, feitas nessa altura, e os números, então revelados, dizem respeito às forças terrestres, navais e aéreas concentradas naqueles teatros de operações para demonstrarem que a prioridade dada à guerra contra a Alemanha não impediria os Estados Unidos de prepararem cuidadosamente a derrota rápida do seu inimigo tradicional, o Império japonês com a sua máquina militar.

DECLARAÇÕES IMPORTANTES

Que anunciavam, em resumo, aquelas importantes personalidades norte-americanas, quando tudo indicava que o seu pensamento se concentrava exclusivamente nos planos de invasão da Europa que iam ser postos em prática dentro de poucas semanas? O Secretário de Estado, Knox, revelava um bombardeamento recente das Kurilas e acrescentava para os representantes da imprensa: «isto é o princípio do que vai acontecer. Não tardará que nos não apoderemos das posições estratégicas que os japoneses ocupam actualmente no Pacífico norte».

O general Marshall passava em revista os efectivos do exército enviados para o Pacífico demonstrando que os serviços do Exército não haviam descurado os pedidos do general Mac Arthur, cuja popularidade continua a desafiar toda a concorrência entre os seus compatriotas.

Mas as declarações mais impressionantes vinham da boca do almirante King, de ordinário silencioso e parcimonioso nas suas suas revelações. O chefe supremo da esquadra americana dizia em resumo: «Vamos criar as condições para obrigar os japoneses a combater». A propósito o almirante King contou o que se passara com a esquadra norte-americana depois de Pearl Harbour, acrescentando ao seu pormenorizado relatório esta declaração que deixou os

seus ouvintes verdadeiramente perturbados: «Toda a gente supõe que, se não tivesse havido o ataque japonês a Pearl Harbour, a nossa esquadra do Pacífico seguiria para Manila afim de assegurar a defesa das Filipinas. Nada mais errado. Se o tivéssemos feito, correríamos para um desastre inevitável. Não tínhamos nessa altura forças para derrotar a esquadra japonesa e se travéssemos combate seríamos provavelmente vencidos».

DEPOIS DE PEARL HARBOUR

A revelação era, efectivamente, de molde a deixar espantados os mais calmos. Segundo a versão autorizada do almirante King, o chamado desastre de Pearl Harbour teria sido providencial, pois sem ele não se teria galvanizado a opinião pública nos Estados Unidos nem se teriam mobilizado os recursos da nação.

Além da esquadra, que se encontrava fundeada naquela base e que

foi, como os nossos leitores sabem, parcialmente inutilizada pelo ataque japonês de 7 de dezembro de 1941, havia uma pequena força naval a que pomposamente tinha sido dado o nome de esquadra da Ásia mas que era constituída apenas por um pequeno número de unidades de reduzido valor militar.

Ainda nos primeiros meses de 1942 os recursos navais de que os americanos dispunham no Pacífico eram reduzidíssimos. A grande vitória no Mar de Coral foi por eles conseguida, utilizando apenas dois porta-aviões, oito cruzadores e onze contra-torpedeiros. A batalha de Midway, que deu a superioridade aos americanos no Pacífico, foi ganha apenas com três porta-aviões, oito cruzadores, catorze contra-torpedeiros e onze submarinos.

Esse foi o ano crucial para a marinha americana, o ano durante o qual ela poderia ter sido batida sem o génio do almirante Chester Nimitz e sem a superioridade da sua aviação, tanto em material como em pessoal.

A ESQUADRA DOS DOIS OCEANOS

Nesses doze meses, incansável, o coronel Knox e os seus colaboradores percorriam os estaleiros e os arsenais. Aceleravam a construção da esquadra dos dois oceanos, a maior força naval de que há memória, e que decidirá em grande parte do domínio das rotas marítimas no período que se seguir à guerra actual.

Unidades, de todos os tipos e de todas as tonelagens, eram diariamente lançadas ao mar. Enquanto o Departamento de Marinha de Washington enviava para o Atlântico os seus navios mais antigos, afim de colaborar com a esquadra britânica no assalto à fortaleza europeia, os navios novos seguiam para o Pacífico onde, no decurso de 1943 e de 1944, os americanos concentraram uma força naval capaz de desafiar vitoriosamente o poderio naval dos japoneses.

As grandes unidades de linha, como os couraçados de 45 mil toneladas «Iowa» e «Nova Jersey» os recentíssimos e poderosíssimos cruzadores pesados de 13 mil toneladas, os porta-aviões grandes e pequenos de 23 e de 10 mil toneladas, chegavam incessantemente e colocavam-se sob as ordens do almirante Nimitz, unanimemente considerado como o maior chefe-naval desta guerra. Dos 400 mil marinheiros que os Estados Unidos tinham em 1941, havia agora mais de dois milhões. Os seus chefes estavam à altura das circunstâncias.

Por essa força gigantesca, realizada rapidamente por uma grande nação que se não havia preparado para a guerra, que infligiu agora uma derrota à esquadra japonesa, a terceira que esta sofre nas águas do Pacífico onde chegou a dominar sem contestação durante algum tempo.

A VITÓRIA NAVAL NO PACÍFICO

INGLATERRA

A 3 TEMPOS...



Eis como Montgomery veste a camisola a três tempos. Primeiro tempo: enfia a manga...



Segundo tempo: enfia a cabeça. Mas, oh! demónio, lá se esqueceu de que tinha a boina na cabeça!...



Terceiro tempo: um inglês é teimoso. A camisola está enfiada com a boina e tudo que, para o caso, a cabeça é que regula.



E, agora, eis-lo pronto para as lidões da batalha. A camisola ficou excelentemente vestida. O comandante do glorioso 8.º exército venceu mais esta batalha...

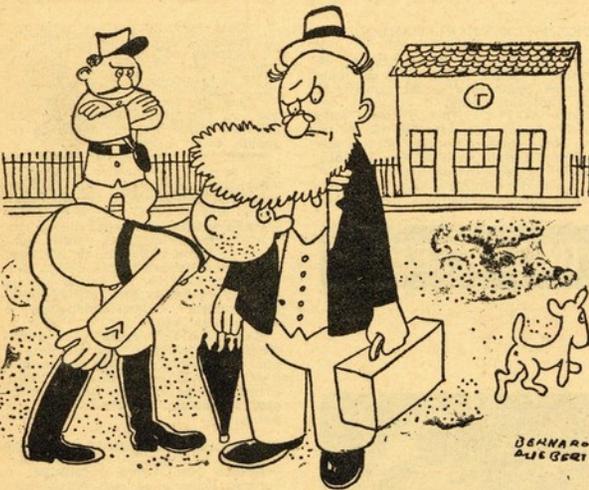
HUMORISMO

MANOBRAS...



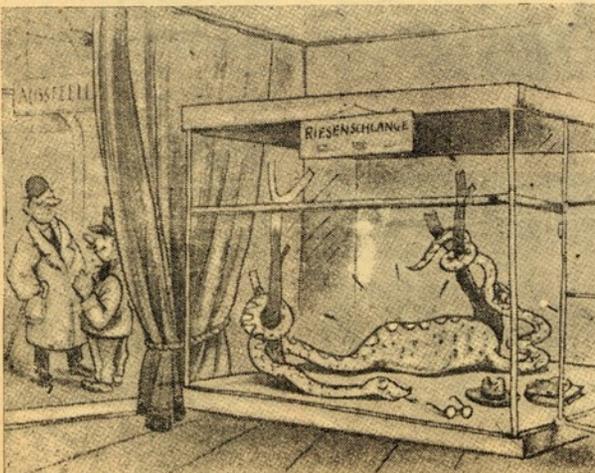
«Não te impacientes, Gestie. Não sabes que os soldados antes de avançar costumam fazer um reconhecimento?».

CONTRA OS AÇAMBARCADORES



— Desculpe, mas aqui até uma dúzia de ovos se escondiam!

NO JARDIM ZOOLOGICO



— Então, a serpente que estava doente, vai melhor?
— Sim, senhor... Olhe, agora mesmo está o veterinário a observá-la por dentro...

Meia dúzia das boas...

Um soldado, já de licença, vai à sua aldeia e procura o padre.

— Quero perguntar-vos, senhor cura, se é honesto que alguém se governe à custa das desgraças alheias...

— Mas, meu filho, com certeza que não!

O rosto do soldado ilumina-se:

— Ah! então, dai-me os 10 dólares que vos paguei quando há dois meses me casastes!

* * *

Kati — Que vais fazer com essas agulhas e essa lã?

Mary — Olha, uma coisa que sirva para divertir os soldados, coitadinhos...

Kati — Já sei, algumas luvas...

Mary — Não... um «maillots» de banho para mim...

* * *

Um escocês quis vender um daqueles «adressos» de saia e casaco que ele veste uma vez só na vida, porque nunca mais o tira. Compreende-se, pois, em que estado se encontraria o fato que era proposto à venda e pelo qual o adelo não queria pagar mais de dois xelins.

— O quê? Só dois xelins? — gritou o escocês — Então e os botões, que estão como novos?

* * *

Max Reger foi passear uma temporada a Mayence, onde acabava de falecer o grande Wagner. Então, o crítico musical de um jornal local, que havia assistido ao funeral do famoso compositor, vai visitar Reger, por sua vez um compositor célebre, e diz-lhe mal do morto. Reger, mal disposto, observa-lhe apenas, com certo desprezo:

— «Ora, meu caro, Wagner morreu, não pode defender-se!»

O crítico deixou o hotel furioso. Mais tarde, envia a Reger um cartão que terminava por dizer: «...pode ter a certeza de que não assistirei ao seu funeral...»

Reger sorriu e respondeu apenas: «Envio-lhe cordiais saudações e,

encantado, cá fico à espera de assistir ao seu funeral».

* * *

Num restaurante do Norte de África, um hotelero que acabava de inventar um novo prato confeccionado com carne de cavalo, pôs-lhe este nome sugestivo: «Hipposteck».

No dia seguinte, um outro hotelero que estava instalado mesmo defronte do primeiro, muito intrigado com o nome e o aceipe, foi perguntar a um freguês o que significava aquilo. O freguês fez-lhe uma dissertação sobre a raiz latina das palavras e, então, o segundo hotelero sentenciou:

— Quero um aceipe de cavalo em grego!

E, no dia seguinte, afixava, por cima de um belo naco de carne misteriosamente confeccionada: «Equusteck».

E assim continuou a luta greco-latina...

* * *

Esta história diz respeito a um dos ídolos actuais da guerra. Não se lhe pôe o nome, para que cada leitor a atribua, segundo o seu gosto, a esta ou àquela vedeta política...

O arcebispo de uma certa cidade, admirador do chefe e adorado pelos camponeses, todas as semanas ia pelas aldeias fazer prédicas, proclamar as doutrinas de Cristo e do homem que os governava na terra. Certo domingo, porém, quando principiava o serviço religioso, uma voz adepta do chefe se levantou:

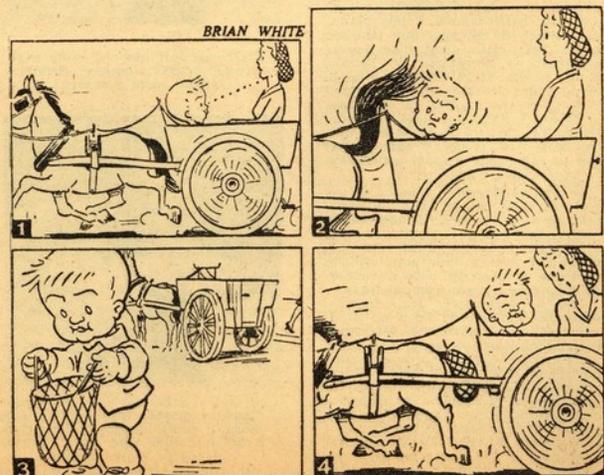
— É doloroso e incompreensível que um homem que não foi ferido, cujos filhos não estão no «front», cujas filhas e mulher não trabalham nas fábricas de guerra, possa ainda erguer a voz em público sem ser preso!

Então, o arcebispo, com palavras terríveis, protestou:

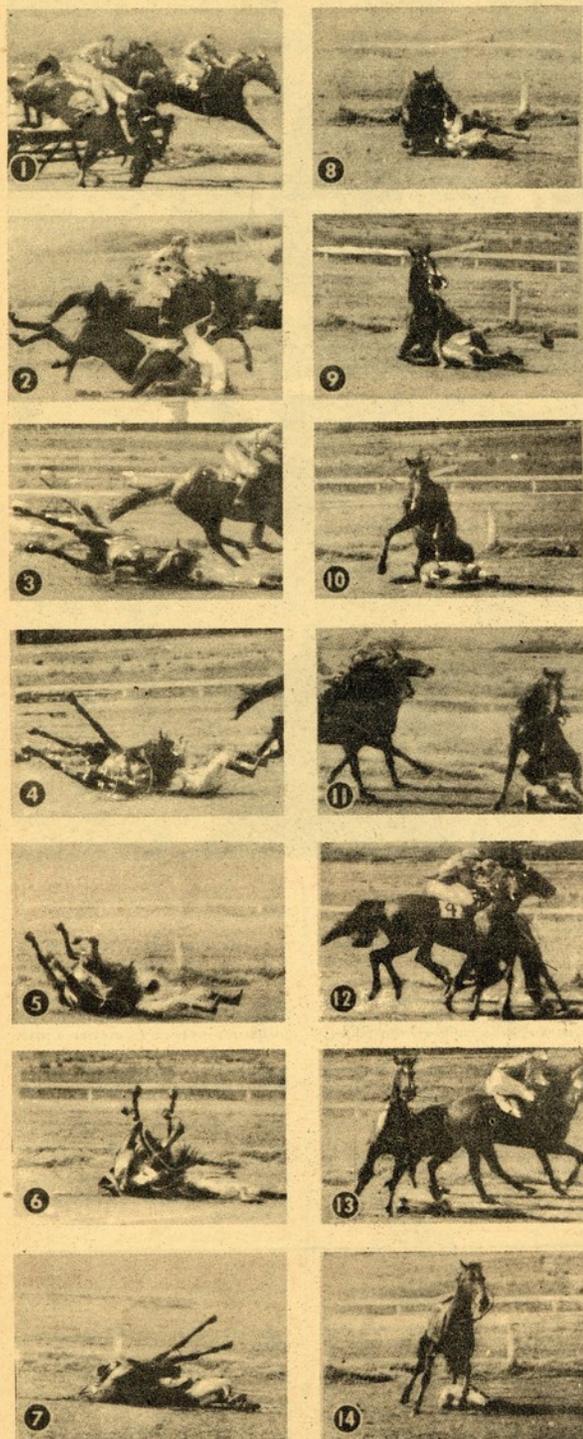
— Amaldiçoado seja quem for que, nesta reunião, levante a voz contra o nosso chefe bem-amado.

Contra quem falava o adepto do chefe?

HISTÓRIA SEM PALAVRAS



O CAVALO, O JOCKEY E O FOTÓGRAFO



Em Mentone, Melbourne, numa grande corrida de cavalos, o cavalo «Fort Belvedere» tropeçou e fez com que o «jockey» Caulfield fosse cuspidado da sela. Dando uma volta completa sobre si mesmo, «Fort Belvedere» evitou cuidadosamente pisar o «jockey» e quando estava quâsi de pé, viu que se aproximavam mais dois cavalos. «Fort Belvedere» fez barreira, protegendo, com o seu corpo, Caulfield, que está inanimado no chão, e depois continuou a correr até chegar à meta.

Foi Gerard Reilly, fotógrafo do «Herald», de Melbourne, que tirou estas notáveis fotografias com uma máquina que ele próprio construiu e que tira uma média de seis fotos por segundo.

COCKTAIL

Seis pequenas histórias de seis grandes homens

RABELLAIS

Rabellais acompanhou o cardeal Bellai que fora nomeado embaixador junto do Vaticano. O papa marcou-lhes audiência e o cardeal, quando se aproximou, curvou-se e beijou os pés de Sua Santidade. Ao ver isto, Rabellais ficou espantado e recuou afritamente alguns passos. Depois, éle explicou francamente ao Cardinal: — Pois se V. Eminência que é tão superior a mim, se curvou para beijar os pés do papa—eu, que não passo dum simples mortal, que poderia beijar!

WIELAND

Um dia, preguntaram ao célebre Wieland qual a razão por que um príncipe herdeiro podia ser coroado soberano aos catorze anos... mas só podia casar aos vinte.

E o poeta respondeu logo, graciosamente:

— Bem vêem... É muito mais fácil governar um país do que uma mulher!

RACINE

Durante muito tempo, Racine teve a presunção de querer passar por gentilhomen da Corte, ainda que os seus modos não fossem de cortesão. E assim começou a andar quâsi sempre na companhia do jóvem senhor de Cholseul, um fidalgo na verdadeira acepção da palavra.

Luís XIV soube disso e comentou, entre duas risadas:

— Percebo porque andam sempre juntos. Quando Cholseul vai na companhia de Racine, pensa que é um homem de espirito. E Racine, pelo facto de andar com Cholseul, julga-se um cortesão. São dois iludidos!...

VOLTAIRE

Numa bela tarde de verão, Voltaire andava passeando pela estrada, com um seu amigo.

A certa altura, passou junto d'elles um padre, seguido dos acólitos, conduzindo o cálice.

Longo Voltaire tirou o chapéu e se inclinou com respeito, até que o padre passasse.

O amigo não escondeu o pasmo:

— Reconciliate-te com Deus?

Voltaire fez um gesto vago:

— Ainda não... Cumprimentámo-nos, mas não falámos um com o outro!

SHAKESPEARE

Shakespeare tinha como colega um actor chamado Burbidge, que repre-

sentava o rei Ricardo III, nas suas célebres peças.

Burbidge e Shakespeare cortejaram a mesma dama, durante uma certa época. Mas Burbidge foi mais feliz e conseguiu um «rendez-vous» em casa da mulher dos seus sonhos. E combinou com ela apresentar-se sob o seu disfarce teatral: Ricardo III.

Shakespeare soube disso e não desanimou. Pelo contrário, arranjou as coisas de tal maneira que pôde introduzir-se em casa da dama, antes do rival aparecer.

E, assim, quando a camareira anunciou Ricardo III, Shakespeare mandou dizer a Burbidge:

— É melhor que consultes a história. Guilherme, o Conquistador, é anterior a Ricardo III e chegou antes d'ele.

De facto, Shakespeare estava vestido de Guilherme, o Conquistador!...

BERNARD SHAW

E para terminar esta verídica historietta acontecida com o incomparável Shaw. Quando «A Profissão da Senhora Warren» foi apresentada pela primeira vez num palco de Dublin obteve um sucesso clamoroso. Contudo, no meio dos aplausos intermináveis, havia um espectador que assobiava furiosamente numa chave.

Shaw veio ao palco e gritou, de propósito para o espectador:

— Estou de acôrdo consigo, cavalheiro. Mas diga-me: que havemos nós de fazer contra a opinião de toda esta gente?

O homem ficou tão apalermado, que se calou!...

Caprichos do calendário

São êles, respectivamente:

1—O ano começa e acaba sempre no mesmo dia.

2—Os meses de Janeiro e Outubro, Abril e Julho, Setembro e Dezembro, começam sempre por idéntico dia de semana.

3—Os meses de Fevereiro, Março e Novembro têm também o seu início no mesmo dia de semana.

4—Os séculos nunca se iniciam nem ao domingo nem à quarta-feira nem à sexta-feira.

5—Os calendários repetem-se integralmente de vinte e oito em vinte e oito anos.

OS GÊMEOS CONTINUAM

A senhorita Regina Monsalvo, argentina, apresenta a última novidade em gêmeos: os cinco filhos da senhora Deligenti: dois rapazes e três raparigas. Quem segue?



O romance do parto sem dores

As dores do «dar à luz», infligidas desde as suas origens ao género humano, têm pesado sobre a mulher como uma maldição. É verdade que no século XVI se descobriu o «forceps», pinça de ferro para mudar a posição das crianças mal colocadas nos ventres maternos, e que se descobriram, depois, graças aos progressos da medicina científica, novos «ferros» e novos métodos para aliviar as mães. No entanto as dores continuaram ainda a ser horribíeis e foi preciso esperar pelos meados do século XIX para que o modesto filho de um padreiro de Edimburgo, na Inglaterra, conseguisse vencer a multi-milenar tragédia do nascimento.

A mãe de James Young Simpson tivera uma morte dolorosíssima dando à luz. A lembrança dessa morte orientou-lhe a vida de Simpson, jurando que nenhuma mulher deveria sofrer a tortura do parto.

Incapazmente, já director da maternidade da «Edimburg Infirmary», experimentou, ano após ano, todos os narcóticos conhecidos — e todos eram inaplicáveis às parturientes. Mas em 1864, sabendo que se realizara, em Londres, a primeira operação indolor graças ao éter, logo logo applicado às mulheres parturientes. Foi um curto momento de alegre expectativa: o éter anestesiava, era verdade, mas ocasionava perturbações que obrigaram Simpson a recommear as suas pesquisas.

E eram pesquisas audaciosas, a morte sempre à espreita. Simpson e os seus dois assistentes experimentavam, neles próprios, as substâncias susceptíveis de utilização. Todas as manhãs um amigo de Simpson lhe batia à porta, a saber se elle e os assistentes ainda estavam vivos...

Por fim, surgiu o clorofórmio, descoberto em 31 pelo médico americano Samuel Guthrie. A aplicação deste produto não logrou despertar o interesse, senão quando Simpson resolveu, em 1847, utilizá-lo. Desta vez, não só os dois assistentes e Simpson, como também a sua própria mulher e uma sobrinha se submeteram à acção dos gases. Após ceias picarecas, ocasionadas pela embriaguez, caíram todos num sono profundo. Ao acordar, Simpson gritou: «isto vai facilitar o parto das mães no meu Hospital!».

A primeira experiência foi magnífica. Simpson conta: «Depois de 3 horas de trabalho, ao terminar a primeira fase do parto, administrei-lhe clorofórmio. A criança foi expulsa 25 minutos depois do principio da inalação. Os gritos da criança tiraram a mãe do sono. A enfermeira levou a criança para outro quarto. A mãe exprimiu o receio de que o sono lhe tivesse interrompido o trabalho do parto. Quando a enfermeira voltou com o recém-nascido, foi a custo que a mãe estupefacta, se convenceu de que estava tudo acabado e de que aquêle bébé era o seu!».

Quando Simpson communicou os seus êxitos à Academia, já fizera mais de 50 partos sem dor. Edimburgo dividira-se em dois campos. Uns diziam que a obra de Simpson era uma glória para a ciência. Outros, os padres calvinistas, os médicos invejosos e ignorantes, e os nobres — afirmaram que essa obra era impia e satânica. Dizia-se: como poderão, de tais partos, nascer cidadãos virtuosos? As dores das mães são a garantia do amor maternal. De resto, Deus disse: «Tu parirás na dor».

Simpson, homem profundamente cristão, mergulhou noites a fio nas páginas da Biblia, crente de que encontraria nelas a defesa dos seus métodos. Bem armado, entrou na luta.

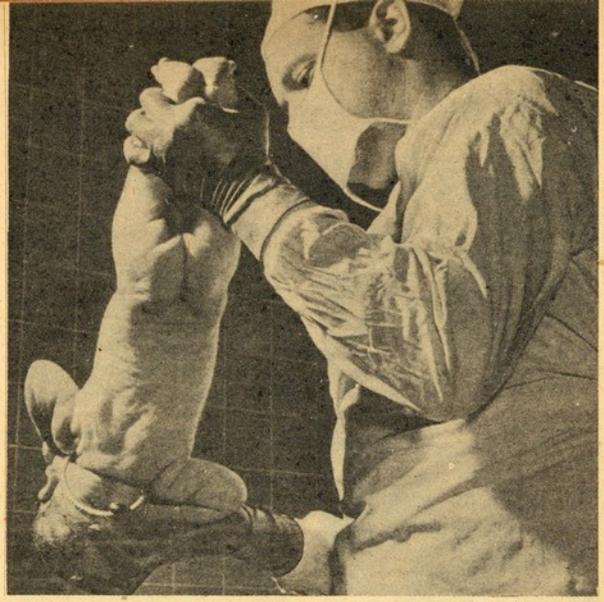
Respondia, linha por linha, citação por citação. Explicou que a «dora dos textos bíblicos era uma tradução errada do original. «Dor» significava propriamente «trabalho», «esfôrço». Quanto ao amor maternal, as mães ainda ficariam com muitas dores, alimentado e educando os seus filhos.

A opposição foi vencida a pouco e pouco. As mulheres-mães sollicitavam o auxilio de Simpson. Um acontecimento veio pôr ponto final nas disputas e consagrar, «santificar» a obra do illustre ginecologista: a rainha Vitória, ao sentir as dores do parto, chamou Simpson e o seu clorofórmio.

Pouco tempo depois da morte de Simpson, a clinica municipal de partos, de Dublin, publicou os resultados dos nascimentos difíceis effectuados com a ajuda do clorofórmio: a percentagem de mortalidade era de uma mulher sobre 320 e a duração média do parto era de 2 horas. Antes do uso do clorofórmio, a mortalidade elevava-se a 1 mulher sobre 11 e a duração média do parto era de 10 horas para o primeiro filho.

Quasi na altura em que Simpson morria, o dr. Fox applicou o gás hilariante, com pleno successo, no parto. O médico russo Klibiwetsch (1880) utilizou, em seguida, esse gás em grande escala. O gás hilariante, que não tem o perigo da explosão nem provoca vômitos após o seu uso, revelou-se um anestésico ideal, sobretudo desde que foram inventados os aparelhos reguladores da sua preciosa e perfeita applicação.

Hoje, lá fora, na América em especial, acabou esse grande drama da mulher: o parto. Em Portugal, começa-se a pensar no assunto, tanto assim que brevemente será inaugurada em Lisboa uma Maternidade aparelhada com gás hilariante.



NASCEU UMA CRIANÇA!

Esta criança acaba de nascer. Puseram-lhe logo um colar identificador. Repare-se no mé-

dico: luvas de borracha, bata, barrête, e um pano a tapar-lhe a boca e o nariz. Todos os cuidados são poucos para evitar infecções! Ainda não há 100 annos, a morte por infecções sobrevindas ao parto criavam angústias em todas as mães; ter um filho era um risco de morte. A febre puerperal ceifava vidas sem conto. Esta febre traduz uma septiemia, com ponto de partida na infecção, por várias espécies de micróbios, da ferida uterina resultante do parto.

Na Maternidade Margaret Hargre, em Nova-York, há uma secção apetrechada para iden-

tificar a rigor as muitas dezenas de crianças lá nascidas em cada semana. Ao invés de se utilizar a mão, as impressões identificadoras são tiradas dos pés. E como não há dois indivíduos com os mesmos sinais, são impossíveis os enganos. Recorde-se como os jornais, em tempos ainda próximos, noticiavam as dramáticas trocas de crianças. A foto mostra um bébé acabado de nascer deixando a sua «assinatura» no certificado de nascimento.

CUIDADO COM OS BARBEIROS!

O fazer a barba ocasiona sempre um enfraquecimento do poder defensivo da pele à penetração dos germens. Num ponto ou outro a pele é lesada, um pequeno bico é estofado ou são feitos imperceptíveis cortes que atingem a profundidade.

Ora succede que os barbeiros, regra geral, não lavam as mãos quando as passam da cara de um cliente para a de outro. A mesma falta de hygiene se pode notar nos instrumentos: nem navalhas, nem tesouras, nem pentes, nem pinçeis são esterilizados ou desinfectados.

Por outro lado, quem não sentiu já sobre a cara o bafo do barbeiro e a sua saliva? Quantas vezes o barbeiro não tosse sobre o cliente?

As consequências de tudo isto são, nada mais nada menos do que as doenças da pele ou no couro cabeludo, por vezes de difficilissima cura, pedindo tratamentos por via interna ou externa, applicações de «Raios

X», etc. Estas doenças são, ocasionadas por plantas e animais microscópicos. E ainda há que falar nos parasitas que transitam, através dos pentes, de uma cabeça para a outra!

A desinfecção final com soluto de sublimado ou álcool que muitos barbeiros adoptam, é já alguma coisa no meio de tantos e tão grandes possíveis perigos, mas é manifestamente insufficiente e precário.



VIDAS ESTRANHAS

O limite da resistência ao calor para a maioria dos animais pluri-cellulares, não vai além de 45° centigrados, no entanto há algumas lesmas, escaravelhos e crustáceos que conseguem suportar essa temperatura. Outros animais agüentam a temperatura de 55° C., e certas algas vivem em águas a 80° C.

Existe uma mosca chamada *Psilopa* adaptada à vida no óleo pesado, que se encontra nos campos petrolíferos da Califórnia. E, recentemente, descobriram que o óleo dum poço com a profundidade de 1.200 metros, abrigava uma nova espécie nova de bactéria.

Há camarões, como os *Enirocéfalos*, que se encontram na água dos sulcos das linhas dos eléctricos; quando a água desaparece, os camarões morrem, mas deixam ovos resistentes à seca que são arrastados pelo vento

e se desenvolvem, encontrando novamente água.

Vidas verdadeiramente estranhas são as que se adaptam aos encanamentos da água dum cidade. Por volta de 1886, succederam coisas surpreendentes em Hamburgo. A água que abastecia a cidade provinha do rio Elba e entrava nos encanamentos sem ser filtrada. Daqui resultou que começaram a sair pelas torneiras, camarões de água doce, e os canos se obstruíam com o desenvolvimento de várias espécies de peixes e crustáceos. Foram encontrados 50 géneros diferentes de animais! Peixes-espinhos, solhas, e até enguias com mais de 30 centímetros de comprimento...

...E nunca mais se acabaria de catalogar os seres que vivem em locais extravagantes, demonstrativos da infinita riqueza de aspectos que a Natureza apresenta.

Bons Livros de Bons Autores

ROMANCES UNIVERSAIS

A colecção de todos os grandes romances que têm constituído o orgulho das literaturas estrangeiras. Um empreendimento único em Portugal.

O mocho à beira do rio, por George Eliot.....	30\$00
Villette, por Charlotte Brontë	30\$00
Filhos e amantes, por D. H. Lawrence	30\$00
C, por Maurice Baring.....	30\$00

VOLUMES NO PRELO

Retrato duma senhora, por Henry James	
A Rapariga Perdida, por D. H. Lawrence	
Mulheres apaixonadas, por D. H. Lawrence	

*

OS ROMANCES SENSACIONAIS

Uma biblioteca em que figuram os mestres do romance policial, anedótico, dramático — numa palavra: sensacional.

O estranho caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde, por Stevenson.....	8\$00
Um drama na caça, por Anton Tehekoff.....	12\$00
Calafrio, por Henry James..	12\$00
A granja de Stepanchikovo, por Dostoiowski.....	12\$00
Os cossacos, por Leão Tolstol	12\$00
Sebastopol, por Leão Tolstol	12\$00
O retrato de Dorian Gray, por Oscar Wilde.....	12\$00
O assassino e a vítima, por Hugh Walpole.....	12\$00
Medicina e ciúme, por Mi- guel Choromanski.....	12\$00
A Casa da Rua de Tróia, por A. Pérez Lugin.....	15\$00
A casa das sete empenas, por Nathaniel Hawthorne	15\$00
Castiçais, por Herman Mel- ville	15\$00

*

BIBLIOTECA DOS RAPAZES

Colecção dos melhores livros destinados a entreter a imaginação dos rapazes:

A flecha negra, por Steven- son	12\$00
A ilha de coral, por Ballan- tine	15\$00
Aventuras de um rapaz nas florestas do Amazonas, por Ballantyne.....	12\$00
O cavalo preto, por Anna Sewell	12\$00
O Pirata, por Marryat.....	12\$00
O Rapto, por Stevenson...	15\$00

BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS

Os mais belos livros de imaginação que se publicaram no mundo postos ao alcance das raparigas portuguesas:

Miss Grey, por Anne Brontë	12\$00
Infância e amores de Mar- garet Brown, por Eli- zabeth Gaskell.....	12\$00
A abadia de Northanger, Jane Austen.....	12\$00
Mulherzinhas, por Luísa Alcott (2 vols).....	20\$00
Os Sonhos de Katy, por Susan Coolidge.....	12\$00
Uma Rapariga Elegante, por S. Macnaughton.....	15\$00

Edições

da **Portugália Editora**

Rua do Carmo, 75 — Lisboa

Um Grande Exito

VIDA DE JESUS

por PLÍNIO SALGADO



EDITORIAL ÁTICA

2.^a

EDIÇÃO
4.º e 5.º MILHARES

«A JOIA DUMA
LITERATURA»

A' venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
EDITORIAL ÁTICA, L.DA
Rua das Chagas, 23-27
LISBOA

O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
A venda em tôdas as livrarias
Uma magnífica edição de
«VIDA MUNDIAL»

Perdoai-lhes, Senhor...



ELA — As tuas calças estão cheias de lústro...
ELE — Esse teu vestido está crivado de nódoas.
IGNORANTES! Não sabem o que tôda a gente sabe: que o CASULO Limpa-Fatos é «remédio» santo contra o lústro e as nódoas e que torna as roupas como novas e mais duráveis.

E só custa 2\$00
Em tôdas as dro-
garias

Recenda:
SCHROETER
& ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



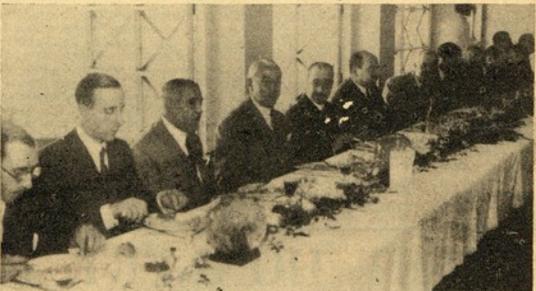
NOTAS RÁPIDAS



No gabinete do sr. ministro da Economia, tomou posse do alto cargo de director geral dos Serviços Eléctricos, o engenheiro sr. Metelo de Nápoles, considerado elemento de prestígio da actual geração. Na mesma cerimónia tomaram posse de componentes da Junta Consultiva do mesmo organismo os srs. eng.º José Vaz e professora Correia de Barros, Ferreira do Amaral e Paulo de Brito Aranha.



Na Associação dos Arqueólogos Portugueses, foi prestada homenagem póstuma ao ilustre militar, arqueólogo e historiador Afonso Dorneles. O sr. Conde de São Paio fez o elogio do extinto, cuja obra enaltecceu, como investigador, escritor, militar e amigo da Cruz Vermelha, onde serviu como secretário geral.



Todos os funcionários da Shell se reuniram, no sábado passado, num almoço de confraternização. Eram algumas centenas de convivas, os que se sentaram às mesas do Espelho de Água, tendo presidido o director daquela companhia em Portugal, sr. J. J. Lyons. E da mesa de honra à aspecto que damos na foto.



A Legião Portuguesa prestou homenagem, no último domingo, ao Exército português. O sr. ministro da Marinha, que foi quem colocou, no estandarte do Batalhão de Caçadores 5, as insígnias de Mérito da L. P., presidiu à festa que teve também a comparencia do sr. ministro das Finanças, tendo ambos proferido significativos discursos.

“CONVERSAÇÃO COM DIOTIMA”

POR AGOSTINHO DA SILVA

COM indecisas palavras se costumam designar entre nós os espíritos que uma grande aspiração ideal consome e algumas vezes subverte. Aspiração impossível justamente por ser perfeita e neste mundo, à falta de outro melhor, se torna necessária a sujeição ao mediocre, quasi sempre ao péssimo, para alguma coisa se construir com duração. Aos eleitos ou às vítimas dos grandes sonhos nunca se chama menos do que românticos, idealistas, líricos — e, quando calha, coisas bastante piores; mas é sempre inútil amarrar-lhes um rótulo porque ninguém se defende melhor da intrusão alheia, sejam ou não desinteressados os intuitos críticos, do que esses poetas da própria existência.

Na verdade, o que dá aos chamados «líricos» — aos que vivem e não aos que escrevem liricamente — a sua extraordinária capacidade de resistência à desilusão é esse mesmo poder de transfigurar a realidade que outra espécie humana, a dos chamados «positivos», mais combate neles. Nem por isso deixa a humanidade de lhes ser cruel. A primeira coisa que se exige deles é a abdicação da sua própria natureza. Não há maior prazer para os mediocreiros do que adrejar poetas, quando o são na vida e na formação da inteligência — sobretudo quando não fazem versos. Grande crueldade, com efeito, porque pretender privá-los dessa força criadora da fantasia é deixá-los nus num mundo que para eles só pode ser gelado. Sem utilidade alguma, afinal, porque se alguma coisa importa neste mundo é deixar aos pobres, desolados seres que o atravessam sonhando, a magra raça de felicidade que a vida contém. Demais, a felicidade dos sonhadores é gratuita e não traz encargos à sociedade. Em muitos casos, pelo contrário, a felicidade dos chamados «positivos», com as suas ambições, experiências atabalhadoras, o seu egoísmo mascarado com frequência sob os rótulos austeros do dever e do sacrifício, é muito mais dispendiosa. Fica cara à sociedade, que paga em corpo e em espírito a inutilidade dos seus objectivos realistas, e cara também aos outros «positivos» que não beneficiam do seu positivismo.

A satisfação real do lírico, o seu mundo estável e constante é apenas o do sonho. Pode este exprimir-se em obra de arte, em reflexão filosófica, em apostolado social, no próprio estilo da existência. Não importa. Também importa pouco que os sonhos se adaptem ou não à prática, mesmo em pormenor diminuto. O sonho é autónomo, como um astro sem órbita; é indeterminado, como o nada que o compõe. Por isso não faz mal a ninguém. O grande mal só chega quando os «positivos» convencem o sonhador a colaborar com eles e o arrastam para uma causa comum; porque então o impassível e risonho desinteressado com que construiu a quimera se transporta aos meios da acção — e aí a sua pureza, obstinação, persistência inabalável, podem

converter-se em armas de uma dureza incrível. Tomás Morus transformava-se em Robespierre.

Antes do sonho se mantinha como sonho, a poesia como poesia. Nunca se chega a saber ao certo, aliás, se a inteligência verdadeira da vida está em algum daqueles planos ou se está em todos. E se alguma coisa se pode exigir dos homens é que sejam o que podem ser — e cada um o melhor que puder, naquilo em que for realmente melhor.

* * *

Em «Conversação com Diótima», Agostinho da Silva apresenta-se simultaneamente como poeta, como dramaturgo e como pensador — e em qualquer dos aspectos irresistivelmente admirável. Não se pode deixar de o dizer com comção extrema, em face de um país onde o cabotismo, com talento ou sem ele, atirou as fronteiras do inverosímil. Em qualquer outro, um livro como este representaria extraordinário acontecimento; em Portugal, no seu funambulesco mundo das letras, é um escândalo — pela perfeição formal, pela elevação das idéias, pela profunda significação humana.

É o livro de um grande poeta, embora redigido em prosa dialogada, porque não poesia da mais bela as formas cristalinhas e musicais, as idéias harmoniosas e puras, os sentimentos humaníssimos que o inspiram. Não é preciso coragem nem audácia para o dizer nesta pátria de estranhos absurdos. Só a alma séria e a inteligência vazia ficarão impassíveis perante uma criação como esta.

«Conversação com Diótima» não é, de resto, uma surpresa para quem conheceu o escritor Agostinho da Silva na época em que compôs outro diálogo filosófico de idêntico estilo, o «Polliléus», ou a «Parábola da Mulher de Loth». É o escritor então prometido que ali ressurge, enriquecido pela experiência, em plena maturação da inteligência e da forma, conduzido por uma compreensão mais profunda do que é essencial na vida e no homem. Com tudo isso possui a obra genuína de Agostinho da Silva muito mais enérgicas virtualidades de acção, apesar do seu altíssimo plano — ou talvez por ele — do que outras obras intencionalmente activas ou formativas. Os que se habituaram a encontrar nos escritos de Agostinho da Silva a má segurança e fraterna de um companheiro, de um iniciador ou de um guia, vão deparar aqui, decerto, com uma personalidade muito mais distante. É por isso que ela se vê

melhor; e de longe se encaminham com mais segurança e até mais longe, sem dúvida, os passos dos que sinceramente pretendem caminhar alguma coisa.

* * *

O que se impõe, antes de tudo, em «Conversação com Diótima», é a sua poesia profunda e viril. Duas personagens dialogam junto ao mar, debruçadas no espectáculo móvel e inquieto das ondas, envolvidas em luz e azul, sobre os problemas centrais da existência: o desejo da perfeição e da beleza, a verdade possível ou impossível, o sentido da felicidade que arrasta e anima a humanidade inteira, a compreensão do universal, a própria razão de ser da vida. As palavras e as idéias combinam-se em harmonia musical, tomam corpo e vida. Das idéias escudadas que as exprimem, mas como imagens límpidas, exactas, inteiras, das próprias formas da existência. O musical e o plástico ajustam-se na composição desta prosa finíssima e ritmada, como a túnica perfeita ao corpo que cubre.

Como dramaturgo, Agostinho da Silva realizou magistralmente um dos objectivos essenciais do diálogo filosófico: fazer dos personagens símbolos e portadores de idéias, no seu mais puro e abstracto sentido, sem largando-lhes o movimento interior e a intensidade dramática de seres vivos. Diótima e o estrangeiro não são aí fantoches faladores mas almas humanas inteiras, vibrando humanamente com o seu pensamento e agindo pela inteligência como se age pela vida. Como pensador filosófico, conseguiu o autor mais extraordinário resultado: erguer uma estrutura vasta de idéias sem cair no esquematismo duro e falso de um sistema. O que mais impressiona e move em «Conversação com Diótima» é a largueza da compreensão, a que nada é alheio e em que tudo cabe. Atingiu Agostinho da Silva o plano supremo da inteligência que é capaz de conceber tudo sem se escravizar a uma só idéia e a todas encorporea num plano universal de entendimento. Chegar à inteligência absoluta, sem necessidade de um dogma, sem o delírio da confiança intelectual que tudo fia da razão, ou da confiança mística; chegar à inteligência absoluta sem cair no cepticismo e mantendo em equilíbrio exacto o ser que pensa e o ser que precisa de continuar vivendo — pode não ser filosofia perfeita no sentido tradicional do termo, mas é, sem dúvida, a forma mais humana da inteligência.

Porque tudo compreende, Agostinho da Silva testemunha neste diálogo um pessimismo que vai buscar o fundamento das suas negações à própria essência da vida. Mas é um pessimismo apolíneo, para além da aparência contraditória dos termos — porque o reconhecimento desencantado da verdade do homem e do seu destino não exclui a limitação, perfeita e viril aceitação dessa mesma verdade. Mesmo exprimindo a inquietação, põe diáfana pureza nos seus problemas. E mesmo acolhendo o risco de aspirar à verdade, que é o plano escorregadio onde sobressobra a inteligência corajosa e plena; mesmo retinindo em alguma coisa de tão vasto que não apetece chamar-lhe filosofia todas as filosofias possíveis — Agostinho da Silva não destrua a unidade fundamental do seu pensamento e a humanidade que o ilumina. Do idealismo transitiva, harmoniosamente para um panteísmo em que se descobrem largas ressonâncias de Spinoza; algumas vezes aflora inesperadamente um dualismo de estilo cartesiano; volta-se para uma concepção hegeliana da realidade — e logo adianta ressaltando minuciosamente de Schopenhauer. Um comentarista espedioso, observando página a página o desenrolar artístico das idéias, julgaria descobrir fartas contradicções. Uma inteligência aberta e larga só experimentará a emoção inexprimível da harmonia perfeita.

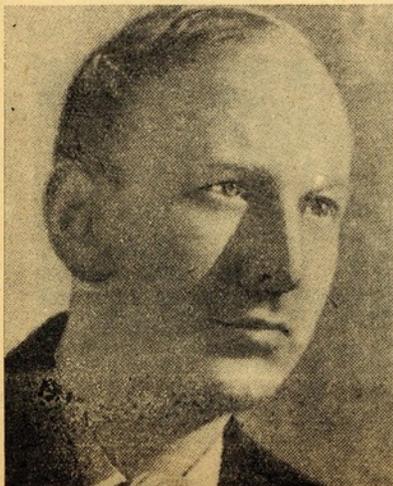
É um idealismo estranho, o desta obra, sem dúvida — porque se funda num panteísmo voltado muito mais para o homem do que para deus, tomado como símbolo intelectual da unidade do universo. É estranho também que a harmonia da Silva, apesar da amplitude do seu pensamento, venha a cair mais uma vez nessa contradicção que vem da própria origem da doutrina: voltar ao dualismo a todo o momento. Mas a contradicção, aqui, dissolve-se de depressa na harmonia da inteligência que tudo acolhe e tem a verdade mais profunda do homem perante o mundo e os seus dramas como alcece em que tudo se concerta.

No entanto, se alguma limitação se pudesse opor à este plano admirável de compreensão em que o diálogo se desenvolve, seria ainda um problema novo que a extensão da obra poderia muito bem vir a conter: o estreito espaço concedido à vida e à realidade estrita da vida, no movimento sempre abstracto que as personagens conduzem no seu jogo de idéias; a insuficiência da vida do homem real — realmente humano no mundo como todos o vêem e todos o sentem. — É isso justamente a aparência, a mesma aparência que Platão quis diagnosticar numa bela imagem? Tudo seria aparência, então, e a perfeição da vida com os homens, real, realmente humano, a mais ilusória de todas as aparências concebíveis. O que a vida contém de mais humano, comum e prosalco embora, também é essência da vida — como a inteligência que a supera. E Agostinho da Silva, com toda a sua escrivado do rudimentar, a mesma necessidade de elevação intelectual que levou à fantasmagoria dos sistemas. Nenhum exemplo melhor desta condição do seu livro do que essa necessidade de lógica no amor que o Estrangeiro tem certa a parte do diálogo — pressupõe. Não se pode amar bem sem compreender, não se pode amar sem vigorosa inteligência. Mas compreensão e inteligência são ainda forças naturais da vida, como o amor — e não lógica, que é o seu esqueleto esquelético e sério, a vida mirrada no artificio do sistema, na «persona trágica do teatro filosófico». Por isso parecem tão ilusórios e fantásticos os remédios que Agostinho da Silva sugere perante a imensa miséria da vida — depois de ter descoberto com tanta luz e vigor essa mesma miséria.

Nada se ajusta melhor à filosofia (ou poesia) da existência, que apegar, como o estoicismo; nada lhe repugna mais do que o naturalismo, como forma inteira da inteligência e da sensibilidade. Ora a sensibilidade naturalista nunca pode ser compa-

(Continua na pág. 24)

ROBERT HONNERT, A POESIA E A FÉ



TRES meses antes de a guerra morreu Robert Honnert, com trinta e oito anos e uma obra de poeta, ensaísta e romancista que só a longa odisseia da França mantém quasi ignorada. Esse escritor jovem e apaixonado pelas nobres causas, ansiando febrilmente pela redenção humana no mais largo sentido, poderia ocupar ainda um altíssimo lugar não só na poesia moderna francesa, como na conciliação de forças morais que para alguns parecem irremediavelmente divididas. Poeta, católico, apaixonado pelas mais grandiosas soluções sociais, Robert

Honnert consagrou os últimos anos da sua vida ardente a uma missão magnífica: a harmonia difícil, mas possível, da fé religiosa com as mais positivas e terrenas aspirações humanas; da poesia religiosa e profundamente espiritual com o ímpeto renovador da sociedade.

Só isso bastaria para o lembrar com especial emoção, neste momento em que seria necessário restaurar as pontes destruídas. Como poeta, no entanto, a obra de Honnert não foi menos inteligente e séria. Defendia o princípio de que as formas tradicionais da poesia poderiam exprimir perfeitamente os sentimentos mais complexos e difusos, que a poesia moderna apregoa. Assim o exprimi com rara beleza num dos seus poemas:

«*Mon cœur demeure obscur, si ma [phrase est limpide.*

Os leitores da revista «Europe» ainda recordarão algumas vezes este poeta de juventude predestinada, cuja fisionomia parece irradiar ardente humanidade.



Da varanda de Lousa

Da varanda de Lousa eu vi que alguém subia,
 Vinha de negro — e o negro é a cor do luto —
 Parecendo arrastar-se pelo meandro hostil
 Do caminho que o ia levando lá de baixo ao cimo.
 Se era um jovem ou velho eu não sabia.
 Andava a custo e, assim quebrado em dois,
 Se aproximava ansioso pelo fim distante.
 Ao chegar junto a mim, interroguel: — Quem és?
 Quem és tu que pareces triste e só?
 Ao menos, diz-me o nome... eu posso consolar-te!
 — O meu nome é a dor, minha missão sofrer,
 Nada podes por mim... foge à presença horrível!

...E ei-lo, dia-a-dia, a vencer a enfermidade.
 O ar, o aroma, o céu... irmãos de caridade...
 Todo o mundo visível e invisível lhe dão forças
 Tocando-lhe de rosas os lábios e as faces
 Fazendo-o renascer, num milagre divino!
 O homem ressuscita... É Páscoa sobre a Terra...
 É Páscoa sobre Lousa.

Que se passou, então? Quem teve assim poder
 Para obrar o prodígio? E enquanto eu sonho,
 Eis que na escuridão da noite revestida de estrélas,
 Da varanda de Lousa eu vi descer um anjo
 Envolto em vestes brancas como os lírios dos campos
 E levando entre as asas poderosas
 Esse outro anjo de Demónio: era a Doença.
 Eu bem reconheci tão doce, puro e bom
 O amável anjo de nome melodioso,
 Suave como o mel, um sino a repicar: era a Saúde...

Da varanda de Lousa eu vi subir um negro espectro;
 Da varanda de Lousa eu vi descer um anjo.

O homem renasceu... é Páscoa sobre a Terra,
 É Páscoa sobre Lousa!

CHARLES OULMONT
 (tradução de M. A.)

VITORINO NEMÉSIO



O autor de «Casa Fechada» tem um lugar à parte — e bem alto — dentro das letras portuguesas. O seu último trabalho — «Mau tempo no canal» — é das mais dignas expressões morais da literatura de ficção contemporânea. Aliado a um descritivo magnífico, que desce à mais íntima dissecação de corpos e de almas, o romance de Vitorino Nemésio, que não é apenas acção e entreccho, prende, entretendo, na leitura apaixonadamente os olhos e o espírito.

SIMÕES MÜLLER



Simões Müller já está consagrado como escritor e poeta dos pequeninos. Ele sabe, de facto, falar-lhes com uma delicadeza e numa linguagem acessível que os cativa e encanta. Pode, por isso, dizer-se que raros como Simões Müller terão escrito para as crianças, com o sentido de as ilustrar, de lhes dar a conhecer o mundo para que estão a ser criados, dentro de imagens e palavras tão acessíveis como merecedoras do melhor aplauso. O seu

FAÇA DE PAPEL

— Está a sair do prelo a antologia «As mais belas líricas portuguesas», selecção, prefácio e notas de José Régio.

— A Portugália vai editar, em tradução de Armindo Rodrigues, «Salomé», de Oscar Wilde. A edição será ilustrada por Bernardo Marques.

— Romualdo de Figueiredo, cronista portuense, vai publicar um volume de crónicas intitulado «Cartas a Zélla».

— Cabral do Nascimento traduziu para a «Portugália», «The Portrait of a Lady», de Henry James. A mesma livraria vai publicar o romance «O Paraíso de Canibais», do escritor americano Herman Melville.

— «Dores do estômago» é o novo livro do distinto médico Dr. Evaristo Franco — o autor de «Batas brancas».

último livro no género intitula-se: «Historiazinha de Portugal» e bem pode dizer-se que é a melhor forma de revelar às crianças as aventuras e epopeias maravilhosas dos nossos avós.

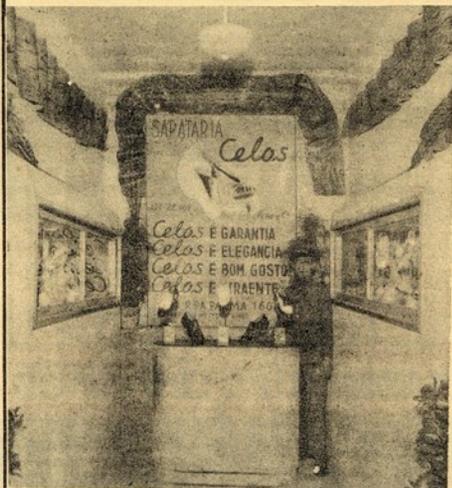
V
I
S
I
T
E
M



«STAND» JOAL — A casa que se distingue pelas suas decorações de bom gosto

Avenida Almirante Reis, 233-B (ao Arieiro)
 LISBOA Telefone 44033

OS MELHORES



'S
T
A
N
D
S'
DA

«STAND» DA SAPATARIA CELOS
 OS ÚLTIMOS MODELOS DA ELEGANCIA
 158 — Rua da Palma — 160 LISBOA

FEIRA POPULAR

«STAND»
 C. MILLER

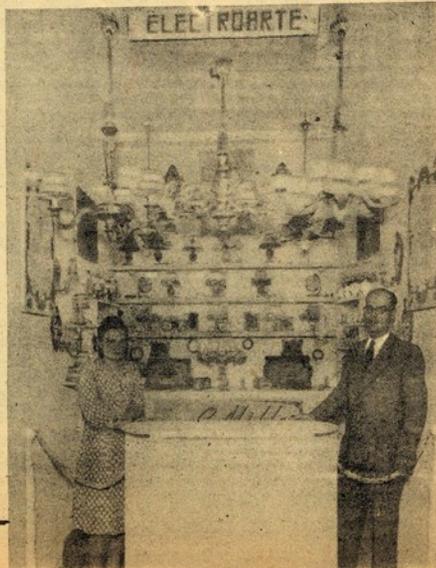
Fabricação
 de lustres
 e candieiros
 em todos
 os géneros

Rua Eduardo
 Coelho, 5-7

Rua do Duque
 34-36

LISBOA

*
 Telef. 28813



Vedetas para queimar

FALTAM vedetas no cinema português. Dez anos de actividade não bastaram para impor meia dúzia de nomes, para criar um núcleo de intérpretes cinematográficos com carácter de permanência. Podem citar-se entre os artistas que, com mais frequência, têm aparecido na tela — e com jus no estrelato — Barreto Poetra, Teresa Casal, António Viar e poucos mais. Pomos de parte, evidentemente, os artistas de teatro que brilharam no cinema, entre os quais nos cumpre destacar António Silva — o actor que, até hoje, mais filmes portugueses interpretou.

Várias circunstâncias concorreram para esta ausência de artistas especializados nos quadros da nossa cinematografia. Por um lado, a própria irregularidade da indústria e o escasso número de filmes realizados não favorecem a carreira. Um artista que queira viver exclusivamente do cinema morreria de fome ao fim de pouco tempo. Até porque, em matéria de «cachets», Lisboa não é Hollywood... Por outro lado, a ansia de descobrir novas personalidades tem levado os realizadores a desprezar os talentos revelados, em proveito de «descobertas» nem sempre triunfantes. Citemos, como exemplo das primeiras, Maria Domingas, uma das promessas mais brilhantes do cinema nacional, afastada dos estúdios, inesplicitamente, desde «Lobos da Serra» para cá.

As raparigas portuguesas têm vindo para o cinema mais por «diletantismo» do que pela firme determinação de seguir uma carreira. Não lhe levamos a mal, pois já dissemos que as contingências da indústria não favorecem essa determinação. Esquisim se explica que a «Amor tenha pósto ponto final na carreira auspiciosa de duas das raparigas que mais qualidades até hoje revelaram em face da tela — Mílú e Graça Maria.

E, no entanto, as vedetas fazem falta ao cinema português. Não foi em vão que Hollywood se resolveu a gastar milhões para lançar no mundo inteiro as suas «estrelas». A política da «estrela» — «star powers» — faz com que o público vá ver a Garbo, a Dorothy Lamour e a Betty Grable no filme tal, em lugar de se dispor a assistir à exibição da película X, com qualquer daquelas intérpretes. Isto é: em face das multidões, as estrelas actuam como um imã. E mais do que isso: o seu prestígio pessoal impõe, por graça da sua presença, espectáculos que não resistiriam à fragilidade da construção.

As vedetas cinematográficas portuguesas teriam, pois, dentro da indústria, um grande papel a desempenhar. Contribuiriam para o seu prestígio artístico e económico — e, de filme para filme, iriam ganhando novos adeptos, ao mesmo tempo que, pela continuidade do trabalho, poderiam aperfeiçoar a sua técnica. Não nas esqueçamos de que grande parte das vedetas de Hollywood subiram, degrau a degrau, a escada do êxito, antes de atingirem a celebridade.

O ano passado, em Madrid, assistimos a este espectáculo em plena Gran Via: Maruchi Fresno e Luchy Sotto salam numa loja e atrás de si uma multidão de estudantes, rapazes e raparigas, perseguiam-nas com pedidos de autógrafos. Ambas satisfiziam os pedidos dos admiradores, distribuindo sorrisos e assinaturas com a mesma expressão de agradável simpatia. Quando tal suceder entre nós, com as vedetas portuguesas, o cinema português terá atingido uma mais alta tensão.

O êxito de «Doze luas de mel» é o êxito incontestável numa vedeta que tem público — e que o conquistou através da Rádio e de um único filme. Tal facto basta para dar razão a tudo quanto aqui escrevemos. E se as circunstâncias não são de molde a fomentar o aparecimento e a permanência das estrelas no firmamento lusitano, que ao menos os realizadores da nossa terra não façam das raparigas que provam bem nos nossos filmes — vedetas para queimar.

FERNANDO FRAGOSO

A 1.ª fotografia de «Inês de Castro»



Em Espanha, Leão de Barros continua a trabalhar à frente de uma valiosa equipa de técnicos e de artistas de primeira ordem. As filmagens de «Inês de Castro» vão, assim, em grande adiantamento — como se pode até verificar pela foto junta, a primeira, feita em Espanha, que deste filme se publica em Portugal. A figura central — quem tal diria? — é a excelente artista Rául de Carvalho que, no filme de Leão de Barros, desempenha o papel de Diogo Lopez Pacheco, senhor de Ferreira. A cena passa-se na sala do Conselho, quando Inês de Castro é julgada e condenada à morte. Vemo-lo numa passagem dramática, em que o senhor de Ferreira, por amor do seu compadre e pupilo, o Infante D. Pedro — é o único a erguer a sua voz em defesa da «Miseria e mesquinha que depois de morta foi rainha...».

Shirley Temple vai viver a sua primeira cena de amor

SHIRLEY Temple já está uma senhora. Festejou há dias os seus dezasseis anos e, no desabrochar da adolescência, pode considerar-se uma linda rapariga. Em lugar dos loiros caracóis tem hoje uma cabeleira bronzeada, que emoldura um rosto onde se adivinham ainda os traços infantis — e nomeadamente as covas da face, que dão ao seu sorriso um encanto muito pronunciado.

Shirley, que conheceu horas amargas na sua carreira, parece novamente votada a grandes cometimentos. David O'Selznick, o produtor célebre que tem descoberto tantas vedetas, chamou-a para interpretar «Since you went away», onde brilha ao lado de Claudette Colbert, Joseph Cotten, Jennifer Jones e Lionel Barrymore.

Tornada numa atraente mulherzinha, Shirley vai viver, neste filme, a sua primeira cena de amor. Um amor de adolescente, despertar de corações, alvorada sentimental — que marcará, possivelmente, a sua estreia como uma grande amorosa do «ecran».

Porque, na vida real, as coisas não se passam com tanta rapidez. Cupido, ao que parece, ainda não lhe atirou com a sua seta envenenada.



nada... E Shirley declarou até «que pensa não casar-se tão cedo, pois quer reconquistar a situação perdida» — ela que foi vedeta célebre, adorada pelo mundo inteiro, numa idade em que o seu espírito não podia medir a grandeza da situação de favorita das multidões.

As mães e os papás de Hollywood

A América iniciou uma larga propaganda pró-natalidade. E Hollywood, sempre oportuna, publicou a lista dos principais casais de artistas, com filhos. Ela:

Gracie Allen e Bob Burus, dois filhos.

Don Ameche e Honore Prendergast, quatro filhos.

Tyrone Power e Annabella, uma filha do primeiro casamento de Annabella.

Fred Astaire e Phyllis Potter, dois filhos.

Mary Astor e Manuel del Campo, dois filhos.

Joan Bennett e Walter Wanger, dois filhos.

Ingrid Bergman e Dr. Peter Lindstrom, uma filha.

Joan Blondell e Dick Powell, dois filhos.

Walter Brennan e Ruth Wells, três filhos.

Virginia Bruce e Walter Ruben, uma filha.

Bing Crosby e Dixie Lee, quatro filhos.

Gary Cooper e Veronika Balfe, uma filha.

Frances Dee e Joel Mac Crea, dois filhos.

Marlène Dietrich e Rudolf Sieber, uma filha.

Robert Donat e Ella Voyagey, duas filhas.

Vivien Leigh e Laurence Olivier, uma filha do primeiro casamento da mulher.

Fred Mac Murray e Lillian Lamont, uma filha.

Frederich March e Florence Elridge, dois filhos adoptivos.

Robert Montgomery e Elisabeth Allen, dois filhos.

Pat O'Brien e Eloise Taylor, três filhos adoptivos.

Maureen O'Sullivan e John Farrow, um filho.

William Powell e Diana Lewis, um filho do primeiro casamento de W. Powell.

Robert Taylor e Bárbara Stanwyck, um filho adoptivo.

Margaret Sullivan e Leyland Hayward, três filhos.

Johnny Weissmuller e Beryl Scott, um filho.

Loretta Young e Tom Lewis, um filho adoptivo.

Nesta lista não figuram ainda as duas mais recentes mães da Cine-landia, Lana Turner e Betty Grable



Maria Eugénia e Oscar de Lemos, no filme de Artur Duarte, «A Menina da Rádio», produção da «Companhia Portuguesa de Filmes» (ex-Tobis Portuguesa) e o actual grande êxito do São Luiz

AVENTURAS DE UM OPERADOR NA CHINA EM GUERRA

NA carreira dum cineasta, nem tudo são rosas... Que o diga Rey Scott, o operador de «Kukan» a epopeia da China, em sete anos de luta contra o invasor...

Necessitando de documentos autênticos, para incluir no seu filme, Rey Scott partiu para o Celeste Império, com a câmara de filmar. Percorreu nada menos de 16.000 quilómetros, quer por exigências de filmagens, quer pelas flutuações a que os próprios acontecimentos o obrigaram. Presenciou o ataque japonês contra Xangai, sofreu os bombardeamentos de Nanquin; filmou o incêndio de Cantão — «o maior incêndio do mundo» — e foi testemunha, em Xung-King, do ataque desencanaado contra aquela cidade.

Só por milagre, chegou vivo ao fim de tantas aventuras. Em Nanquim, quando filmava do telhado do hospital, caíu uma bomba de 450 quilos, a 15 metros do local onde se encontrava. Na estrada, que vai da China para a Rússia, saltou de

um «camion» em andamento, quando percebeu que êste, tendo-se partido a direcção, ia despenhar-se num abismo de 60 metros.

Nas águas do Rio Amarelo, o pequeno barco em que seguia foi metralhado, teimosamente, durante quarenta minutos, por um avião nipónico.

Surpreendido pelos japoneses, teve artes de esconder os seus «ma-

gazins» num canal. Conseguiu, mais tarde, recuperá-los. E após infinitos trabalhos, chegou à América com o precioso carregamento.

Quando o público, amanhã, sentir um arripio de emoção, ao ver as cenas que êle filmou — muitos dirão, com um encolher de ombros: «o truque está bem feito», pensando ser fantasia a própria realidade que têm diante dos olhos.

JACARÉ

Relatório de um grupo de cientistas na selva do Amazonas

UM grupo ousado de cinegrafistas, capitaneado por Frank Buck, resolveu-se a emprender uma expedição pelas zonas inexploradas do Amazonas. Durante meses e meses, viveram, sob a ameaça de constantes perigos, internados na floresta virgem, mantendo o contacto com o mundo, graças apenas a um aparelho de T. S. F., com o auxílio do qual, a horas certas, enviavam as suas mensagens, com o relato das perpécias e a indicação exacta do local onde se encontravam.

A flora e a fauna dessas pa-

ragens, onde a Morte espreita, a cada passo, foram recolhidas pela câmara de filmar, num filme emocionante que se denomina «Jacaré», e que, na sua maior parte, tem como protagonistas êsses monstros dos rios, os mais sangüinários e temíveis inimigos do homem, naquela zona.

Há «elous» emocionantes, como o combate entre um jacaré e um jaguar; a luta entre o homem e uma gigantesca serpente, etc., etc. «Jacaré» ficará, no cinema, a documentar a maravilhosa aventura dum grupo de cientistas, na selva brasileira.

Um banquete sem comida

QUANDO se filmou «A Ponte de São Luiz Rey» os estúdios tiveram que resolver um intrincado problema. Uma das cenas mais importantes passa-se durante um banquete que Virrey oferece à nobreza da Cidade. Os «extras» deliraram. Até aqui, Hollywood fazia estas coisas ao vivo... E os figurantes prepararam-se para uma refeição pantagruélica. Mas quando os produtores fizeram as contas verificaram que necessitavam de 6.000 cupões de racionamento, para reunir os gêneros necessários para confeccionar os diversos pratos. Não houve remédio, senão desistir...

Os técnicos supriram, porém, a falta de comidas, improvisando uns «ersatz» que, fotogenicamente, deram o resultado desejado.

E foi êste, em todo o mundo, o primeiro banquete sem comida!



Não houve toiros nem toureiros

NINGUÉM saiu satisfeito do Campo Pequeno na tarde de 2, pois a corrida resultou desluzida, desta vez não só por culpa dos toiros de Pompeu Caldeira, como ainda pela actuação dos toureiros principais que, à parte «Cañitas», o mexicano que se apresentava, pouco ou nada fizeram digno de nota. Como remate e para mais cimentar o aborrecimento do público, o último toiro, destinado a Carlos Vera — que era o único que ainda nos podia dar uns momentos divertidos — não pôde lidar-se, o que provocou manifestações de desgosto com as respectivas detenções por lançamento de almoçadas à arena e outras cenas comuns a tais momentos. Está estabelecido que se um toiro se inutilizar não é a Empresa obrigada a substituí-lo, e dentro deste princípio ninguém tem que julgar-se lesado. Isto legalmente. A parte moral do caso, porém, merece ser olhada com atenção e sob esse ponto de vista é forçoso considerar-se normalíssima a atitude do público, sobretudo quando, como no dia 2, lhe furtam a possibilidade de tornar a ver o único toureiro que, na praça, tinha demonstrado possuir aquele respeito por si próprio que leva aos maiores esforços por fazer trabalho de mérito. Não terá a Empresa maneira de remediar o mal em consideração por um público que tão prontamente tem acorrido às suas organizações? Se tem, bom é que o faça quanto antes, pois cumprir um dever não está sómente em praticar a obrigação. Para bem da festa e prestígio da própria Empresa, sinceramente desejamos que o facto não volte a repetir-se.

Para tourear a cavalo o 1.º e 5.º toiros, saiu Fernando Salgueiro, que o fez à sua maneira, por vezes bem, mas com a falta de cor e de alegria que lhe vimos notando com verdadeiro pesar. Nalguns ferros entrou muito bem, de caras, mas logo elegeu terrenos incompreensíveis, onde, fatalmente, teve que perder a calma. Tourear a cavalo não é só entrar de caras, direito com o inimigo, o que nem todos os toiros consentem. Por isso é necessário que se saiba praticar outro toureiro, até mesmo chegar à «garupa» que é uma sorte como outra qualquer. O essencial é que os toiros recolham toureadores e não picados de surpresa quando o cavalo lhes passa em frente com fantástica velocidade.

Juan Belmonte apresentava-se depois da grande colhida que o afastou das arenas durante cerca de dois meses. Se já não tivesse actuado em Espanha — e, segundo as notícias, com êxito — diríamos que não está ainda recomposto, tal o desinteresse manifestado na lide dos seus toiros, sobretudo do segundo, que abreviou quando muito havia ainda para tourear. De verdadeiro realce teve, em toda a tarde, apenas uma «meia verónica», e quando «Cañitas» apertou, um «quite» grande, principiado com um «farol» e continuado com boas «verónicas». Com a «muleta» nada quis com inimigos que apresentavam dificuldades que nem tentou aplanar. O público despediu-o com uma enorme «bronca».

O outro Juan, filho de Perez Taberno, que vestia de maneira imprópria de um matador de toiros — calça e jaqueta de cores diferentes — esse então nada mais mostrou do que ter vontade de ganhar palmas quando toureou o 7.º toiro, o que não conseguiu.

Dizem-nos que Juan Mari, pessoa de fortuna, toureira por «aficions», Sempre nos mereceu consideração quem por tal motivo toureira, mas quando se não tem condições para agradar, bom é que se faça por «entenderos», para a família, longe do julgamento das multidões. Ao menos não se ouvem assobios nem palmas de tango.

Carlos Vera, «Cañitas», foi, afinal, o único que ganhou palmas. Com todas as características dos toureiros mexicanos — alegria, valentia e vontade — a sua actuação teve relívio em meio da monotonia que os espanhóis estavam imprimindo ao espectáculo. Sem se impressionar com a má qualidade das rezas, lanceou de capote por «verónicas», «gaoneras», «faróis» e «chicuelinas», sempre expondo-se e consentindo com valentia. Com bandarilhas, teve três pares grandes, deixando-se ver e ganhando a cara dos toiros com espantosa facilidade. Com a «muleta» não ficou tão claramente demonstrado o seu valor porque na única «faena» que executou, a par de coisas de toureiro inteirado e consciente, teve outras em que se embrulhou com a flanela por não mandar como convinha. Muito aplaudido, deu volta ao redondel.

Sebastião Saravia e «Cantillana» formaram a «quadrilla» do mexicano, com a unidade desejada e se entre os subalternos alguma vez houve desentendimento não foi da sua parte que se manifestou.

Oliveira teve um bom par no 3.º toiro e Gonçalves e Dias foram bons auxiliares do cavaleiro.

Manuel dos Santos dirigiu, abreviando o que alongado resultaria mais maçador ainda.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



UM DEPOIMENTO INTERESSANTE

António Correia fala-nos de alguns aspectos da Festa Brava

NA cerca de seis anos, em Vila Franca e numa garralada em benefício da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, appareceu na arena um rapaz que pela primeira vez enfrentava o gado bravo. A sua figura, o espontâneo entusiasmo que manifestou e, sobretudo, a decisão e facilidade perante as impressões, foram tão profundamente, que logo houve quem aconselhasse e animasse o habilidoso jovem a continuar toureando. E, assim, depois de 75 garraladas de beneficência, veio António Correia ao Campo Pequeno, onde tomou «alternativa» na tarde de 13 de Abril de 1941. Assim se fez toureiro António Correia, o excelente peão de brega e fácil bandarilheiro de todos conhecido e apreciado, a quem bastaram duas épocas e o mérito próprio, para logo se colocar na primeira fila dos nossos toureiros de pé.

Sabendo-o de abalada para Espanha, onde toureará às ordens de Simão da Veiga, em Barcelona, Madrid e outras praças, procurámos-lo para que nos contasse as suas impressões e opiniões.

Muito amável, Correia não se esqueceu a entrevista mas foi-nos dizendo que era a primeira vez que se submetia ao interrogatório jornalístico, acrescentando a sorrir:

— É como uma nova «alternativa» que me dá tanto prazer como a primeira...

Quando lhe perguntámos onde preferia tourear, António Correia respondeu:

— Em Espanha, sem sombra de dúvida. Lá, o público tem mais apurado o sentido de avaliação do trabalho dos toureiros, seja qual for a sua categoria. Em Espanha, tenho sido ocaçionado por coisas que aqui faço quasi todas as vezes que toureiro sem que a assistência se manifeste. Recordo-me, por exemplo, de uma tarde em Madrid, quando fiz um «quite» ao bandarilheiro «Miguellito» que, desandado e sentindo-se perseguido pelo toiro, correu para as direcções das táboas para os «suedios». A colhida estava imminente, quando surgiu — o que me valeu a maior ovação da minha carreira. Nas nossas praças o facto seria tomado como pouco menos que natural e passaria de categoria. E creio que isso nos prejudica mais do que pode parecer à primeira vista. O pouco apreço em que somos tidos, serve até de pretexto para que certos «espadas», agora entre nós, nos ofereçam para actuar sob as suas ordens, quantas insignificatíssimas. Além de tudo, em Espanha a lide dos toiros em praça, sem qualquer disfarce, é bem mais emocionante.

— Concorde, então, que assim se devem lidar?

— Sim. Em Portugal, porém, como não são picados, acho bem que os toiros saiam com as pontas serradas.

— E para os cavaleiros?

— A mesma coisa. Não compreendo mesmo porque se há-de manter a desigualdade. Só se for para tornar possível um toureiro que pode ser muito vistoso mas que carece de verdade por não se poder executar com os toiros, tal como se devem lidar: em hastes limpas.

— Agora que vai trabalhar às suas ordens, diga-nos, António: o público espanhol gosta de Simão da Veiga?

— Muito. Tanto que lhe têm dispensado as mais significativas ova-

ções. Como seu peão de bréga, sou talvez suspeito. Mas, como prova da minha afirmação, está a circunstância de Simão da Veiga tourear em Espanha — épocas seguidas — o que nunca seria possível se não gozasse de invejável fama e popularidade.

— Alguns críticos espanhóis, porém, parece que não gostam...

— Opiniões, simplesmente...

— A propósito, Correia, o que pensa da crítica tauroomáquica portuguesa? Acha que ela desempenha o papel que lhe cabe?

— Portugal é um meio pequeníssimo onde todos se conhecem e, assim, a crítica nunca pode ser isenta de defeitos e peca naturalmente por demasiada benevolência. Disto resulta ainda o esquecimento de uns em proveito de outros. Quanto à segunda parte da pergunta não creio que cumpra cabalmente a sua missão que, a meu ver, é difundir o mais possível o gosto pela festa de toiros. Jornais de grande tiragem dedicam à corrida de toiros um espaço tão limitado que quasi passa despercebido; outros raramente a referem e se o fazem é de forma tal que nada resulta do que publicam. Isto, é claro, de uma maneira geral, porque há excepções...

— Em primeiro lugar «Vida Mundial Ilustrada» que sendo talvez a mais lida revista portuguesa, mantém uma página tauroomáquica de verdadeiro valor para a Festa Brava.

Num salto brusco, passamos para um assunto diferente.

— Concorde com a determinação que torna possível alguns bandarilheiros vestirem-se de toureiro só para fazer o «passeio»?

— Não! E até sinto desgosto que haja toureiros com faculdades que a tal se prestam e se inclinam a admitir aquêles que têm uma idade e um passado que o justifiquem; aos outros, não!

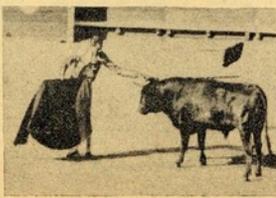
— Tem notado, decerto, o actual entusiasmo do público; em sua opinião, qual a melhor forma de mantê-lo e mesmo de alargar mais ainda o número de aficionados?

— É um problema demasiado complexo para que sobre ele me pronuncie com ares de orientador. A minha opinião pessoal, porém, é a de que isso se conseguiria conjugando três coisas: Abrindo e mantendo escolas de toureiro, organizando-se novilhas económicas e entregando a cada comprador de bilhetes para as corridas, uma senha numerada, com que cada espectador se habilitaria para um sortelo, cujo prémio seria uma ida a Espanha, por exemplo, a Badajoz, por altura das corridas de S. João. Creio que as empresas não seriam demasiadamente lesadas por esse prémio, por cada corrida, e os espectadores encontraríamos nele uma compensação para as quantias dispendidas às vezes com verdadeiro sacrificio.

Interessante alvitre este que bem merece ser estudado com atenção. Aqui fica, como afirmação da minha «aficção» e superior critério de António Correia que, em terras de Espanha, procurará por todas as formas, dignificar o nome de Portugal e dos toureiros portugueses de pé, no lado desse extraordinário Simão da Veiga, que desde há anos tem o encargo de afirmar, no estrangeiro, o valor excepcional dos nossos cavaleiros.



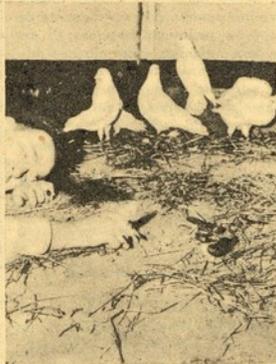
Acto de uma «gaonera»



Juan Mari num alvoreço

O enigma dos pombos correios

COMO os leitores têm ocasião de ver, o número de solucionistas do problema n.º 4 é bastante reduzido. De facto, o problema era difícil e as fotos não estavam suficientemente nítidas. Mas com um pouco de perseverança e de perspicácia — podia-se encontrar a solução verdadeira tanto assim que alguns a encontraram. Vamos a ver quais os solucionistas que manterão com maior número de problemas resolvidos. As respostas ao problema n.º 6 devem ser enviadas até ao dia 12 de Julho. E... felicidades!



1 Numa bela manhã, encontraram o cadáver de Ben Tracy, no pombal da propriedade de Anton Kuehn. O lado esquerdo da cabeça de Tracy apresentava um grande ferimento provocado, decerto, por um tiro de revólver; e, numa das mãos, havia algumas penas de pombos seguras entre os dedos...

Assim, a polícia dirigiu-se imediatamente à residência de Kuehn, que já há certo tempo andava sendo vigiado, sob a suspeita de espionagem.

2 Anton Kuehn vivia com a sua encantadora sobrinha, Wanda Graff. Interrogado pela polícia, ele explicou, com absoluta calma:

— Crio pombos-correios por simples distração e recentemente ofereci até alguns dos meus exemplares de raça mais apurada ao Ministério da Guerra... Não há muito tempo, Ben Tracy começou também a criar pombos. Desconfil que ele me roubava as minhas aves e na noite passada, descobri-o em pleno delicto, dentro do meu pombal. Quando ele me viu, puxou por um revólver e preparava-se para fazer fogo contra mim. Então, fui mais rápido do que ele e disparei em legítima defesa...

A polícia tomou notas destas declarações. A um canto, silenciosa, Wanda Graff parecia perdida em pensamentos distantes.



3 O que a polícia não sabia era que precisamente na manhã anterior, Wanda visitara Ben Tracy. Entre eles estabelecera-se como que uma espécie de flirt. Ben, gostava muito da rapariga, mas ela fazia-o enciumar-se, às vezes. E nessa manhã, como o tio tivesse saído de casa e só voltasse à meia-noite, Wanda dirigira-se à moradia de Tracy. Mal a viria, ele entusiasmará-se e correrá para ela. Então, a rapariga pediu-lhe: «As seis da tarde deve chegar um pombo com uma mensagem importante, ao pombal do meu tio. Podes ajudar-me a apanhá-lo?». Ele disse que sim. Mas, como conhecia bem a pouca amizade que Kuehn lhe tinha, foi armar-se, antes de acompanhar a rapariga...

4 A polícia não conhecia estes factos. Contudo examinará de novo o cadáver de Tracy, na mesma posição em que fora encontrado. E as suspeitas confirmaram-se. Quando se perguntou a Kuehn e à sobrinha, qual saíra de casa nessa manhã, a rapariga respondeu: «Saí eu. Fui à vila...». Depois Kuehn acrescentou: «Eu também fui dar uma volta. Mas regressei logo. Esperava a visita da polícia por causa deste maldadado assunto...». Nessa altura, o inspector encarregado das investigações apresentou a sua acusação. Quem acusou ele? O tio ou a sobrinha? Foi crime ou suicídio? Porquê?

(Ler a solução no próximo número.)

BREVES BIOGRAFIAS DOS GRANDES ESCRITORES POLICIAIS

I

S. S. Van Dine



1 O seu verdadeiro nome é Willard Huntington Wright e nasceu em 1888, numa modesta povoação do Estado de Virgínia. Mas todo o mundo, amor das leituras fortes e emocionantes o conhece sob o pseudónimo de S. S. Van Dine.

Na sua mocidade, frequentou a Universidade de Haward, onde logo se distinguiu pela sua competência em assuntos de antropologia e etnologia.

Depois, em 1907 foi nomeado director de «Los Angeles Times» e durante seis anos conservou-se como crítico literário de «Town Topics», orientado também, de 1912 a 1914, o «Suraet Set Magazine».

Até 1925, ele conquista um lugar de relevo entre os escritores do seu país, publicando vários livros de arte, literatura e música, sobretudo a novela de costumes: «Um homem que promete».

Contudo até aí ele não alcançara ainda renome mundial. Só depois de ter escrito «O caso Benson», ele criou a figura de Philo Vance, que criou a figura de Philo Vance, que criou a figura de Philo Vance, que criou a figura de Philo Vance...

um maravilhoso romance policial onde o super-detective — é que o nome de S. S. Van Dine se viu coroado verdadeiramente pelo êxito da glória.

A sua carreira de romancista policial estava iniciada. Para a sua nova personalidade de escritor policial, escolhe então o célebre pseudónimo de S. S. Van Dine, nome que lhe vinha da sua avó materna.

E desde aí, tem sido uma série de livros magníficos, ricos de entrecho palpitante e onde a leitura policial atinge o nível de grande literatura. Aparentem-se ao acaso, entre os melhores: «O Crime da Canária», «O Bispo Negro», «A Série Sangrenta», «O Crime do Escaravelho» e tantos outros.

Mas o seu trabalho mais perfeito, a sua obra-prima, na opinião da crítica exigente, é, sem dúvida alguma «Homicídio ou suicídio», onde S. S. Van Dine revela extraordinários conhecimentos sobre a arte de porcelana chinesa e sobre assuntos de criação de cães de raça.

Muitas das suas obras têm sido adaptadas ao cinema, sobretudo sob a interpretação do grande actor William Powell.

Além de escritor policial, dos maiores do mundo, S. S. Van Dine mostrou-se sempre infatigável estudioso de línguas, da literatura de várias raças, de arte e muito especialmente de medicina — que tanto lhe serviu para a confecção dos seus melhores romances.

R. M.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5

O primeiro indício que se torna evidente no enunciado do problema é a falta de qualquer prova duma morte criminoso. Assim, e porque soube através do diário, que o escultor de Maire sofria do coração — a polícia pensou imediatamente numa morte causada por colapso cardíaco. E, então, ao cabo das investigações, formou-se a seguinte hipótese: Gerda e Evelyn falavam verdade ao indicar as horas a que tinham ido a casa do escultor, tanto mais que o diário se referia também ao convite feito para o chá dessa tarde.

Simplemente, Evelyn mentia quando afirmava que não houvera discussão.

E mentia porque os arranhões profundos no rosto e no pescoço de Le Maire tinham sido causados pelas suas unhas pontegudas (as unhas de Gerda eram curtas como convinham à sua profissão de pianista). Portanto, concluiu-se que Evelyn, despedida por o escultor dar atenção a outras raparigas e sabendo que ele se ia casar brevemente — não pôde calar o seu furor e agrediu-o. Depois duma cena de luta, Le Maire teve um ataque de coração que o prostrou. Evelyn fugiu atemorizada, no momento em que Gerda entrava. E esta ficou tão atrapalhada diante do cadáver que nem teve coragem para informar a polícia.

A flor amachucada que se encontrava casualmente junto do corpo não tinha, de facto, nada a ver com o caso do escultor Le Maire...

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 4

MÉRITO ABSOLUTO

(2) Arturo Silvani (Lisboa).

MÉRITO RELATIVO

(2) A. F. da Costa e Castro (Pórt).

(1) Charles Serrière (Lisboa).

(2) Ivone Costa (Lisboa).

(4) João Alberto Gouveia (Lisboa).

(2) José C. Leal Diogo (V. F. de Xira).

(3) Manuel Morais (Lisboa).

(1) Repórter X... (Lisboa).

(4) Ziterba (Lisboa).

Notas — A Arturo Silvani é atribuído um mérito absoluto porque ele acertou no criminoso e enviou uma dedução absolutamente certa. Aos outros é dado mérito relativo porque apenas acertaram no criminoso e não encontraram a prova decisiva.

Os algarismos, entre parêntesis, que antecedem os nomes indicam o número de vezes que eles têm figurado neste Quadro de Mérito ou seja o número de problemas que solucionaram bem.

CORRESPONDÊNCIA

JOFRE (Lisboa) — A sua primeira solução chegou atrasada. E agora enganou-se...

MÁRIA JULIETA PATRÍCIO (Covilhã) — Acertou e acertou muito bem. Conto consigo, entre os bons solucionistas!

MISTÉRIO DO REPÓRTER (Loulé) — Obrigado pela ideia do pseudónimo. Li com atenção as suas considerações a respeito do 2.º caso. Leia de novo a dedução do inspector, sim?

CARLOS PLÁCIDO DE SOUSA (Lisboa) — As suas deduções são curiosas mas falham numa coisa: não condizem com a dedução lógica e acertada do inspector!

A grande utopia

O fim da guerra aproxima-se. Pode dizer-se que nunca viveu no nosso espírito como uma realidade tão permanente, depois de cinco anos de luta, de inquietações, de vicissitudes. Portanto, é natural que pensemos nas realidades da paz.

Não tomámos — felizmente! — parte directa na guerra, mas havemos de lhe sofrer as consequências, nas suas múltiplas expressões de felicidade e infelicidade que esperam o mundo.

Os problemas que lançaram os homens na fogueira de 1939 não estão ainda resolvidos e mostram-se, mesmo, muito longe da solução. Quer dizer: a força confessa-se impotente — mesmo quando vence — perante as razões morais e espirituais que tornam os povos desavindos. E, no entanto, os homens, os que contam hoje com a vitória, como aqueles que contavam com ela ontem — não se cansam de proclamar o advento de um mundo melhor. Quer dizer: luta-se, sofre-se, morre-se, para que os que ficam possam gozar de um mundo equilibrado, feliz, calmo, de liberdade, igualdade e fraternidade — não no sentido gasto de princípios desacreditados pela experiência, mas dentro de um novo ideal político e humano.

Não mais haverá pobres, não mais haverá escravos nem tiranos. Todos os homens terão à mão instrumentos de cultura, de saúde, de bem-estar. Para nos fazer acreditar neste programa, para nos fazer esquecer as «verdades» proclamadas na paz de Versaillies, os homens garantem-nos que os erros de então não voltarão a ser praticados.

Mas não virá a experiência de amanhã demonstrar-nos que estão a ser praticados outros erros?

Acreditemos na boa vontade dos homens que dizem tudo estar visto e previsto. Mas não nos esqueçamos de que esses homens — são homens, capazes de fazer grandes sacrifícios pelos outros homens mas impotentes para os tornar felizes e satisfeitos.

Depois da guerra, continuarão a existir, pelos séculos fora, a intolerância, a infelicidade, a miséria moral e material, porque uma sociedade não se resgata de um dia para o outro, e os super-homens precisariam de ser super-deuses, para formar mundos melhores.

A grande utopia da actualidade é, precisamente, essa de supor melhor a sociedade de que há-de povoa-se a terra. Contra ela, como contra essa que nos falou de bacalhau a pataco, no tempo em que se vendia a tostão — precisamos os homens ponderados, calmos e de boa-vontade, de estar precavidos, para que a desilusão não desmereça nem desvirtua, na verdadeira medida, os princípios que nos são anunciados. Não sejamos demasiado optimistas: acreditemos que teremos muitos mais aviões e automóveis, que pela rádio assistiremos ao teatro — mas não acreditemos na inexistência da luta e da dor, no após-guerra.

A eternidade dos séculos pesa sobre os nossos ombros e sobre a nossa condição de humilíssimos mortais. Perante a experiência de outras gerações humanas, só nos resta lançar as mãos à verdade e prepararmos-nos contra a adversidade.

MANUELA DE AZEVEDO

FALA-SE ESTA SEMANA

OLIVA GUERRA



A juntar a outros muitos êxitos, Oliva Guerra acaba de obter mais um indiscutível motivo de boa crítica e boa apreciação do público que a lê e admira. O seu último livro de versos — «Fonte distante» — é, paradoxalmente, uma fonte presente do seu talento e da sua sensibilidade, aplicados a uma arte poética de rara emotividade. Porque Oliva Guerra, nome feito e consagrado, domina em absoluto todas as técnicas, o seu último livro é um apanhado de poesias em que predomina o soneto de um lirismo delicadíssimo — sem exclusão de outras formas poéticas em que a autora se confirma plenamente.

SILVA BASTOS



Silva Bastos, nosso prezado colaborador, obteve de novo o primeiro lugar entre os poetas portugueses nacionalistas, nos últimos jogos florais, promovidos pela Emissora Nacional. Silva Bastos tem, assim, a juntar a muitos outros motivos de estímulo e encorajamento nas letras, mais este belo trofeu poético, conquistado pelo seu merecimento, pelo seu labor poético, pela sua apurada sensibilidade de artista. Daqui endereçamos a Silva Bastos, bom amigo e bom camarada, o nosso abraço de parabéns.

DIOGO DE MACEDO



Diogo de Macedo, um artista que tem dado extraordinárias provas da sua arte, acaba de tomar posse de director do Museu de Arte Contemporânea — um lugar por onde passaram Carlos Reis, Columbano e, até há pouco, Sousa Lopes. Não podia, pois, Diogo de Macedo ter mais altos precedentes. Mas, também dificilmente, melhor continuador dos nomes de tão grandes mestres, seria de encontrar. Diogo de Macedo vai, de certo, ter muito que fazer — e uma das suas grandes tarefas, sabemo-lo, será obter para o Museu de Arte Contemporânea o edifício que o seu alto valor reclama.

COLÓNIAS DE FÉRIAS

ESTAMOS em Julho. Quem é rico fêz as malas e abalou ou está de abalada, se acaso quer arriscar-se aos incómodos com a transferência de cartas de racionamento — para outras paragens que lhes dêem melhor ar. E vão para o campo ou para a praia, tonificam-se, preparam-se, em três meses de férias, para nove de trabalhos na cidade.

Isto acontece com os ricos. Mas com os pobres? E, sobretudo, com as crianças que não têm pais ricos que as levem por esse país fora de ares lavados, e que se obrigam uma vida inteira, a viver nas casas tristes de Lisboa?

Até há pouco, tivemos algumas excelentes colónias de férias para as crianças de Lisboa. Hoje, porém, com o racionamento, as dificuldades em adquirir a tempo e horas material comestível para alguns milhares de crianças, tornou quase impraticável essa boa intenção de criar saúde e alegria.

O problema torna-se, assim, de uma certa delicadeza — e é para ele que nos voltamos e chamamos a atenção de quantos têm por missão cuidar, de algum modo, da saúde pública. Já antes das dificuldades do racionamento se começavam a levantar certos murmurios contra a forma por que funcionavam algumas dessas colónias de férias, devidas à iniciativa particular.

A alimentação nem sempre seria a melhor, as condições de alojamento nem sempre seriam as recomendáveis e o regime de vida a que eram sujeitas as crianças nem sempre seriam as mais aconselháveis.

Até que ponto a assistência médica dava o seu conselho, a sua opinião, a sua autorizada ordem de regime alimentar, de descanso e de folia, não sabemos. Mas por aí dizia-se que muitas vezes a assistência médica e alimentar, não era a mais conveniente, pelo que nem sempre os resultados obtidos correspondiam à intenção inicial de dar saúde e alegria pelo sol, pelo bom ar e melhor alimentação.

Não levemos a mal, a essas instituições particulares, com vida material atribulada, o facto de o seu sacrifício nem sempre resultar como queriam. Mas não nos esqueçamos de que acima dos assistidos desses espíritos solidários, existe o próprio bem-estar e a saúde de tanta criança, entregue aos cuidados de quem por muito amar nem sempre sabe cuidar.

Não é novidade, nem mesmo para quem não é dado a coisas de medicina e terapêutica — que nem a todos os organismos é recomendável o campo ou o mar, a grande ou pequena altitude. E, para o caso, cuidarão sempre esses directores ou promovedores de colónias, um exame médico consentido?

Por outro lado, as condições de alimentação, com as indispensáveis exigências de um organismo em formação, quasi que variam de criança para criança. Por consequência, não é de admiração que para todos se recomendem as mesmas percentagens em vitaminas, gorduras e albuminas. Estas são algumas das muitas circunstâncias a olhar em tempo normal. Na época presente, uma mudança de ares qui, não seja suficientemente protegida por alimentação condigna pode nem sempre corresponder a uma vitória das obras de solidariedade — mas a um autêntico fracasso, com porta de serviço, aberta para a cova.

Atenção, pois, senhores filantropos!



O embaixador dos Estados Unidos em Portugal, sr. Henry Norweb, entregou ao coronel Robert Solborg, adido militar e acronútilo à embaixada, a Legião de Mérito, com que o Governo dos Estados Unidos acaba de distinguir aquele ilustre oficial. O acto para entrega da Legião de Mérito, que é a terceira das mais altas condecorações norte-americanas, teve lugar no dia da entrega das credenciais do sr. Norweb ao sr. general Carmona, como primeiro embaixador americano em Portugal.

O teatro e os autores portugueses

ESTAMOS no fim da época de 1943-1944. E é perante os factos passados e o que está bem patente aos olhos de todos que nos surgem algumas considerações à volta do que foi e do que devia ter sido a temporada.

Tivemos um bom ano teatral? A resposta salta ao bico da pena: para as empresas foi rendoso; para os autores foi desolador; para o público nem bom nem mau, porque ele nem talvez tenha chegado a aperceber-se do que lhe deram ou não deram.

E para as empresas foi rendoso porque, tendo diminuído o número de casas de espectáculos teatrais, a afluência do público teve, por força, que se cumprir nas plateias que havia. Quanto aos originais portugueses, o que se representou na época oficial, se nos referirmos apenas ao teatro declamado — porque para o outro, o de revista, ainda não está em moda a adaptação e a tradução... — poderíamos dizer que foi uma lástima...

Vejamos por teatros — se a memória nos não falha: tivemos uma estreita auspiciosa na companhia Maria Matos, com a peça «Os vizinhos do rés-do-chão», e nada mais; no Avenida, com a peça «O Zé do Telhado»; no Nacional — este para o fim, porque os últimos são os primeiros, e porque de facto esta casa não teve pressa em nos dar originais portugueses — como Deus foi servido, lá surgiram os três autores nacionais em «Dulcineia», «Raça» e «O ausente».

Pondo de parte a opereta popular do Avenida, ficamos, pois, em dezasseis meses de representações — oito para cada uma das empresas, de Outubro a Junho — uma bonita conta de quatro originais...

Por quê? Os autores portugueses estarão em crise de produção?

Mas tudo nos leva a crer que não. Primeiro, porque, com excepção da peça magnífica de Carlos Selvaagem — e a culpa não foi acul do autor nem da empresa, naturalmente — todas as peças tiveram um êxito muito longe do que estávamos habituados a observar para peças portuguesas.

De facto, «Os vizinhos do rés-do-chão» foi um excelente índice da aceitação do público.

«Raça», que foi à cena em condições excepcionais, marcou como acontecimento literário e de bilheteira.

Por quê, então, repete-se a pergunta — não se representam mais originais portugueses?

Ter-se-iam escrito apenas as que se representaram? De muitas sabemos nós que se destinariam a melhor sorte que a gaveta dos autores, se as coisas do teatro singrassem por caminho mais seguro. A verdade, porém, é que tudo vai por caminho diferente daquele que interessa ao teatro, ao público, aos artistas e aos autores. E, para prová-lo, poderíamos apresentar meia dúzia de argumentos que rebateriam, ao mesmo tempo, um artigo de F. S. num jornal da tarde, assim escrito a modos que em defesa das empresas teatrais...

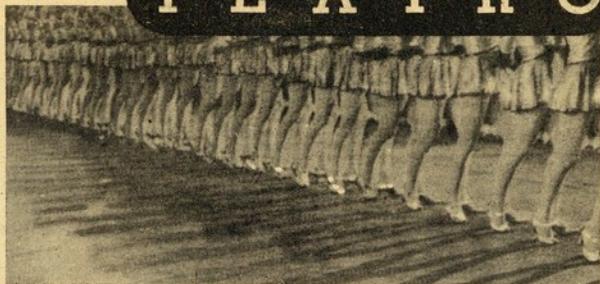
De facto, chega a ter graça: não se representam peças portuguesas porque não as há! E, no entanto, as empresas lêem as peças, ficam com elas, porque dizem que são muito boas — mas não as representam...

Por outro lado, as condições em que funcionam actualmente os nossos teatros é deveras desorganizada. No inverno, as casas de espectáculo funcionam como cinema; no verão, com elementos colhidos à última hora, aqui e ali, funcionam como teatro. De forma que os autores não podem escrever peças para determinada companhia, de modo a ajustar-se a determinado elenco.

E, ou acerta por acaso — ou escreve para a gaveta, porque o primeiro papel talvez tenha sido escrito para o Assis Pacheco e, no fim, a primeira figura masculina é o João Villaret...

Anunciando-nos a criação de uma comissão de escolha de peças para o Teatro Nacional. Mas não nos dizem que é aumentado, por lei, a representação de originais portugueses. E, assim, agora que Maria Matos e Assis Pacheco deixam de fazer companhia, fica aos nossos autores menos possibilidades de se fazerem representar.

Ou talvez não?



A festa das coristas do Avenida

Noite grande de alegria!

A verdade é esta mesmo e ela basta para dar uma ideia do que foi a assistência à encantadora festa, em honra e benefício das simpatíssimas coristas do Avenida.

O teatro encheu-se por completo. Mas encheu-se por toda a parte, até mesmo nos corredores, nas coxias, nos camarins, no palco... Houve gente a mais, nessa noite que ficou na história do Avenida. Mas as coristas bem mereciam essa romagem de carinho e de solidariedade...

BRAVO, SENHORES ARTISTAS!

E já agora não queremos deixar de frisar um pormenor que nos encantou: na festa das Coristas do Avenida, lá qual deram a sua adesão não só a companhia quasi completa do próprio Teatro, como ainda os melhores artistas de outras casas de espectáculo — todos se esforçaram ao máximo, não poupando energias, nem escondendo talento, apesar de que muitos deles vinham já extenuados por duas sessões nocturnas.

Bravo, senhores artistas! Assim, o teatro dignifica-se e a camaradagem não é uma palavra vã. Por isso mesmo, nos inícios destes apontamentos de reportagem, achamos justo registar a atitude exemplar e nobre que tiveram todos os participantes do espectáculo. Todos! E as coristas do Avenida, decerto se sentirão orgulhosas por isso mesmo!

O DIABO TAMBÉM LÁ ESTEVE...

Sim, um Diabo mascarado de João Perry e cozinhado pelo humor e pela habilidade de Ramada Curto e Oliveira Guimarães, doutores nestas coisas de teatro.

E houve várias surpresas: uma delas, a maior, talvez, foi a do Diabo recitar uns belos versos patrióticos de sua autoria, que receberam muitos e quentes aplausos (Perdão: onde se lê «Diabo», leia-se João Perry, por favor...).

Eunice Munoz esteve três vezes em cena — e isso diz tudo do entusiasmo com que o público a acolheu. Está ali, incontestavelmente, uma grande artista!

Dos outros elementos da Companhia, só podemos dizer que estiveram melhores do que nunca.

E já agora um comentário a propósito, como se tratava da sua festa, as coristas trabalharam admiravelmente. Tão bem, tão cheias de alegria, tão briosas que pareciam outras — diferentes daquelas que lá vimos, em algumas noites...

TERESA GOMES, O FÍGADO E O ESPECTADOR...

Parece o título de qualquer fábula moderna, mas não é. Trata-se apenas de prestar a nossa sincera homenagem a Teresa Gomes, à sua inconfundível «verve», à sua eterna e maravilhosa boa disposição. Não sabemos como ela é, longe do palco, em casa, em família, dentro do seu papel de mulher. Sabemos, porém, que no palco Teresa Gomes é uma das maiores artistas que conhecemos. Maior pela naturalidade, pelo talento e pelo espírito de camaradagem. Tudo isso, precisamente, ela demonstrou na festa das Coristas. Foi uma das poucas que mais trabalhou e que mais ajudou para a realização da festa. Excedeu-se nos seus números, interpretando-os como só ela consegue, nas suas grandes noites. E, finalmente, ofereceu ao público, fora do espectáculo, um magnífico momento de alegria quando se dirigiu, com os seus âpartes ricos de graça, àquele espectador que ria desabadamente. Bem dizia ela, na verdade «Ria, ria... Isso faz bem ao fígado!».

Abençoada filosofia, a de Teresa Gomes!...

COMO O TEMPO CORRE...

Olhe bem esta fotografia, leitor. Sabe quem são? Olhe melhor. Então já reconhece a mãe e a filha?

Bem, nós diremos. Essa foto representa Amélia Rey Colaço há bem uns treze ou quatorze anos, abraçada à sua filha.

Como o tempo corre, leitor. Hoje, Amélia Rey Colaço está quasi na mesma, apenas com um porte mais alto e uma grandeza maior de artista. Contudo, sua filhinha já não é a criança de então. Está uma rapariga bonita, desenvolvida. Escreve peças, tem muitas esperanças no futuro. E — quem sabe? — talvez algum dia siga a triunfante caminhada de sua mãe...



As três pancadas

Em primeiro lugar, saídamos o regresso de dois artistas: Aura Abranches e José Gambôa que há anos andavam tão arredados dos teatros. Bem haja, pelo seu regresso, o empresário Pacheco de Macedo. Aura e Gambôa são dois artistas de categoria que só a má-vontade e o rebolito que vão pelos bastidores afastaram do convívio amável das platéias.

* * *

A peça de inauguração da temporada intitulava-se «O homem que eu sonhei» — por sinal que pode ser um plágio ao título de uma peça portuguesa já anunciada, «O homem que não queria falar», depois do caso de «As meninas do Colégio» que deram ideia «As meninas do asilo», agora anunciadas — e é uma comédia de Adolfo Torrado, um escritor que deu lições de vênias aos autores portugueses, quando foi ao palco agradecer as muitas palmas que coroou cada um dos finais do acto...

* * *

Será «O homem que eu sonhei» uma peça boa ou má? É melhor não dizer nada. Toda a crítica faz restrições de cortesia. No fundo, não gostou. Mas não disse mal. Ao passo que o gosto do público, à saída, ainda com ares de riso nas faces, se media pelo seguinte diálogo, entre um senhor gordo que saía da primeira sessão, para outro senhor gordo que se preparava para assistir à segunda: — Que tal, a peça vê-se bem? — Muito bem! Muito bem!

* * *

Sacramento, Glória e Cremilda de Oliveira — outra que reapareceu — e ainda bem! — ao lado dos restantes deram a «O homem que eu sonhei» uma interpretação digna do público que tem ali, com certeza, a peça que ele sonhou... — Espectador.

DEZ MINUTOS NOS BASTIDORES...

Terminada a representação da revista e antes de se iniciar o monumental acto de Variedades, esgueirámo-nos até à «Caixa». Esgueirar, é o termo. Porque tivemos de fazer malabarismos com o corpo para arranjarmos passagem.

Mas, Santo Deus, na «Caixa» aquilo era mil vezes pior. Para pormos um pé no chão, tínhamos de pedir licença ao outro pé...

As Coristas viviam a sua noite grande. Passavam alegres, saltitantes, gloriosas. Umam comiam caramelles, outras levavam braços de flores, outras ainda miravam lindos presentes. E nas banquetas dos camarins amontoavam-se cartas e telegramas, muitas cartas e muitos telegramas...

Que mundo imenso não existe na Caixa!... Um mundo cheio de contrastes e de surpresas. Calculem, de repente, vimos um velho «Coronel», todo sorridente, a beijar a mão a um «hussard» da Cavalaria Imperial de Viena. (Aqui para nós: o «hussard» era uma linda corista, prestes a entrar no palco...).

Contudo, apesar da alegria, do movimento e da satisfação, havia qualquer coisa de melancolia a pairar no espaço. Depressa compreendemos do que se tratava: aquela era o último espectáculo da Companhia. E isso é sempre triste, em qualquer parte do mundo. O arrumar das malas. O abandonar os camarins. O partir para outros destinos.

No camarim de Perry, ele dava ordens: «mete aquilo, na mala. As cartas vão para casa. Isso pode ficar aí». E a última coisa a ser retirada, foi um engraçado cão de barro, muito ativo na prateleira em que se encontrava. O cão fôra-lhe oferecido pelo filho e Perry costuma tratá-lo como «mascoete».

Lá fora a campanha começou a retinir. Muita gente correu para os seus lugares, deixando um rasto de «felicidades», «boa sorte!...». Mas apesar disso, a «Caixa» continuou cheia, da mesma maneira.

E A FESTA RECOMEÇA...

Quando regressámos ao nosso lugar, já o Aivaro de Almeida, muito encaçado, afirmava que, em virtude do adiamento da hora, não diria graças nem cantaria anedotas. Afinal, ele fartou-se de não fazer sorrir, com os seus ditos espirituosos...

O desfile iniciou-se com Sara Rafael. Discretamente, Alvaro de Almeida avisou que era a primeira vez que ela cantava em público. Assim, deviam desculpar, se ela tivesse pouca voz — pois que os tempos vão maus e por causa da guerra, não pode vir nenhuma voz lá de fora.

De seguida, «Hortense Ribeiro» e «Francisco Luz» cantaram um dueto cheio de graça. A certa altura, Hortense perguntava, acerca duma peça reposta no Avenida, qual seria o melhor intérprete: Se o da versão antiga, se o da versão moderna. E Ribeiro, chistoso, respondeu o seguinte, se não nos falha a memória:

Não vale comparar os dois.
O Ribeiro tem talento,
Mas é o Chaby depois
Depois do racionamento...

A voz melodiosa e quente de Maurício Morgado veio logo depois arrancando fortes aplausos. E mal ele saíra, correu a cortina...

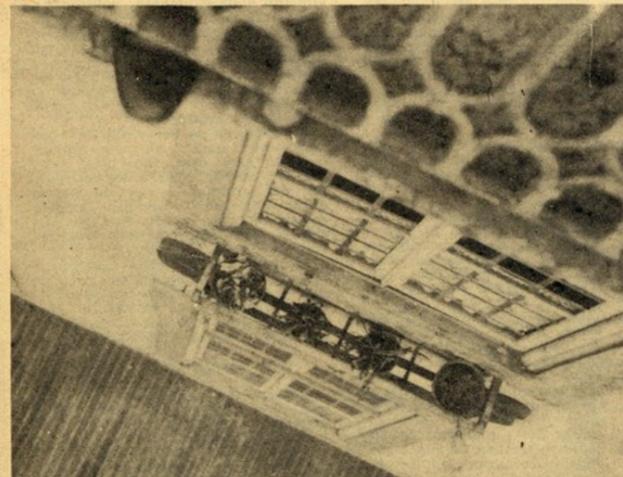
Em ar de segredo, Alvaro de Almeida informou: «E para mudar o cenário...». E era mesmo. Os espectadores viram dois espantinhos. Dois espantinhos autênticos. Só dá a minutos perceberam que os espantinhos não eram autênticos. Tratava-se

(Continua na pág. 28)

ONDE SE DESCOBRE O QUE VOCE CONHECE...



Se você sofrer de ilusão de óptica — não acredite no que está a ver...



Parece que está ao contrário... Mas feita assim, só para mostrar o viço das flores...



Um bom colóquio, à sombra do guarda-sol desbotado... Tem pitoresco, não tem?

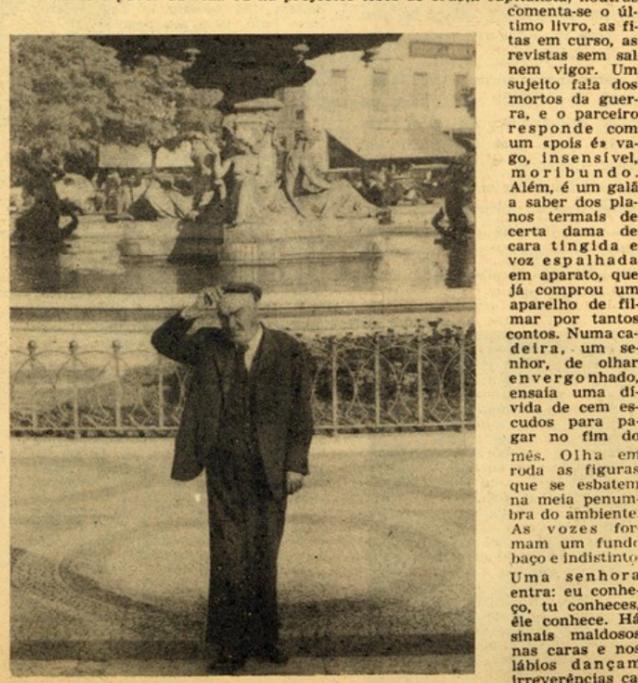
ORA aí temos, pois, mais um ar do «plateau» gigante — salão imenso onde as visitas, desatenciosas, entram sem limpar os pés nem pedir anuência, por várias portas rasgadas em simetria... Incompleta. D. Pedro, o IV, se não foi um rei refestelado em simpatias é, no bronze, o mestre uno mas humilhado desta sala de baile estremada por vistas policromia. Voltado ao mar, em cuja beirinha outro salão real ostenta larguezas que o amo, o senhor de Sebastião, o Marquês, nos dá de bom grado — parece implorar às gentes favores de se alongarem, inquieto pela iminência de choques de almas e de corpos. Por diversas razões, o povo não ouve a sugestão real e o mesmo fazemos nós, descendo hoje ao Rossio, onde começamos, primeiro, a contar 700 passos de redondezas extremas, após o que devassamos a «fortaleza» sem antecipada guerra de nervos nem pedir ajuda de neutros — a não ser o camarada fotógrafo. Antes, porém, demos de conselho ao companheiro olhar os céus. Feito o exame, logo ali se percebeu que, se de algum 3.º andar nos atrassem metralha de marca «vaso», ao menos teríamos a fortuna de sentir o contacto amolecido das folhas das malva-rosas ou sardineiras que desde há tempo ali medram de novo, a rir de gozo na sua frescura virente...

MILHOES DE NEGÓCIOS, MONTES DE NOVIDADES E OUTRAS COISAS TAMANHAS...

A primeira vista, resalta a impressão de que os lagos do Rossio, além de motivos ornamentais, servem, ou poderiam servir, também, para extinguir labaredas nas cabeças febris de muitos que poísam na grande praça e se delectam a sonhar, tecer fantasias e fazer sonhar os outros.

Não é assim, mas bem poderia sê-lo... No caso sujeito estão, por exemplo, os que à beira dos passeios, lado oriental, salvo honrosas excepções que felizmente abundam — convidam os amigos a comprar-lhes certa mina de cobre ou de volfrâmio em Freixo de Espada-A-Cinta; vagões de cavala em latas na posse de um tio da prima do cunhado do pai de um ex-sócio; de tantas arrobas de batatas a preço que é um maná; fábricas de sementes de bacalhau, de grão de bico ou milhares de caixas de pão em conserva. Por outro lado — mais simpáticos, que pensar não é crime — há batalhões de «generais» de cabeça quente a pedir também refresco salutar: os ingleses são caturras e burros; deviam fazer isto e aquilo; os alemães, afinal, são os melhores do mundo e vão ganhar a guerra; o que Churchill disse já eu sabia; Montgomery devia atacar aqui, Alexander acolá, Chang-Kal-Chek na Moita.

Em lugar anexo, nos «cafés» — tudo isto e o céu também: fumo no ar, ruído no chão e sonoras palavras em bocas desabridas. Nalgumas mesas, lamenta-se o pavor da vida ou há projectos tesos de ordem capitalista; noutras comenta-se o último livro, as revistas sem sal nem vigor. Um sujeito fala dos mortos da guerra, e o parceiro responde com um «pois é vago, insensível, moribundo».



Adora o Sol e cumprimenta os homens que não conhece...

Além, é um galá a saber dos planos termals de certa dama de cara tingida e voz espalhada em aparato, que já comprou um aparelho de filmar por tantos contos. Numa cadeira, um senhor, de olhar envergonhado, ensaia uma divida de cem escudos para pagar no fim do mês. Olha em roda as figuras que se esbatem na meia penumbra do ambiente. As vozes formam um fundo baço e indistinto. Uma senhora entra: eu conheço, tu conheces, ele conhece. Há sinais maldosos nas caras e nos lábios dançam irreverências ca-

mufladas. Entretanto, os copos, negros ou pardos, de fundos altos, mentirosos, passeiam altivos em bandejas de falso toque.

Isto não são os «cafés», a linha geral, mas colecção de retratos do que pode ver-se em «cafés» do grande largo. De qualquer modo, enfim, são lugares de concentração, indispensáveis à vida moderna, séria ou equívoca, onde se escreve, se vende e se compra, se limpam sapatos, se admiram «exposições», se ouvem e dizem larachas, tudo por dez tostões, incluída a gorjeta dada ao empregado — mais confiante na bolsa da freguesia do que na civilidade patronal...

DOS «GOALS» DO SPORTING AS CAUTELAS DE PENHORES

A vida não consta, afinal, dos curtos «dois dias» em que muitas vezes se fala por entre um manejar de ombros e sorrisos conformistas. Quem no Rossio Janota e tumultuoso vê os mirones felto grupos, mil expressões discordantes, julgará saber que um tanto «sem que fazer», muitos, se acotam ali em descuidado passar de tempo, que é todo o tempo. Não é assim. Os visitantes mudam, segundo as horas — que um rór delas é consumida em falna de séria preocupação. Mas há, ainda, instantes que sobram para arrelhas de futebol falado e procura de «ganchos» que dão dinheiro e é preciso arranjar; para apreciações da guerra, da penicilina, de tudo e de nada. O lado ocidental, mais dado a encontros de olhos e elegâncias — campo senhoril da gente que «anda» a andar — é escolhido por apressados a quem os empurrões maçam e ofendem. Contudo, é fácil enxergar enamorados da bola esgrimindo lanças pró-honra do Sporting, do Benfica e outros que tais.

Perdão! Não é pelo Sporting ter ganho a coisa que eu digo isto. Como sabem... Mas este lado, além do que se vê nos passeios, tem ainda o encanto dos cabaleireiros que se guerreiam nos anúncios dos jornais; as plantas que dão vida aos mortos e se vendem na ilha 93; as pernas ao léu na «Suíça», a fama do restaurante onde os poetas do «Orfeu» se reúniam, e onde Camilo achou figura azada para um dos seus romances. Testeira à rua Augusta, há um mercado de flores. Ali, por ironia, há mistura de odores e necessidades. Lindas vendedeiras de lábios anacardos, corpos esgulos e cintas de palmo, imans onde caem olhos e corações, vendem jasmims e golvos, caméllas e sorrisos... (Se a vista nos enganar fornecendo imagens de anclãs volumosas, inamomíveis, qualquer coisa de menos belo — é mentira e aqui aconselhamos doutor especializado).

* * *

Mas espregitemos a casa das sanduiches, onde o «clan» devorador sumiu luxos e invocou os dias saudosos em que mastigava três e pagava uma... Que tempos! Quando acabará a guerra?...

Saltemos agora à outra banda. Seis horas. Os «placards» sugerem tragédias e nos rostos há desejos de cultura guerreira. O Rossio toma forma de arralal; nos passeios, não fura um alfinete. As repartições e escritórios despejam centenas de visitantes ao tempo que os arrimados a pensões desentorpecem também as pernas e a língua, metendo foíce no consenso geral. A espreita, de unhas afiladas, há quem use «ralos X» assestados para algeibeiras volumosas.

«Agarra que é gatuno!» — porém, já não é vulgar, tão alto subiu a «arte» de surripiar. Os xeixos só tarde dão pelo caso, quando lhes resta apenas o muro dos lamentos no Torel prometedor e esforçado. Porque os bocais telefónicos deram no dia recados sem fim, os «cafés» estão à cunha. Até vão os amigos que partem ou chegam de fora, se lêem jornais e os felizes decifram palavras cruzadas, já que o problema da vida tanto custa a resolver.

Até quando no céu surge sinal embaçado de lume é assim. Depois — mela volta e o sacrifício da tal viagem, como fardos, nos carros de tinta amarela. Nos passeios, de fugida, dão-se as derradeiras falas, há apertos de mãos, amplexos vigorosos, e das bocas cansadas dos «ardinas» saem pausadamente, agora, os nomes das gazetas gritadas. No instante supremo, aparece a oferta de um negócio excelente:

«Olga: quer comprar a cautela de penhor de um bom relógio? Vendo-lha por 30\$00 e está «pendurado» em 100\$00. Uma pechincha! Regula que é um mimo, tem 15 rubis, está novinho e...»

«Trabalha a óleos pesados, não! Obrigado, não quero...»

Um arco-iris permanente, este Rossio papo-séco, tão burguês como orgulhoso, ricoço e pelintra — sempre catita.

A MULHER BAILARINA E FUMADORA E O HOMEM DE SAUDAÇÕES CONTÍNUAS QUE VENERA O SOL

O Rossio é um palco, ou um jardim, uma larga encruzilhada, ou uma feira garrida — será tudo e até imenso tragal que não é todo loiro nem semelhante em promessas consoladoras. Aqui e ali há gramíneas caídas, secas, feitas palha, que se dobram, a morrer, e riscam golpes nas almas de quem adora a «messe» e a vê doente por natureza ou ruindade estranha.

Há ali, entre outras, duas espigas sem viço — símbolo das muitas que há na seara imensa — a pedirem arrimo reconfortante. Uma já foi mulher e hoje só é farrapo, como a outra — ambas fugidas à vida, cada vez mais rastejantes, inditosas. Ela, que é negrinha e velha como as noites, baifa, aqui e ali, dá volta ao Rossio, a fumar sobejos, cantarolando em surdina, de boca e olhos inexpressivos, sem luz nem cor que não seja o artifício de costume que lhe ficou. Ele, homenzarrão mas frágil, surge na praça, em ponto marcado, cuja área percorre milhentas vezes, da grade de um lago ao fim da placa, cá e lá, de mãos a tocar o chapéu, seguidamente, em saudações contínuas atiradas a quem lhe passa chegado ou vem da rua em frente.

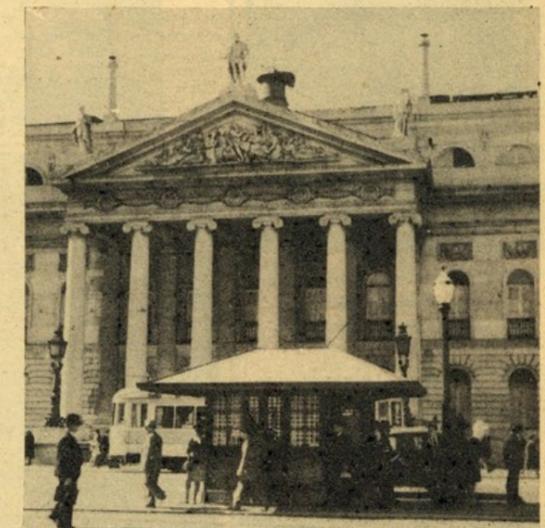
Não vem à pena os nomes nem o que foram; não vale a pena.

São monos de feira — que não interessam a ninguém, salvo por desportiva curiosidade, neste arralal de entradas gráteis. Ela baila e fuma e sofre sem saber que sofre. Ele é aquilo que se vê a mexer, às vezes em atitudes de quem venera o Sol, ao presentil-lo nos altos do zénite maravilhoso — peito erguido, rosto

dado, que nada diz mas parece saudá-lo com o fanatismo de um primitivo.

À tardinha, quando a luz se muda, lentamente, para outros rossios, os olhos percebem naquele espaço que é terreno do patetinha, entre um lago e o teatro, assuntos que falam de glória e fama; inutilidades; desgraça; no alto da casa de Garrett — Gil Vicente; ao melo a barraca escandalosa da Carris, com outra irmã não muito longe; em frente, o homem das saudações que adora o Sol...

ARTUR ALPEDRINHA



Fronteira à Casa de Garrett — a casinha da Carris...



Pelas cinco horas, quando os escritórios despejam gente e os «placards» tragédias...

PÁGINA DAS UTILIDADES

MAQUINAS DE COSTURA

Ideal



HUSQVARNA

Vendas no próprio «stand» da Feira Popular nas melhores condições a pronto e a prestações.

*

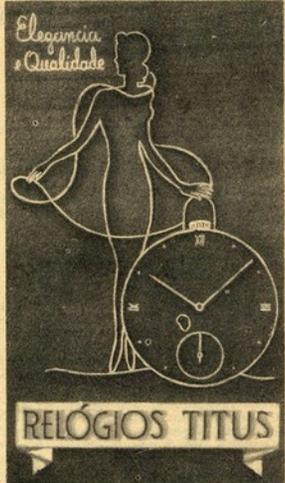
Agente vendedor

COSTA & SOUSA, L.DA
P. Restauradores, 13, 3.º-Esq.º
LISBOA Telef. 29888

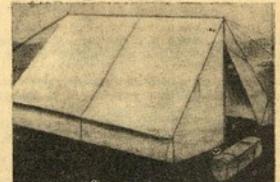
Todos os artigos domésticos de electricidade e gás



Vendas a pronto e a prestações aos melhores preços
ELECTRO GLÓRIA, L.DA.
Lisboa — Rua da Glória, 20-A Tel. 24050



O CAMPISMO É SAÚDE E ALEGRIA



TENDAS E TUDO PARA CAMPISMO

VIEIRA CAMPOS
(ANTIGA CASA FIGUEIREDO)
215 — RUA DA PRATA — 217
TELEFONE 27606

prefira
SHEAFFER'S
a caneta de tinta permanente de fama mundial



O SUCESSOR DA TINTA

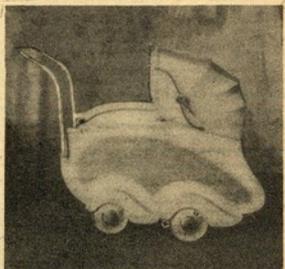


O essencial para uma boa habitação

LIMA INSTALAÇÃO
da casa **MÁRMORES DE SOUSA BATISTA, L. DA**
PRAÇA DO MUNICIPIO, 30 — LISBOA — TELEFONE 27643

Carrinhos e cadeiras para bebés

Elegantes e económicos



A pronto e com facilidades de pagamento

J. Costa & Silva, L.º
RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.º
LISBOA — TELEFONE 26713



OUVIR UM **LUXOR** é um sonho!

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

A HISTÓRICA RENDIÇÃO ALEMÃ EM CHERBURGO



Eis uma fotografia flagrante da rendição dos oficiais alemães. O tenente-general Karl von Schlieben, comandante da guarnição de Cherburgo (ao centro, de frente) e o contra-almirante Hennecke, chefe das forças navais alemãs na Normândia (à esquerda), são recebidos pelo major-general Collins no seu quartel-general.

A importância da conquista definitiva de Cherburgo pelas forças americanas, no dia 27 de Junho, não passou despercebida a ninguém.

É indubitável que o verdadeiro valor militar de Cherburgo foi apreciado devidamente muito antes do início da invasão da França, por ambos os contendores. E, tanto assim, que os alemães tinham apetrechado, tanto o porto, como a cidade, com formidáveis baluartes defensivos; ao passo que a estratégia anglo-americana revelava, logo após o início dos desembarques, na Europa, a intenção de isolar Cherburgo para mais facilmente tomar posse dessa posição nevrálgica.

Ficou, portanto, mais uma vez demonstrado que não há espírito combativo nem defesas materiais que resistam indefinidamente a ataques concentrados de terra, mar e ar. Incontestavelmente, os aliados obtiveram uma grande vitória, cujas consequências muito em breve se farão sentir, favoravelmente para os atacantes e desfavoravelmente, se não desastrosamente, para os invadidos.

Até à data, os progressos territoriais dos anglo-americanos na Normândia foram realizados sem que tivessem sido utilizados portos de desembarque. Ora, a verdade é que na opinião dos mais categorizados comentadores militares, as testas de praia ou de ponte, por muito bem organizadas que estejam, não podem substituir adequadamente os grandes portos com os seus poderosos engenhos e os seus vastos cais de acostagem.

Cherburgo, que possui magníficos ancoradouros, onde poderão entrar navios de grande tonelagem, vem agora preencher a lacuna que faltava e vai contribuir de maneira decisiva para o reforço dos exércitos de invasão.

A GUARNIÇÃO DE CHERBURGO RENDE-SE...

Um dos momentos mais solenes e emocionantes da campanha da Normândia foi, sem dúvida, a rendição dos oficiais alemães que chefiavam a guarnição da cidade.

Segundo os correspondentes dos jornais britânicos, esta cerimónia realizou-se de maneira um tanto ou quanto inesperada e revestiu-se, sob certos aspectos, dum carácter que, embora não possa ser considerado inédito na história militar desta guerra, é, no entanto, estranho e em parte, cruel.

O primeiro contacto entre a guarnição alemã cercada e as forças da infantaria americana, que se preparavam para assaltar a entrada dum subterrâneo, foi estabelecido por um tenente alemão que, imprevisivelmente, apareceu com uma bandeira branca à boca do túnel.

Este oficial, que se dirigiu para junto dum patrulha de guardas-avancadas americanas, declarou imediatamente ser portador dum mensagem em que o seu comandante anunciava a decisão de se render.

Os oficiais americanos, em face desta declaração, mandaram cessar fogo e, alguns minutos depois, o tenente-general Karl von Schlieben, acompanhado pelo contra-almirante Hennecke, comandante das forças navais, e por 800 oficiais e soldados, apresentava-se à saída do subterrâneo.

Imediatamente, levado sob numerosa escolta para o quartel-general americano, encontrou-se ali, frente a frente, com o homem que destruíra todos os seus sonhos de resistência, major-general J. L. Collins, o já célebre vencedor dos japoneses na ilha de Guadalcanal.

Os dois adversários — olharam-se fixamente e, glacial mas solenemente, cumprimentaram-se com um aperto da mão, enquanto os fotógrafos, ansiosos por «caçar» uma imagem sensacional disparavam as suas máquinas.

Seguiu-se um diálogo rápido, incisivo.

— «Como pode o senhor render-se

se, no entanto, permite que os seus homens continuem a combater?» — pergunta o general Collins.

E, von Schlieben replica que a experiência adquirida na campanha da Rússia lhe ensinou que pequenos grupos de soldados dispostos a vender cara a vida provocam grandes atrasos no prosseguimento das operações desde que continuem a bater-se.

— «Então, não está decidido a ordenar a rendição do resto das suas tropas?» — insiste o general americano.

— «Nein!» — é a resposta seca. No entanto, passados alguns minutos, declara à maneira de explicação que os seus soldados estão a combater em grupos isolados e que, por conseguinte, não pode entrar em contacto com eles. «É absolutamente impossível!» — acrescenta como quem põe um ponto final na conversa.

Perante tal atitude, os americanos resolvem a questão por sua conta e risco. Por meio de auto-falantes, anunciam às tropas alemãs que combatem em bóscas isoladas que é inútil continuarem a resistir visto os seus chefes já se terem rendido. E, enquanto uns se entregam, outros continuam a combater tenazmente...

QUEM SÃO OS VENCEDORES.

O Barão von Schlieben, o ex-comandante-chefe de Cherburgo, na sua qualidade de tenente-general do exército alemão, tem direito a ser tratado por «Excelência». Embora isto não tenha uma importância primordial, tal facto é considerado um dos motivos de maior orgulho da família von Schlieben.

Antes da guerra, o actual barão dedicava-se, entusiasticamente, ao desporto e os cavalos da sua coudelaria obtiveram grandes vitórias nas corridas de Karlshorst, Ruhleben, Wiesbaden e Baden-Baden.

Chefe dum a mais importantes famílias da Prússia, o general von Schlieben, além de membro prepon-

derante do grupo dos «junkers», é possuidor dum enorme fortuna, representada por grandes propriedades e riquíssimas minas em exploração.

No tempo do Reichstag, dirigiu o Partido Nacionalista Popular, agrupamento de características conservadoras, mas que, no entanto, tinha muitos pontos de semelhança com o Partido Nazi e, nessa mesma ocasião, defendia um lema que traduzia por esta espécie de adágio: «Se não te convengo com palavras, tenho que usar meios violentos...».

Quanto ao almirante Hennecke, julga-se que foi esta a primeira vez que o seu nome aparece nos jornais tanto alemães como estrangeiros. Até há muito pouco tempo, era um oficial absolutamente desconhecido, mesmo nos círculos navais da capital do Reich.

Devido ao papel desempenhado durante o cerco e a rendição de Cherburgo, o almirante Hennecke foi agora condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Cruz de Ferro. Presentemente, era êle o único almirante da esquadra germânica que até hoje ainda não fôra agraciado com tal honra.

QUEM SÃO OS VENCEDORES

A vitória de Cherburgo tem todas as qualidades — como já acentuámos — para ficar na história das operações militares do exército norte-americano como motivo de orgulho e regosijo. Foi exactamente essa a feição que os chefes anglo-americanos quiseram dar às manifestações congratulatórias do acontecimento.

Eis a opinião do general Omar Bradley, comandante das Forças dos E. U. na Normândia:

«As nossas tropas ocuparam a cidade de Cherburgo. E com o maior prazer que dizemos ao povo da França: Eis a primeira grande cidade que voita para as nossas mãos.

«As nossas tropas que realizaram o ataque a Cherburgo levaram a efeito uma empresa magnífica. A bravura e a pericia por elas demonstradas indicam que não podem estar melhor treinadas, e estão de harmonia com as melhores tradições do nosso exército.

«Foi o Sétimo Corpo que executou as operações na península sob o comando do major-general J. L. Collins.

«Estou autorizado a anunciar que o Ramo de Fóllhas de Carvalho da Medalha dos Serviços Distintos foi atribuída pelo Departamento da Guerra ao general Collins, em recompensa dos brilhantes serviços por êle prestados durante a tomada de Cherburgo, e ao major-general L. T. Gerow, comandante do Quinto Corpo, por ter planeado o ataque às praias orientais.

Por seu turno, o famoso general Montgomery, numa carta pessoal escrita no próprio dia da queda de Cherburgo, felicitava o general Omar Bradley nos seguintes termos: «Quero felicitar-vos pessoalmente e todas as forças do vosso comando pela tomada de Cherburgo e pelas operações que conduziram à sua conquista.

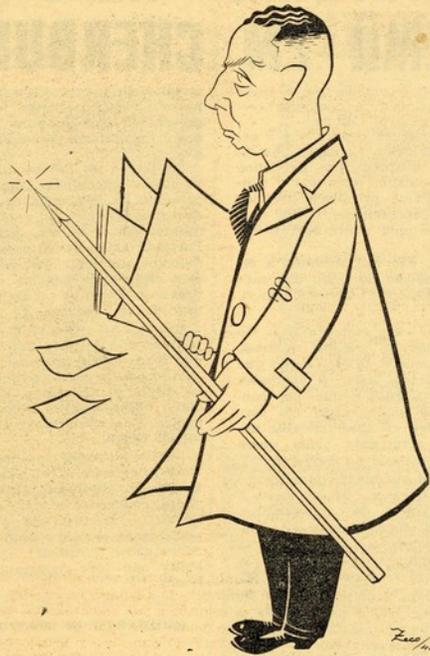
«Tendes um exército magnífico, composto por corajosos combatentes, e é uma grande honra para mim ter tal exército sob o meu comando.

«Gostaria que transmitísseis as minhas felicitações a todos os oficiais e soldados do vosso exército. Com tropas como as que têm os exércitos aliados, e apoiados, como estamos, pelo esplêndido trabalho das forças navais e aéreas aliadas, só pode haver um fim para esta guerra — e esse fim é a vitória completa.



Ainda a caminho de Cherburgo, as tropas americanas olham o caminho que pode revestir-se de surpresas para os invasores

JOSE CORREIA RIBEIRO
(Sobrinho)



JORGE SEGURADO

É da história que o Criador chamou um belo dia o arquitecto Jorge Segurado e encomendou-lhe o projecto do mundo. O nosso Jorge, sempre modesto, declinou o honroso convite.

— Dou-te cem mil dólares! — prometeu-lhe o Criador.

O arquitecto persistiu na recusa. Nada há como as lições da história e este episódio, caracterizadamente bíblico, mostra-nos duas circunstâncias que concorrem em Jorge Segurado: o seu valor como arquitecto — e a sua modéstia como homem. A poucos o Criador convidaria para fazer o mundo e poucos teriam recusado tão lucrativa oferta. É certo que muitas outras coisas, nos domínios da boa arquitectura, este arquitecto tem feito, e de tal forma que se lhe abriram, em plena mocidade, as portas de ouro do triunfo. E porque assim é, aqui traçamos estas palavras, acompanhando a sua caricatura — perdão... — o seu retrato, e fazendo votos para que se cumpra rigorosamente o ditado que diz:

— O Segurado... morreu de velho!

A maneira de Branca de Gonta Colaço

Tu és humilde, mas todo poderoso

Num claro céu de adoração sem fim

Es senhor do meu sono e meu repouso,

E da ventura com que te amo assim,

Es mar, para onde corre pressuroso

O romântico afan de onde eu vim

E branda areia em que se espraia em gozo

O mar de amor que tumultua em mim.

Es dono do lirismo e da beleza,

Único sonho e única certeza

A afugentar a sombra do demónio;

O último tostão aqui te deixo,

Sofro tudo por ti e não me queixo,

Meu rico e meu bondoso Sant'António!

SCHWALBACH E A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA

Na madrugada de 4 de Outubro de 1910, Eduardo Schwalbach, sentado num degrau da igreja dos Mártires, com um amigo, vê passar André Brun, encaçado, vindo do Restaurante Clube.

— Que há, ó Brun? Temos revolução?

Logo Brun, rindo:

— Dizem as más línguas que para os lados do Campo de Ourique rebentou um furúnculo à República e foi curar-se ao Hospital da Estréla!

No dia 6, na sua carta habitual de Lisboa para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, Schwalbach escrevia: «Ao cabo de longos e porfiados esforços os monárquicos acabam de implantar a República em Portugal...»

PRINCIPES



Silva Bastos, lírico de elevada inspiração, mais uma vez subiu a escadaria de mármore do nosso Parnaso. Nos recentes Jogos Florais organizados pela Emissora Nacional de novo lhe foi atribuído o primeiro prémio da Poesia Nacionalista — distinção que lhe confere o título de príncipe dos poetas portugueses. Temos aqui um príncipe pela terceira ou quarta vez, o que nos desvanece pela amizade e admiração que lhe consagramos. Por direito, este príncipe devia já ser rei. E — vamos lá — mesmo nos domínios intelectuais, o que é preciso hoje, acima de tudo, são «coroas»...

AUTO-CARROS

Pedem-nos a publicação do seguinte horário agora estabelecido para os auto-carros da Companhia Carris, postos em circulação:

CARREIRA RESTAURADORES-AÉROPORTO

Partidas às terças, quintas e sábados, às 18,30.

CARREIRA RESTAURADORES-MIGUEL BOMBARDA

Partidas às segundas, quartas e sextas, às 19,23.

CARREIRA RESTAURADORES-PENITENCIÁRIA (*)

Partidas aos domingos, às 15,10.

(*) Esta carreira só se realiza nos anos bissextos.

CANTORAS



A São Pedro de Alcântara vem dar uma rua a que foi dado o nome de Luísa Tódi, conhecida e festejada cantora. Pois bem. Há tempos, por baixo da placa onde está inscrito o nome de Luísa Tódi, surgiu uma placa mais pequena onde se lê: *Mina*. A propósito dizia-nos ontem um amigo nosso, conhecedor das coisas alfacinhas, e a quem preguntámos o que significava aquêle Mina:

— Não sabe? Aquilo é a rua das cantoras... Em cima Luísa Tódi... Mais abaixo Mina Braga...

— Mas Braga não está lá?

— Pois não... Braga está no Minho!

A PAZ



O general Smuts declarou, durante a visita que recentemente fez a Roma, que as conferências da Paz poderão prolongar-se por dez ou vinte anos. Não se poderá dizer que Smuts seja, a este respeito, dum grande optimismo. Dez ou vinte anos de conferências não podem considerar-se, na verdade, um futuro côr-de-rosa, tanto mais que a experiência da História nos ensina que as longas pazes não passam duma preparação para futuras guerras.

ÊSTE VERÃO
USAREMOS:

VESTIDOS leves com desenhos sobre motivos populares, maritimos e infantis.

Vestidos com abas imitando sala e casaquinho. Duma maneira geral, estes modêlos devem aparecer em tecidos lisos ou de arabescos.

Chapêus de palha finíssima azul e rosa pálidos e também — como não poderá deixar de ser — brancos. Guarnecendo-os ver-se-ão véus, laços e flores, muitas flores!...

Para as noites no casino, ver-se-á mesmo em «toilettes» curtas, lantejoulas e vidrinhos, brilhando com as luzes, nos bordados dos vestidos.

Nas praias, ou no campo, sob a areia ou em passeio de bicicleta, as já conhecidas saias-calças continuarão a sua marcha triunfal.

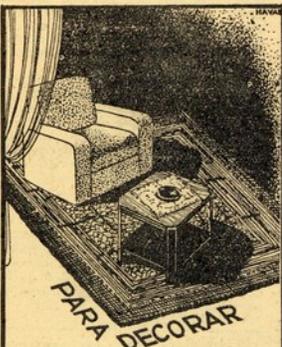
Cabelos chãos de sol



«Lavalan-huile», em cinco minutos apenas, transforma a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. À venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Pôrto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª, D.ª — Telefone 4 3582.



Gaby
COUTURIER
RUA BRAAMCAMP, 8, R.C. D.
TELEF. 4 9730 — LISBOA



PARA DECORAR

Em estofos, cortinados, reposteiros e carpetes, não há em Portugal mais bela e rica colecção que a da

Casa
Africana

RUA AUGUSTA, 161-171



Sêda Líquida Nosel
Fixa
dá brilho
ondula

A ALMA NOVA
DA CHINA

QUE madame Chang-Kai-Chek é hoje o melhor auxiliar do marido, já ninguém ignora. Todos a conhecem. Na China, em Portugal, em todo o mundo! Todos a conhecem, na verdade, mas o que nem todos sabem, é até que ponto a influência desta mulher de energia tem transformado vidas e vontades.

Filha duma família de bastantes meios de fortuna, vivendo num ambiente de cultura e mandada para a América do Norte, para o colégio de Wellesley, no intuito de completar os seus estudos, miss May Ling Soon, a então futura madame Chang-Kai-Chek, conseguiu reunir a uma sólida educação, um vantajoso conhecimento de costumes e ideais. E então, aos poucos, o seu ideal foi-se formando.

De regresso à China, conheceu o general que fôra nessa altura eleito presidente do Governo de Nankin e que se chamava Chang-Kai-Chek. Casaram. Mas o talento desta primeira dama da república chinesa só teve a grande oportunidade de demonstração, depois que o seu esposo e companheiro teve de sair de Nankim. E isto deu-se quando Chang-Kai-Chek foi preso pelo seu próprio subordinado Chang-Hsued-Siang. Então, duas pessoas que velavam pela vida e segurança do general dos exércitos chineses, duas pessoas cuja tenacidade e valentia a muitos deixaram surpreendidos, partiram de avião para o libertar. Foram elas: o seu primeiro-secretário e a própria esposa, a mulher dedicada, intrépida e inteligente, que o destino lhe dera por companheira!

Desde então, uma cooperação íntima, unida e forte se deu entre êsses dois esposos de quem o mundo tanto havia de falar. E caso curioso: devido ao seu grande conhecimento de línguas, madame Chang-Kai-Chek tornou-se a intérprete do marido nas conferências com estrangeiros, cargo que lhe angariou o título de «Ministro do Exterior do Generalíssimo».

Mas madame Chang-Kai-Chek não ficou por aqui. Compreendeu que era necessário entrar na alma do povo, falar com êle, sentir com êle, resolver com êle os pequeninos problemas que na vida íntima os afligia, para poder então encontrar as soluções dos grandiosos e difíceis problemas que encham o destino dum país.

De investigação em investigação, de palestra amiga em palestra amiga, madame Chang-Kai-Chek, indiferente a conselhas e trabalhos, conseguiu colocar num bom caminho o que ela chama o seu grande ideal: a renovação duma raça que já fôra das primeiras entre todas.

Mas, o mais espantoso de tudo, é ainda a sua ímensa modéstia ou grande amor pelo marido, pois quando surge qualquer boa idéa, vinda do casal, ela diz sempre: foi êle! Ele é que pensou assim!...

Mas todos os bons chineses sabem que se o generalíssimo é o homem que os conduz para um futuro melhor, madame Chang-Kai-Chek é também indubitavelmente, a alma dessa Nova China que se está formando com o sacrifício de milhares de vidas!

MARIALIA



Três modêlos "Chez Paris"...



Este vestido negro, para de tarde, criado por Germaine Lecombe, é lindíssimo na sua simplicidade.

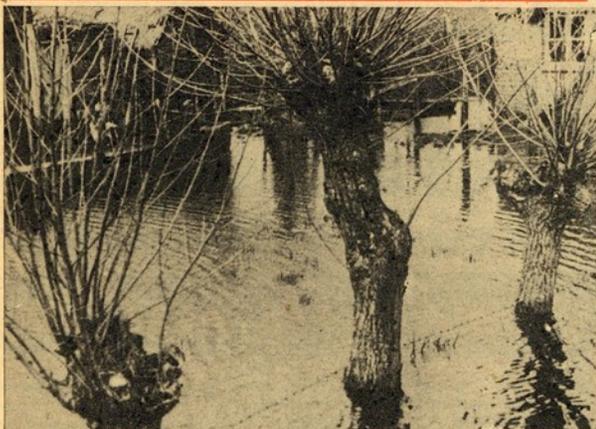


Fath dá-nos também este gracioso vestido em «jersey» branco. Os «drapés» inteligentemente cruzados são todo o seu enfeite.



E aqui está por fim, uma lindíssima saída de teatro que as mais elegantes das nossas leitoras podem apresentar em São Carlos.

NOTAS DE GUERRA



Começou a invasão da Europa. Até agora muito de bom tem acontecido aos Aliados — mas, daqui ao fim, quantos obstáculos não terão que ser ainda vencidos? Aqui damos, por exemplo, um aspecto das inundações provocadas na retaguarda da muralha do Atlântico, contra as forças de invasão.



Ainda outra nota curiosa da invasão: sobre os campos semeados de minas, os alemães espalharam destes curiosos cartazes para avisar do perigo. Estamos em plena Mancha — e não se pode dizer que a foto não contém absoluta actualidade.



Eis uma foto e legenda fornecidas pela informação alemã: um ataque das unidades alemãs e romenas contra os bolchevistas está em preparação. Os generais daqueles dois países discutem, conjuntamente, os detalhes do ataque.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



EDWARD STETTINIUS — Recentemente, os jornais falaram muito do Sub-secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, o homem que substituiu Sumner Welles e que está a trabalhar sob a direcção de Cordell Hull, Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros — ou seja ministro da política externa dos Estados Unidos. Stettinius, de facto, veio recentemente à Europa e conversou longamente com as entidades políticas e militares anglo-americanas. O antigo pastor protestante, homem de negócios e de indústrias, que se fez acompanhar até Londres, por larga comitiva, disse à sua chegada àquela grande cidade: «as Nações Unidas estão mais perto da vitória porque aprenderam a coordenar os seus planos e a combater juntas». Eis uma frase que é uma legenda escrita com letras arrancadas à mais dura das realidades da guerra actual. Vale por um programa — e por uma irrefutável experiência.

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

OS ÚLTIMOS DIAS DE JULHO

1 mês de julho assistiu ainda aos últimos combates que deviam repelir Rommel sem que este, entretanto, devesse considerar-se vencido. Eram os espasmos do ataque gigantesco que podia ter decidido da sorte da guerra e dos destinos do Império britânico. O general Auchinleck, pela energia posta em repelir o ataque alemão numa hora em que tudo parecia desesperado, bem merecia as palavras de compreensão e o louvor com que, no seu país, fôra recebida a notícia da acção que desenvolvera na defesa obstinada da linha de Alamein.

No dia 10 de Julho a 9.ª divisão australiana atacou em Tel el Eisa e ganhou algum terreno ao longo do caminho de ferro que passa a oeste de Alamein, fazendo, ao mesmo tempo, um número razoável de prisioneiros. A réplica alemã não se fêz esperar, conduzida por forças de infantaria e carros, mas o apoio da Luftwaffe revelou-se incapaz de assegurar o êxito dessa tentativa. No dia 12 as posições conquistadas pelos australianos consolidavam-se e a R. A. F. voltava a atacar intensamente as linhas de comunicação do inimigo e as suas concentrações em Marsa Matruih. A cidade de Benghazi sofreu também nesse dia um violento ataque aéreo.

Durante os dias 13 e 14, os combates de aviação prosseguiram, sendo abatidos alguns bombardeiros alemães. Na noite de 14 para 15, os alemães passaram ao ataque em Tel el Eisa. Uma das unidades australianas foi cercada mas conseguiu, embora dificilmente, libertar-se. A resistência naquela posição endureceu, mas os alemães receberam, entretanto, poderosos reforços aéreos. Entre 16 e 18 os combates prosseguiram, cada vez mais enérgicos.

No final da luta os defensores de Tel el Eisa tinham mantido, duma forma geral, as suas posições e feito alguns milhares de prisioneiros, na sua maioria italianos. Esta fase da batalha do Egipto foi das mais violentas e exigiu dos combatentes esforços quase sobre-humanos para manter o ritmo da luta que nenhum dos beligerantes queria deixar cair, dados os inconvenientes que isso implicaria para a sua causa. Dum e doutro lado havia a noção exacta da importância dos acontecimentos que estavam a desenrolar-se naquele teatro de operações.

O FIM DA BATALHA

No dia 20 de Julho, os ingleses desenvolveram grande actividade no mar e no ar. Os aparelhos da R. A. F. atacaram Fuka e Marsa Matruih e os navios



Quando Churchill esteve no Norte de África, conferenciou com Alan Brooke Tedder, Cunningham, Alexander, George Marshall, Eisenhower e Montgomery. Na foto, vê-se também o sr. Eden.

ingleses bombardearam este porto. No dia seguinte o seguinte Auchinleck passava ao ataque, ao longo de toda a linha de batalha. No dia 22 a luta tomou proporções violentíssimas, especialmente na área de Tel el Eisa, distinguindo-se pela sua combatividade os neo-zelandeses e os sul-africanos.

Esta fase da luta saldou-se com alguns ganhos territoriais dos ingleses, que puderam entretanto consolidar as suas posições não sem que defrontassem uma oposição violenta dos alemães e italianos.

Depois do esforço realizado pelos beligerantes, estabeleceu-se uma trégua que se prolongou ao longo de quatro dias até ao dia 28. Nesta altura as hostilidades reconeçaram mas começava a tornar-se evidente que um e outro campos se encontravam completamente exaustos. Os últimos três dias de Julho foram consumidos em «raids» de aviação e bombardeamentos do mar que não podiam alterar, no seu conjunto, a situação que se havia criado ao fim de algumas semanas de esforços titânicos.

O mês de Agosto ia decorrer relativamente calmo naquele teatro de operações, enquanto os dois adversários recebiam reforços poderosos, decididos, como estavam, a renovar a luta logo que para isso surgisse a necessária oportunidade. As perdas em material e equipamento, sofridas pelas tropas de Rommel, eram avultadas. Para as compensar tornou-se necessário fazer chegar de Itália grandes quantidades de material de toda a espécie, cujo transporte não foi naturalmente fácil, dada a vigilância que a aviação e os submarinos da Grã-Bretanha exerciam naquelas paragens.

Apesar disso, os reforços e o material novo que os alemães e italianos receberam durante todo o mês de Agosto eram de molde a proporcionar-lhes o ensejo de retomarem a ofensiva enquanto as condições do tempo permitiam a realização de operações militares no Egipto. Essa era, de resto, a intenção de Rommel, que foi demonstrado pelos acontecimentos que não tardaram a produzir-se.

A VIAGEM DE CHURCHILL

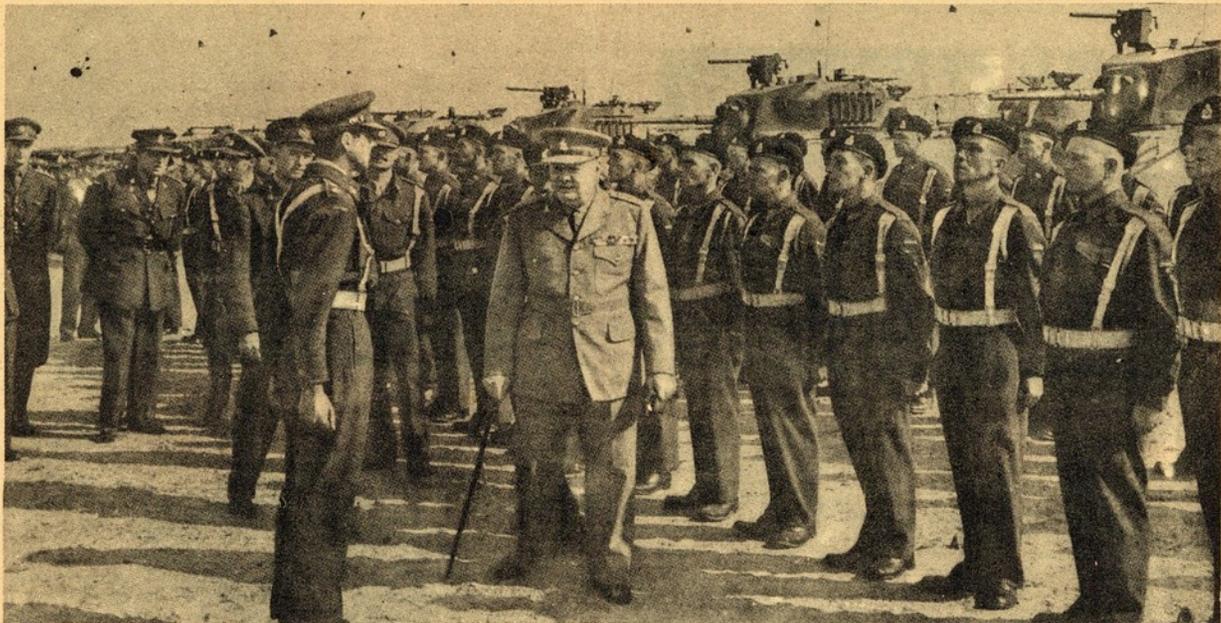
Do lado inglês, porém, a tarefa a realizar não consistia apenas em fornecer novas quantidades de material de equipamento às forças britânicas que se encontravam no Egipto, Rommel não fôra batido, mas apenas detido. Podia, de um momento para outro, renovar a sua tentativa contra o vale do Nilo e o Suez. Essa primeira hipótese tinha de ser encarada imediatamente, criando-se as condições para impedir que ela resultasse.

Havia, por outro lado, a convicção de que as forças britânicas que se encontravam no Egipto não tinham, no quadro geral da estratégia das Nações Unidas, uma função defensiva mas sim uma função ofensiva. E, para desempenhar essa função, não bastava que lhes fossem fornecidos material e equipamento em quantidades suficientes e de qualidades superior àquilo que o inimigo usava.

O 8.º Exército britânico, do comando do general Ritchie, tal como se encontrava constituído à data de se iniciar esta fase das operações, mostrara a sua incapacidade para desempenhar a tarefa ofensiva que lhe havia sido cometida. É certo que a inferioridade do material que utilizara se mostrara inferior à do adversário, sobretudo pelo que dizia respeito ao material blindado. Mas a verdade é que esse exército fôra batido e que o seu chefe não se mostrara à altura dos acontecimentos, que não tinha sabido, ou não tinha podido, dominar.

Tomava-se, portanto, urgente reformar a composição do 8.º Exército britânico, o exército do deserto, restabelecer o seu moral abatido pelo espectáculo da derrota, substituir o seu comando, primeira condição para inspirar um espírito novo às tropas que o compunham. Nas condições em que decorria a luta no Egipto e se efectivava a participação britânica na guerra, não se tratava duma tarefa que pudesse ser confiada exclusivamente ao cuidado dos chefes militares e que pudesse ser resolvida por métodos exclusivamente militares. O problema

tinha características políticas, a que seria necessário atender antes de lhe ser dada uma solução definitiva. Foi para isso que o Primeiro ministro da Grã-Bretanha se deslocou, durante o mês de Agosto, ao Egipto, onde se conservou durante algum tempo.



Churchill pertencera ao 4.º regimento de «hussards». Na sua visita ao Norte da África, o Primeiro Ministro britânico não se esqueceu de visitar essa unidade de cavalaria e aqui o vemos passando revista às tropas.

DECISÕES CAPITAIS

O sr. Churchill, vindo de Inglaterra, chegou ao Egípto pela primeira vez no dia 3 de Agosto. Dessa vez demorou-se ali oito dias, de 3 a 11 de Agosto. Era acompanhado pelo chefe do Estado Maior, general Sir Alan Brooke, e por outros oficiais de alta patente, com os quais estudou detidamente a situação no local. O Primeiro ministro aproveitou o ensejo para realizar uma série de importantes conferências com individualidades políticas e militares que conheciam perfeitamente o estado das coisas no Próximo Oriente.

A sua primeira visita foi para o rei Farouk que lhe ofereceu, em sinal de amizade, o maior charuto com que o sr. Churchill foi presenteado durante toda a sua vida. Depois conferenciou demoradamente com o chefe do governo egípcio, Nahas Pacha, um antigo adversário da Grã-Bretanha que se decidira a cumprir fielmente a aliança anglo-egípcia.

Em seguida o sr. Churchill recebeu sucessivamente o general Auchinleck, comandante chefe no Próximo Oriente, o marechal do Ar, Tedder, chefe da R. A. F. naquele teatro de operações que depois tão grande celebridade devia alcançar, o embaixador britânico no Cairo, Sir Miles Lampson, o ministro de Estado no Próximo Oriente, o australiano Casey, o general Wilson, comandante do 9.º Exército britânico que estacionava no Iraque, o general Wavel, que tão importante papel desempenhara na primeira campanha da Líbia, os generais franceses De Gaulle e Catroux, chefes do movimento da França Livre.

Além destas individualidades, o sr. Churchill avistou-se demoradamente com uma personalidade que devia assumir, no decurso da guerra a partir desse momento, um papel preponderante. Era o chefe do governo sul-africano, marechal Smuts, que viera ao Egípto para se entender com o sr. Churchill. Ligados por uma velha amizade, que datava do tempo em que se tinham batido durante a guerra anglo-boer em campos opostos, ambos advogavam a ideia dum Império britânico progressivo e poderoso, irradiando sobre todo o mundo. As conversações entre os dois homens de Estado prolongaram-se até ao dia 11, data em que o sr. Churchill seguiu de avião para Moscovo, onde deviam realizar-se importantes negociações para o prosseguimento da guerra e para a sua decisão, o mais rapidamente possível.

EM TEHERÃO E EM MOSCOVO

O sr. Churchill conservou-se ausente do Egípto durante seis dias. Foi no decurso desses dias que esteve em Teherão e em Moscovo, realizando importantes conversações e diligências diplomáticas que serão pormenorizadamente descritas noutro capítulo deste trabalho. Não queremos, entretanto, deixar de lhe fazer, desde já, uma referência embora ligeira, para compreensão dos próprios acontecimentos que estavam a desenrolar-se no Norte de África, pois esses acontecimentos não podem ser considerados isoladamente mas no conjunto da guerra de coligação de que a frente egípcia era apenas uma parte.

Na sua viagem de ida e de regresso a Moscovo, a qual constituía o motivo fundamental da sua saída da Grã-Bretanha nessa fase da guerra, o sr. Churchill teve-se por duas vezes na capital do Iran, onde conferenciou com o novo «shah» instalado no trono por decisão da Grã-Bretanha e da Rússia, depois dos acontecimentos do ano anterior que iam fazendo do Próximo Oriente uma zona de influência das potências do Eixo. Poucos dias depois da passagem do sr. Churchill por Teherão, o chefe do governo iraniano pediu a demissão das suas funções, sendo substituído por um veterano da política local conhecido pelas suas afinidades anglofilas, Qavam as Sultaneh.

Em Moscovo, onde se conservou de 13 a 15 de Agosto, o Primeiro ministro da Grã-Bretanha teve uma série de conferências no Kremlin com Estaline, as quais constituíram o primeiro passo para a realização, no momento oportuno, duma estratégia concertada por parte das Nações Unidas, a ocidente e a oriente

do nosso continente. As conversações que decorreram na capital da U. R. S. S. tiveram um carácter predominantemente militar, embora nelas tivessem sido abordados alguns aspectos da situação política e sobretudo das relações inter-aliadas, que exigiam uma revisão constante, dadas as suspeições e as dúvidas que caracterizavam a sua evolução.

Como veremos noutro capítulo deste trabalho, as conversações de Moscovo, seguindo-se àquelas que o sr. Churchill acabava de realizar em Washington, influíram decisivamente no curso da guerra e mesmo no curso da batalha do Egípto, pois esta pôde prosseguir em condições mais favoráveis para a Grã-Bretanha, depois dos dirigentes deste país se convencerem de que a frente leste não cederia sob o peso esmagador dos ataques da Wehrmacht que nessa altura estavam na sua fase culminante.

NOVAS CONFERÊNCIAS NO CAIRO

O Primeiro ministro da Grã-Bretanha regressou ao Cairo no dia 17 de Agosto e iniciou imediatamente os seus trabalhos. Visitou a frente de batalha e esteve em contacto estreito com algumas das unidades britânicas que tinham sido especialmente afectadas durante os últimos combates. Deveu-se também algumas horas em visita à unidade do exército inglês a que pertencera quando oficial de cavalaria, o 4.º regimento de «hussars». Já nessa altura o general Montgomery, como adiante veremos, assumira o comando do 8.º exército britânico, o Exército do Deserto, ao qual devia emprestar, com a sua acção pessoal, uma grande celebridade. O sr. Churchill esteve no seu quartel general móvel, onde conferenciou duante um dia inteiro.

O Primeiro ministro avistou-se, depois do seu regresso ao Cairo, com outras individualidades políticas e militares, entre as quais se contavam: o general Alexander, novo comandante do grupo de exércitos de África, o general polaco Anders, comandante do corpo expedicionário polaco no Próximo Oriente, Lord Gort, governador de Malta, o chefe do governo grego no exílio, Cannelopoulos, o general Quinan, comandante da guarnição britânica no Egípto, o ministro da Grã-Bretanha em Bagdad, Cornwallis, e o príncipe Moahmed Ali, tio do rei Farouk e regente, durante a menoridade deste, que era conhecido como um dos melhores amigos da Grã-Bretanha no Egípto.

Desta série de conversações devia sair a adopção de medidas destinadas a ressaltar a posição britânica no Egípto e em todo o Próximo Oriente e a preparar as últimas decisões relativas à substituição de comandos militares, a qual seria oficialmente anunciada em Londres, no dia 18 de Agosto, e que constituía a primeira etapa para uma transformação radical da situação no Norte de África. Esta devia oportunamente traduzir-se por consequências da maior importância estratégica e política. A essa substituição e as características de que ela se revestiu nos referiremos mais de espaço pela sua significação e pelas suas consequências.

(Continua)





O MELHOR baton

RAPIDE
CREME DE BARBEAR

SEM PINCEL
E
SEM SABÃO

Noite grande de alegria!

(Continuação da pág. 13)

de Peggy e Humberto, os nossos mais populares bailarinos, dois bailarinos de grande classe internacional. Eles mereceram uma das maiores ovações da noite.

Mas o desfile não parava mais. Vello Maria Sidónio, a vedeta da rádio, cantar e bisar, vieram Elsa e Waldo, bailar, à sua maneira, vieram Argenta Monteiro, Maria Amélia e «girls» exibir um gracioso balado inspirado na vida taumática. Até que...

CHEGARAM OS SALOIOS!

E verdade. Em dado momento, houve grande reboliço à porta do Avenida. Corremos para ver do que se tratava e encontrámo-nos em frente de quatro saloios que acabavam de descer dum «táxi».

Os saloios eram, nem mais, nem menos do que Costinha, Irene Isidro, Vasco Santana e Mirita. Tinham acabado o seu número no Maria Vitória e vinham mesmo assim, sem demora de tempo, para o exibir no palco do Avenida, em homenagem às coristas.

Basta dizer que o número alcançou uma ovação extraordinária da qual também compartilhou Alvaro Pereira, o «compère» de «Balle de Máscaras».

De novo, grande movimento à porta do Avenida: era a caravana do Apolo que chegava. Cêra de vinte automóveis, apenas...

Alvaro de Almeida trouxe à cena o seu colega Santos Carvalho, do Apolo, que ia continuar as apresentações. E Santos Carvalho, falsamente acanhado, foi um digno sucessor, nessa maravilhosa parada de estrelas...

ERAM TRÊS HORAS DA MANHÃ!

Eram três horas da manhã, quando saímos, depois de aplaudir Amália Rodrigues e Alberto Reis, num dueto, depois de ouvir as «graças» de Ena de Oliveira, aliás um pouco despropositadas numa festa de Coristas, e de rir com as imitações de Humberto Madeira, das quais a de Adeline Abranches na «Formiga» foi verdadeiramente excepcional. Saímos, ainda se ouvia a voz da Amália Rodrigues, trisando o último fado da noite — dessa noite grande de alegria e de consagração às coristas de Lisboa.

Lá dentro, a casa estava à cunha, transbordava. Cá fora, na rua, não se via viva alma. E muito pacatamente pensámos então que, se a rua não tinha ninguém, é porque toda a gente estava no Avenida...

REPÓRTER DOIS

Casas para os sinistrados

(Continuação da pág. 4)

em lugar de 40 mil — alguns milhões, dessas pequenas casas. Mas aqueles que fazem a guerra — os que a provocam e os que sofrem a provocação — sabem muito bem quanto representa cada minuto de distração da frente de combate. Por isso esperam e nem sequer se lastimam, quando ficam sem lar, nem pão: é preciso que, acima de tudo, se produza metralha e se conjuguem elementos para a decisão final, para a libertação ansiada deste pesadelo da guerra. E quanto mais depressa ela acabar, melhor...

BLASCO IBAÑEZ

A VOLTA AO MUNDO

Com a publicação do 3.º e último volume desta obra, à qual o público e a crítica literária dispensaram o melhor acolhimento, completa-se o roteiro duma viagem extraordinária à volta do mundo que durou seis meses. A tradução cuidada e escrupulosamente revista, é do falecido dr. AGOSTINHO FORTES.

Obra completa com 3 vols. contendo 1.128 págs. 60\$00.

A venda em todas as livrarias e na casa editora — Livraria Peninsular — Rua da Boavista, 57-59 — Lisboa. Telefone n.º 6 1369.

HERMES



A maquina de escrever que triunfou em Portugal!

DISTRIBUIDORES — Sul: M. Simões Jr., Rua da Conceição, 46, 1.º (esquina da R. da Prata), telefone 21672, Lisboa. Norte: Araujo & Sobrinho, Sucrs., Largo de S. Domingos, 50, e filial: Rua dos Clerigos, 8, telefones 235 e 2352, Porto

EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

Outros modelos desde 300\$00

RAINHA DA HUNGRIA



TEM A PALAVRA...

MANUEL ALEXANDRE

Treinador do Amora

A semana passada falou um treinador: Severiano Correia, do Atlético. Hoje, vem ao proscênio outro treinador: Manuel Alexandre.

Este nome é, de há muito, conhecido no nosso desporto. Jogador do Benfica, onde, no espinhoso lugar de guarda-rédes, cumpriu satisfatoriamente, passou depois a uma não menos ingrata missão que é a de árbitro.

Como director de partidas, Manuel Alexandre atingiu culminâncias. Foi considerado um dos melhores árbitros portugueses. A sua presença num campo era garantia segura de autoridade e prestígio. Estes atributos, aliados aos seus vastos conhecimentos técnicos, levaram-no depois aos cargos directivos do Colégio dos Arbitros, onde desenvolveu actividade interessante.

Bom espírito observador, irrequeto, ensaiou, depois, possibilidades jornalísticas. Agora, é colaborador de um diário com uma consciência profissional que muito o dignifica.

Entretanto, Manuel Alexandre desapareceu dos campos da bola como árbitro. Por motivos que não vêm agora ao caso, cortou relações com a causa da arbitragem. Mas surgiu investido noutra função, tão difícil como as que até então desempenhara: treinador!...

Já não desconhecia totalmente a tarefa. De 1932 a 1936, tivera a seu cargo as categorias inferiores do Benfica que, no final dos Campeonatos em que participaram, arrancaram algumas primeiras classificações.

Manuel Alexandre, sempre estudioso, animou-se e aguardou que um clube estranho se lembrasse de si...

Foi o Amora F. C. o primeiro a utilizar-lhe os serviços. Basta olhar o mapa de classificação do campeonato regional setubalense da época que há pouco findou e compará-lo com outros transactos para, facilmente, se avallar da acção do treinador. O Amora não ia além de um sétimo lugar, e ainda há duas temporadas teve de sustentar luta árdua para se manter na sua Divisão, pois fora o oitavo classificado.

Este ano, também entre oito concorrentes, alcançou um quinto posto, o seu melhor resultado de sempre!... Decerto que ninguém negará a influência do orientador técnico. E podia, mesmo, ter conseguido lugar mais notável, se porventura o factor sorte o tivesse ajudado. E esta, aliás, a opinião de Manuel Alexandre:

— Tivemos resultados de autêntica pouca-sorte. Com o Vitória perdemos por 1-0, precisamente no último minuto e depois de um desafio em que dominámos e merecíamos vencer, segundo o testemunho insuspeito e muito desportivo dos próprios setubalenses. Com o Barcelense e o Onze Unidos, embora contando com alguns resultados favoráveis, podia-

mos ter vencido em todos os prélios com aqueles clubes. Mas, vamos, fiquei satisfeito. Porque se obtive a melhor classificação, expressa em cinco pontos de diferença do campeão e porque o grupo já sabe o que quer. Anote ainda, que, em dado momento, a turma ficou privada de quatro unidades, devido às manobras militares.

— Há rapazes com habilidade no Amora...

— Com muita habilidade, mesmo... Dois dêles, dos quais não cito o nome, nem os lugares que ocupam, fariam um sucesso em qualquer elenco lisboeta...

— São atentos?
— São. Disciplinados, correctos. Só assim se poderá fazer algo de jeito...

E Manuel Alexandre ajunta:

— Os directores do Amora têm sido gentilíssimos para comigo. O ambiente que me rodeia é excelente. Só posso dizer bem, sinceramente.

— Continuará portanto no clube...
— Continuarei, realmente, mas vou acumular funções.

— Então?...
— Aceitei o convite do Almadense para treinar os seus grupos.

— Mas o Almadense não val fundir-se com o Pedreirense?

— Deve ir. É uma necessidade para o desporto local. É uma medida inteligente, que só prestigiará quem a votar.

Com um sorriso:

— Seréi então o treinador do novo clube. Desde já lhe digo: a matéria-prima é boa, caso se não disperse após a fusão, o que não deve suceder. Precisa-se de trabalhar muito, é certo, mas não duvido da possibilidade de se ganhar o Campeonato e mudar até de Divisão!

— Confiança demasiada, Manuel Alexandre?

— Não, senhor. Conhecimento exacto dos valores existentes e sua capacidade de rendimento.

— Fala-se com insistência numa escola de treinadores de futebol. Concorda?

— Entusiásticamente. Mas convém não esquecer uma coisa importante: os moldes, a orgânica, que dirigiriam essa escola. Teria de ser frequentada, de facto, por quantos quisessem ser treinadores. E seria professor quem soubesse do mister, conscientemente. Se a escola funcionasse em Lisboa, viriam do Norte e do Sul, os candidatos frequentá-la? Em quanto importa isso?

— Certamente que se criariam umas escolas regionais. E as despesas correriam por conta das Associações ou da Federação...

Manuel Alexandre concorda:

— Claro, há essa solução. E evidentemente que o problema não é insolúvel, mas é muito delicado.

— Não voltará a arbitrar, Manuel?
O nosso interlocutor abre desmesuradamente os olhos, como se lhe tivéssemos falado em Satanaz... E responde com uma energia e convicção que não admite dúvidas:

— Nunca mais. Nem penso nisso. Esqueço-me que existe a arbitragem. Falar dela, só de fuga, cerimoniosamente...

DESPORTO

Uma resposta calma

A nossa terra, ou antes, este bocadinho do Chiado, onde, sem querer, todos nos cruzamos ao voltar da esquina, tem aspectos deliciosos. Não vamos divagar sobre complexos problemas turísticos, nem tão pouco sobre se a poesia que diariamente os varredores nos atiram para os olhos e narinas pode ter qualquer influência no desenvolvimento do bacilo de «Kock»... Nem tão pouco nos queremos embrenhar nas labirínticas deduções do que será o pós-guerra... Nada disso. O bocadinho do Chiado vale muito, pelo pouco que valem certas cabeças que lá se encontram a horas matematicamente exactas...

O leitor sorria, se quiser, mas não nos julgue discípulos de Pittagori... Não cultivamos o paradoxo, por princípio, abstrahindo mesmo da formal condenação que lhe faz o famoso escritor.

— Mas a verdade é esta: ali, naquele trajecto, se trocam impressões mais dispares, sobre assuntos que se não conhecem, em si elogia e se toca o outro extremo, ali se entra na vida do alheio, enfim, ali se resolvem mil e um negócios!...

— Pois bem. A uma das esquinas, que pode ser a da Calçada do Sacramento, por ser a que mais pessoas tem feito escorregar, surpreendemos há dias esta conversa:

— Meu querido amigo: creia que a sua opinião me desiludiu. Esperava mais da sua competência e vamos, vamos, da sua imparcialidade!... O visado não deu tróco, o que levou o contrário a prosseguir, animando-se cada vez mais:

— Bem vê. Regulamentos são regulamentos. Papéis sagrados. Aquilo fala como gente...

Noutro tom, com modos de severidade:

— Isso é que o senhor não devia ignorar. Para si tudo foi mau. Os críticos são muito culpados deste estado de coisas... Não acha?

— Impassível, o visado olhou a montra da casa de loucas. Dava a impressão de um matemático em busca do «Eureka» ou de um mancebo das palavras cruzadas, às voltas com um vocábulo cujo sândimo teima em esgueirar-se...

Aproximámo-nos mais, interessados por aquêle soliloquio, que com certeza se há-de transformar num diálogo mais minuto, menos minuto...

O homem que fala torna a insistir, carregando, porque acha mole:

— É claro que o meu amigo tinha obrigação de pôr o problema de outra maneira. Assim, colocou-me, ou melhor, colocou-nos em cheque.

Peremptoriamente e no género de ultimatum:

— Espero que o meu amigo reconsidere e alguma vez seja gentil...
...E numa rectificação pronta:

— ...quero dizer, imparcial. Falar mal, só, não... E o senhor só diz mal...

O «passivo» olhou-o então, bem de frente, passou a mão pelo cabelo e respondeu, plácidamente:

— Sabe que meia? A Fitina é um óptimo reconstituente cerebral, além de ter outras virtudes importantíssimas!... Aconselho-o a que a tome...»

... ..

Separar-se os dois interlocutores. Ficámos a observá-los. Ignoramos o que terá dado origem àquela conversa, mas afigura-se-nos que o homem que indicou a Fitina, pela sua calma, tinha carradas de razão...

O episódio parecia decalcado a papel químico de muitos outros que, todos os dias, nascem e morrem, naquele bocadinho do Chiado...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

1.500 metros em 3^m 45^s 2/10!

É extraordinário o que o esforço humano consegue quando dirigido para um certo fim. Muitas vezes, ou melhor, sempre que o homem faz um grande feito, éle é produto de anos e anos de paciência, de trabalho aturado e de vontade. Apesar disso, ainda hoje há homens que se dizem desportistas, que não acreditam e julgam possível a improvisação. Em tudo o trabalho é necessário, e no desporto mais ainda. Aquêl que se dedica à vida desportiva tem que se dobrar a uma vida regrada, a um treino contínuo e fortalecer cada dia mais a sua vontade. São assim todos os grandes do Desporto, é assim Anne Anderson, o sueco que percorre os 1.500 metros no «tempo» fantástico de 3 m. 45 s. 2/10, que vemos nesta fotografia.



Repare-se na máscara, denunciando o esforço que está desenvolvendo e o correctíssimo lançamento do corpo, sob o ponto de vista técnico.

1.500 metros em 3 m. 45 s. 2/10 é a prova suficiente de que Anne Anderson não é, nem podia ser, um improvisador.

Escola de corte, costura e chapéus **M.^{me} Justo**

Séde, Direcção e Secretaria: R. de S. Lázaro, n.º 127-1.º

A melhor e mais bem freqüentada de todo o País



Um outro grupo de alunas de uma das aulas, que actualmente freqüentam a Escola M.^{me} JUSTO, rodeando a sua Directora e professoras. Para evitar interpretações erróneas, esta foto nada tem de comum com outras que temos publicado.



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

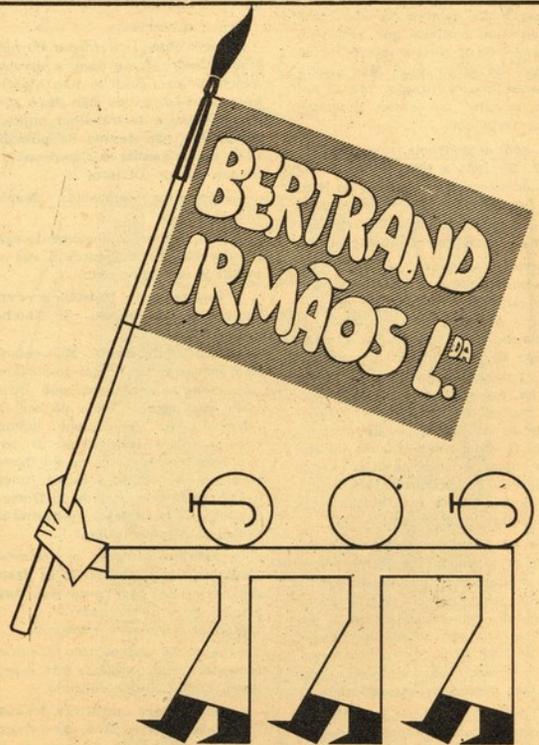
(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 18,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
a			(Meia hora de programa especial)				
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,68	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



Os maiores ateliers gráficos do país

TELEF. P. B. X. (2 1368
2 1227)

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
LISBOA

★ PASTEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

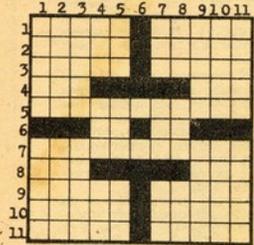
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA À R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 35

Por Jorge Pessoa Pereira (Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Carícia; relativo a duque. 2 — Determinado pelo fado; indivíduo pouco sensato. 3 — Desgasta; tratamento que se dá às freiras. 4 — Título que os Maronitas dão aos seus bispos; primeira pessoa da Santíssima Trindade. 5 — Mulher que amassa farinha para fazer pão. 6 — Grito de dor; outra coisa. 7 — Tranquilizantes. 8 — Misericórdios; medida de superfície, de cem metros quadrados. 9 — Cordão de sapatos; cortais. 10 — Indiquem a data de; divisas de cavaleiros antigos. 11 — Fio de latão; deleitoso.

VERTICAIS: 1 — Torna célebre; fêmea do rinoceronte. 2 — Combinam; fixar a taxa de. 3 — Arremessa; enche de matas. 4 — Qualquer fluido aeriforme; bom gosto; dez vezes dez. 5 — Remoínio na água; adv. designativo de afirmação; escolha. 7 — Lâstimas; ceder gratuitamente; quebre bem a. 8 — Espécie de boi selvagem; o indivíduo de que se fala; rigoroso no cumprimento dos seus deveres. 9 — Arranquei o cabelo em sinal de dor; o deus da guerra segundo a Mitologia grega e latina. 10 — Rebocar; constelação do hemisfério austral. 11 — Decifrar; nádegas (pelefishmo).

PROBLEMA N.º 34

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Crisografia. 2 — Raseira. 3 — Na; iliba; al. 4 — Fro; ora; ore. 5 — Réus; edan. 6 — Alto; acori. 7 — Abassor. 8 — Elica. 9 — Ato. 10 — Pi; em. 11 — Ovo; ola.

VERTICAIS: 1 — Confragoso. 2 — Arel. 3 — Ir; outa; apo. 4 — Sai; sobe; lv. 5 — Oslo; rata. 6 — Geira; sito. 7 — Rib; asco. 8 — Ara; écoa; el. 9 — Fã; odor; Ema. 10 — Arar. 11 — Allenigena.

DAMAS

(Secção espanhola)

De «La Provincia», Las Palmas, Espanha

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

2.º Concurso Conhaque «Terry»

Bases

Este concurso, único na história do jogo de damas, constará de duas partes: uma de problemistas e outra de solucionistas, e regressará pelas seguintes bases:

Problemistas

1.º — Adjudicar-se-ão 3 prémios aos três melhores problemas, finais artísticos, directos, inéditos de autor espanhol ou estrangeiro que reúnam as condições da seguinte base:

2.º — Os problemas têm de ser originais, de chave elástica e inéditos.

3.º — Os prémios serão:

1.º — Uma garrafa de conhaque «Solera Reserva 1883», que vale 125 pesetas ou o seu equivalente em dinheiro.

2.º — Duas garrafas de conhaque marca «Centenario», que valem 60 pesetas ou o seu equivalente em dinheiro.

3.º — Uma garrafa marca «VO» e outra marca «Competidor», que

valem 40 pesetas ou o seu equivalente em dinheiro.

4.º — Os problemas serão remetidos a «La Provincia», Colon 5, Las Palmas, ou ao Dr. Carlos R. Lafora, Nueva 7, Telde. Irão num diagrama que proporcionamos da S. E. P. A., ao preço de 5 centimos (moeda espanhola) cada um, sem nenhuma indicação que faça supor o nome do autor, com um lema e a solução nas costas. Num papel dobrado e colado ou sobrecrito fechado deve ser enviado o nome, o lema e a direcção do autor. Tudo dentro do mesmo envelope.

5.º — O prazo de admissão termina em 1.º de Outubro p. f. Todo o problema cuja estampa de correios seja posterior a esta data ou seja entregue em «La Provincia» depois dela, será recusado.

6.º — Cada problemista pode remeter até doze problemas ou finais. 7.º — Adjudicam-se-ão mais dois prémios iguais ao 2.º e ao 3.º de este Concurso aos dois problemas que sem terem sido desclassificados obtinham menos por cento de soluções.

8.º — O árbitro será o Dr. Carlos Lafora e as normas para classificar os problemas são as que se têm publicado em «La Provincia» desde Dezembro último. No final daremos umas definições necessárias.

(Continua no próximo número, em que apresentaremos as «Bases» para o Concurso dos Solucionistas).

ATENÇÃO!

Ao mesmo tempo que o jornal «La Provincia», de Las Palmas, «Vida Mundial Ilustrada» irá publicando os problemas do Concurso Internacional; porém, os solucionistas portugueses deverão enviar directamente as suas soluções, conforme prescreve a base 4.º. Os problemas que hoje publicamos estão em atraso por terem chegado a Portugal tardiamente.

E, dito isto, iniciemos desde já a publicação dos trabalhos referentes ao Concurso.

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

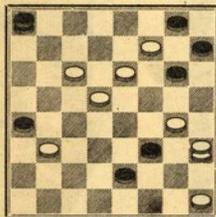
2.º Concurso do conhaque «Terry»

PROBLEMA N.º 1

Lema: «Fas Is»

«La Provincia», 21-6-44 — Las Palmas - Espanha

Pretas 7 peças



Branças 8 peças
Mate em 5 jogadas.

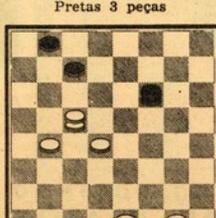
PROBLEMA N.º 2

Lema: «Damafliti»

(Final artístico)

«La Provincia», 28-6-44 — Las Palmas - Espanha

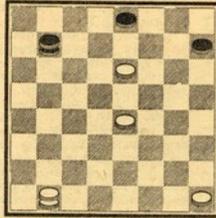
Pretas 3 peças



Branças 5 peças
Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)
PROBLEMA N.º 41 (Concurso)
(Simétrico)

Por: Lusitana (Lisboa)

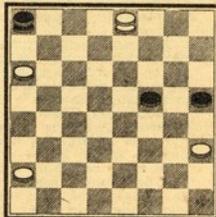


Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 13

Por: Francisco A. Henriques

(Dedicado aos valorosos «damistas» de Santarém, Ex.ªs Srs.: Henrique Ferreira, Júlio Paulino e José Domingos, e ao incansável organizador, Ex.ª Sr. Abílio R. David, pelas muitas gentilezas com que me têm distinguido.)



Jogam as brancas e ganham.

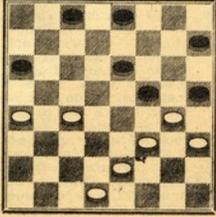
JOGO N.º 8

Este jogo foi disputado no 5.º Campeonato de Lisboa de Jogo de «Damas» entre os casos Júlio César Mourão Patrício (Branças) e Luiz António David (Pretas).

Abertura: 5-3

Branças	Lances	Pretas
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
5-10	3.º	32-28
1-5	4.º	28-23
9-13	5.º	21-17
5-9	6.º	26-21
11-14	7.º	21-18
14-21	8.º	25-18
6-11	9.º	29-25
12-15	10.º	19-12
7-16	11.º	23-19
11-15	12.º	19-12
8-15	13.º	27-23
2-6	14.º	23-19
4-8	15.º	19-12
8-15	16.º

Posição do jogo ao 16.º lance das brancas:



.....	16.º	25-21
6-11	17.º	31-28
11-14	18.º	18-11
3-6	19.º	11-2 (D)
10-14	20.º	17-10
14-19	21.º	2-20
16-32	22.º	22-15
32-1	23.º	15-11
9-13	24.º	Empatam

A NOSSA PAGINA DE HOJE

A página de hoje de «Pastem-po» é dedicada aos nossos confrades e leais amigos srs.: Filipe Alistão Reys Teles Moniz Côrte Real (Angola), Francisco A. Henriques (Almeirim), José Rodrigues Correia (Viseu), José Simões (Caldas da Rainha), Albino Pais (Nelas), Luís António David (Lisboa) e Manuel Tórrres (Valinha-Minho).

Ventura
quere escapar



— Mas, oh sr. Ventura! volto a repetir que este peixe está estragado!



— Isso deve ser paladar de V. Ex.ª. Com um bocadinho de boa vontade o freguês...
— Mas porque insiste você para que eu o coma?



— Eu lhe digo, em segredo: Não vê que se o freguês o não comer tenho eu que o comer na cozinha?...

O MOÇO MISTERIOSO

CONTO DE ANÍONIO RUAS
ILUSTRAÇÃO DE RUDY

QUANDO cheguei ao Rio, empreguei-me como correntista no armazém de secos e molhados da firma Barbosa, Cunha e C., na Rua da Quitanda, 148. De frente, havia um café, onde aí, por volta das duas horas, se reunia, por pouco tempo é claro, a rapaziada portuguesa que trabalhava naquela zona. Era de uso tomar-se, um pouco depois do almoço, uma taça da preciosa rubiana, e os patrões não se importavam de os seus empregados, por turnos, deslizaassem para o café, com pouca demora. A gente trabalhava em mangas de camisa e arregaçada, e no rigor do verão nem se dava ao incômodo de envergarem o casaco, de modo que no estabelecimento havia uma secção, separada com um biombo, destinada aos encamizados. Ai, naqueles momentos que não eram longos, estabelecia-se, ou por outra, iniciava-se uma certa intimidade entre moços patrióticos que laboravam por ali perto, e até entre brasileiros que serviam em casas portuguesas.

Lembro-me, como se fosse hoje, de estabelecer contacto com uns três empregados da firma Pacheco, Costa & C., armazém de armário da próxima Rua do Impietico, que creio já ter mudado de nome. Entre esses jovens, jovens como eu, de 20 a 23 anos, deparei com um brasileiro branco muito branco até, bonito como uma virgem, muito comedido e muito aseado, bastante tímido, que me chamou a atenção. Parecia um pouco feminino, não propriamente efeminado, pela sua delicadeza, até pelo timbre de sua voz, pelo contorno de suas mãos, pela graça do seu sorriso e porque, além de fumar o seu cigarro e de beber o seu copo de cerveja, com regra, não se lhe conheciam inclinações fortes, aquelas inclinações próprias da rapaziada estúrdia, naquelas idades tão cheias de fogo e de insensatez.

Travámos conhecimento, e daí a pouco encontrámo-nos a miúdo, com a roda que o acompanhava, depois do serviço do dia acabado. Na nossa casa e na dele, davam comida aos empregados, mas não alojamento. De modo que nós procurávamos quarto em qualquer parte, não no centro da cidade, já quasi todo ocupado por armazéns e escritórios, mas nos bairros limítrofes, um dos quais, o mais perto, era a Lapa, que confinava com a Glória e o Catete.

Era na Lapa que eu morava, num antigo casarão, bastante anterior ao Senhor Dom João VI, daigum fidalgo português donatário ou qualquer outra cousa, porque se lhe via um brasão na frontaria. Salas amplas, de grande pé direito, construção larga e maciça, dessas que se fazem não para arranhos os céus, mas para ficarem firmes na terra, resistentes aos séculos, aos ventos e às tempestades.

Um português boçal arrendara aquilo, a uma taxa razoável. De algumas salas, fizera com tapamentos «à doc», alguns de lona, dois e três quartos. Eu habitava, com mais três, um aposento que dava para a rua, não dividido pelo homem, mas dividido por nós, que, para conveniência mútua, havíamos delimitado o espaço vital de cada um. Nos quatro ângulos do quarto, havia uma cama e nos contornos da cama, cada um punha a sua tralha, de modo a não invadir a zona do vizinho.

Os ocupantes do local eram: eu, beirão da gema, pois creio que meu pai, das faladas da Serra da Estréla, ainda tinha sangue de Viário; um rapazinho de Viana, minhoto chapado, que dizia *minhaum* por manhã, *bandido*, por vendido, e que nos andava sempre a gabar os esplendores das Festas da Agonia e dos fogos de artifício. E também não deixava de ter certo artifício o rapaz que, sempre que podia, tentava atrapalhar-se nas contas. O terceiro era um ilhéu, o senhor Jardim, que ele pronunciava Jardim, louro, sardento, que me parecia descender daigum daqueles colonizadores flamengos da Madeira, de que por lá há ainda bastantes vestígios, no sangue e até nos nomes de família. Era um rapaz forte, espadado, mas muito ingénuo, e muito sincero. Dizia sempre a verdade e acreditava em tudo. Às vezes, os companheiros ferravam-lhe patranhas que ele engulia de pronto. Eu avisava-o sempre e reprendia os outros, porque se me repugnou sempre a mentira, ainda muito mais me repugna a mentira fa-

ceta, que tem por fim amesquinhar o nosso semelhante. O sr. Jardim era, não só um rapaz bonito, apesar das sardas flamengas, mas uma perfeita jóia, desses seres, dos quais se pode dizer, que por eles não vem maldade ao mundo.

O quarto companheiro era um rapaz que às vezes viajava e que um dia, deslumbrado pelo panorama «yanque», viajou para a Califórnia, a vender sabonetes ou batons às «girls» de Hollywood.

Certo dia, pois, deu-se uma vaga no nosso apartamento. O sr. Francisco, o sub-locatário, perguntou-nos se não conhecíamos algum dos nossos amigos que precisasse de quarto, e pediu-nos para apregoar a vaga. Nesses mesmo dia, à hora do café, inquiri entre os camaradas, se não havia algum que se dignasse ou dignificasse com a nossa companhia. Surgiu, depois de breve hesitação, a voz meliflua do brasileiro branco, bonito como uma virgem, a aceitar-me a oferta.

Eu não sei onde o rapazinho morava, nem creio que ninguém soubesse, porque ele nunca nos deu a moradia. Devia ser lá para os lados do morro das Tijucas, nalgum recanto tropical de bananeiras e imbondeiras, de palmeiras e de ananases, porque se via tomar frequentemente o «bond» para aqueles lados. Como parecia haver qualquer cousa de misterioso em volta do rapaz, ninguém lhe perguntava, também, nada da sua vida. Nós naqueles tempos não éramos curiosos nem coscuvilhios.

Éramos uma mocidade sangüínea, bravía, impetuosa, filhos puros da natureza, sem enredos, sem maldades, sem hipocrisias. Dizíamos o que tínhamos a dizer, sem cálculos, sem querer saber de conseqüências. Filhos duma pátria livre, de instituições livres — éramos do século XIX — onde o homem era o centro da vida, o coração do mundo, sem precisarmos de passaportes, de bilhetes de identidade, e de andar sempre um polícia atrás de nós e o fisco na nossa frente, havia em nós amor, simpatia, lealdade para com o nosso companheiro e o nosso semelhante, adoração pela mulher, desvoto pela inocência e respeito para com os velhos. O mundo, ao depois, mudou muito, julgando alguns que para melhor.

O que sei dizer é que o brasileiro branco, bonito, de mãos bastante afuseladas, veio morar connosco. Coube-lhe a vaga do viajante que se pôs a viajar para a Califórnia, em cata das «girls» do cinema ou daigum jazigo de ouro que não tivesse sido descoberto, quando foi da febre do ouro.

Trouxe duas malas consigo, uma grande e uma pequena. Ah, também trouxe um biombo, cousa barata, mas impermeável e opaca, porque era de lona. Quem carregou aquilo tudo foi uma mulatona forte, com um filho dos seus quinze anos. Nós estranhámos o biombo. Para que diabo traz o Mário o biombo? Mário era o nome de um rapaz, de apelido Alvarenga. Mário Alvarenga, eis como se chamava. Para que diabo traz ele o biombo? — dizíamos nós uns para os outros. Mas queddo-nos, com receio de indiscrição. A noite, na primeira noite, é que o minhoto, mais curioso do que nós, e mais inquiridor, é que se não teve que não perguntasse: Para que é que você, Mário, arranjou esse biombo? O rapazinho fez-se um pouco pálido, perturbou-se ligeiramente e respondeu: «Faz-me impressão a muita luz, e depois amo o sossêgo e quero dar-me a impressão de que estou só. Vocês sabem que o ordenado não dá para alugar uma sala única. Associei-me com vocês por isso e porque são rapazes bons e decentes».

Aceitámos a explicação, sem dar confiança. Esquisitices, dizíamos nós. E não admira, porque é um mocinho tão bom, tão delicado, tão fininho.

— O Mário, dizia-lhe o minhoto, que era colega dele no Armário. — Porque não vai você para S. Cristóvão jogar o foot-ball ao domingo, ou para o Vasco da Gama dar de força ao remo? Desenvolvia essa musculatura, e ficava um rapaz forte, que bonito já você é. Até bonito demais para homem.

— O que o rapaz precisa, atalhei eu por «blagues», é tomar um «porre» de vez em quando e arranjar uma mulata, dessas que dão suspiros.

— Aquil onde vocês me vêem, tenho moça. De misturas não gosto e por isso detesto as mulatas. Isso é bom para vós portugueses, que sois purificadores de sangues. Quanto a «porres», já tomei alguns. Mas não quero abusar, porque ao outro dia fico com a boca a saber-me a chapéu.

Como se vê, lá em respostas não se espantava o Mário. O rapazinho era franzino, mas inteligente. Estava no balcão, mas quando era preciso ia para o escritório ajudar na correspondência, com a sua letra um pouco oblíqua. Já havia máquinas de escrever, «Underwood», «Remington», «Continental». Mas grande número de casas e a casa das casas, a firma Soto Mayor ainda fazia tudo à mão.

Começamos a gostar da companhia e da camaradagem de Mário. Frequentemente encontrámo-nos depois do jantar, na rua Primeiro de Março ou na do Ouvidor e vínhamos até à Lapa a pé. Às vezes topávamos com uma polca que não conhecíamos e um de nós perguntava:

— Há tanto tempo que não te vejo, por onde é que tens andado? E a pobre criatura passava a explicar a sua vida, crente de que o interrogador era velho conhecido, de quem provavelmente ela se não lembrava bem.

O Mário nunca interrogava, mas ria a bom rir, com um riso cristalino, de soprano, das

(Continua na pág. 24)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Trav. Condessa do Rio, 27